



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

**A comunicação facebookiana:
Encontros e desencontros sociais no universo juvenil
mediados pela política partidária**

Wagner da Costa Quintanilha

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Comunicação Estratégica
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Joaquim Paulo Serra

Covilhã, Junho de 2015

Dedicatória

Quando se está diante deste momento em uma dissertação, monografia, tese ou outro documento qualquer, em que precisamos de identificar alguma coisa, ou uma pessoa, vários são os sentimentos: medo do esquecimento e de ferir alguém que contribuiu para que você chegasse até aqui, felicidade por estar conseguindo fechar mais um ciclo em sua vida, ainda preocupado em saber como as pessoas irão perceber o seu texto, enfim, somos levados ao julgo dos leitores, e esses que tem a curiosidade em olhar se estão na lista de dedicatória, se por acaso não se encontrarem, perdão, mas você estará incluso sempre em minha vida.

Desta forma, dedico este momento de prazer a minha saudosa mãe dona Lídia, mulher guerreira, dedicada a família, sempre atenta na criação de seus 7 filhos, viveu pra isso. Mulher da roça, analfabeta, mas de um saber empírico de causar inveja a muitos doutores. Dona Lídia vivia no seu canto, na sua reza; dona Lídia era amor, carinho e devoção, era o desprendimento que só os abençoados e quase perfeitos conseguem ter. E é pra senhora mãe, este momento todo especial de minha vida, e só eu sei o quanto está orgulhosa de mim. Sim! Só eu sei...

Agradecimentos

Gratidão, a palavra chave para o momento.

Minha eterna gratidão...

Aos amigos de minha trajetória acadêmica. Colegas da graduação.

Aos amigos e colegas da docência Irenides, Jocyelma, Edglei, Vladimir, Suzy, Késia Fabiano, Medina, Adriano e em especial a minha eterna mestre e orientadora Valdirene Cássia por me fazer acreditar sempre, Obrigado mestre e Doutora.

Aos acadêmicos do curso de comunicação social do Ceulp/Ulbra que foram de suma importância nesta pesquisa.

Aos professores da UBI pela atenção e carinho com nós estrangeiros.

Aos amigos portugueses que fiz nessa terra de nossas raízes, colegas do mestrado, em especial e com um carinho fraternal ao Tiago Rosado, pessoa fantástica, ao Jorge e a Ana, dois jovens competentes e acima de tudo comprometidos com os estudos, com a família e com as causas sociais.

Aos amigos brasileiros que, longe do nosso torrão natal, foram acalentadores de nossas fragilidades, de nossos medos e dos nossos anjos e demônios: companheira de mestrado Samila, o bom companheiro Paulo Cagliari, Hdom e família, Manoel, Breno, Vanice, Vinícius, e a Sônia Pugas (latina) que me despertou para esse desafio, amigos de todos os momentos.

A minha família, irmãos, irmã, pai, mãe, filhos, sogra e minha admirável e adorável esposa que segurou a “onda” nos momentos mais difíceis e quase insuportáveis na construção deste trabalho, obrigado de coração e saiba que sem você, eu não conseguiria.

Enfim, ao meu orientador, Professor Doutor Paulo Serra, por toda a sabedoria e paciência na arte de repassar seus conhecimentos, tanto na sala de aula, quanto nas orientações, ao senhor Professor minha eterna gratidão, carinho e o meu muito obrigado.

Gratidão a todos!

Resumo

O presente trabalho teve como objeto as relações existentes entre os sujeitos juvenis, o Facebook e a política partidária. Para estudarmos esse objeto, fizemos uma imersão no universo juvenil, com o objetivo de entendermos as identidades, suas nuances, seus conceitos e suas movimentações. Isto porque, do nosso ponto de vista, as transformações fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno são o resultado do momento sócio/tecnológico pelo qual atravessa a sociedade. A pesquisa caracterizou-se pela abordagem qualitativa, de cunho descritivo. Foram realizadas observações dos perfis do Facebook de uma amostra de jovens do curso de comunicação social do Ceulp/Ulbra - Palmas, Capital do Estado do Tocantins-Brasil e entrevistas semiestruturadas com os mesmos. Os jovens envolvidos em nossa pesquisa vivem intensamente o universo da cibercultura, se encontram, formam pares, se relacionam; trocam informações e conteúdos, enfim, se completam no mundo do ciberespaço. Embora os envolvimento juvenis nas redes sociais representem o grande destaque das intervenções sociais/tecnológicas, quando se fala das relações juventude/Facebook/política, conclui-se que a interação já deixa a desejar, ou seja, esses jovens não se aliam a interesses comuns de consumo político, sendo ainda capazes de discutir criticamente as intervenções político-partidárias no Facebook e nas redes sociais.

Palavras-chave

Cibercultura; Juventudes; Identidades; Políticas partidárias; Facebook.

Abstract

This work had as its objective an analysis of the relationship between juvenile subjects, Facebook and partisan politics. To achieve this objective, we immersed ourselves in the juvenile universe in order to understand their identities, their nuances, their concepts and their movements. This is because, from our point of view, the changes giving rise to new identities and fragmenting the modern individual are the result of the current socio / technological point that spans society. The research was characterized by the qualitative approach, descriptive in nature. Observations were made of Facebook profiles of a sample of young students of the Social Communications course at Ceulp / Ulbra - Palmas, capital of the State of Tocantins. Semi-structured interviews were also undertaken with these students. Young people involved in our research intensely live the world of cyberculture, find each other, and form relationships. They exchange information and content and, ultimately, complement the world of cyberspace. Although youth involvement in social networks represents the highlight of the social / technological interventions, when speaking of youth relations / Facebook / policy, it is concluded that the interaction is insufficient: that is, these young people do not combine the common interests of political consumption, although they are able to critically discuss the political party interventions in Facebook and social networks.

Keywords

Cyberculture, young people, identities, party politics, Facebook

Índice

Dedicatória.....	iii
Agradecimentos.....	v
Resumo.....	vii
<i>Abstract</i>	ix
Índice.....	xi
Lista de Figuras	xiv
Lista de Tabelas e Gráficos.....	xvi
Introdução.....	1
Parte I. Enquadramento teórico.....	6
Capítulo I. Construção das identidades juvenis em tempo de cibercultura: dos olhares aos fragmentos das juventudes.....	8
1.1. A sociedade contemporânea e o caráter líquido das identidades.....	8
1.2. As identidades juvenis no contexto contemporâneo.....	11
1.3. As identidades no universo virtual.....	12
Capítulo II. As teias das redes sociais	16
2.1. As marcas e as virtualidades.....	16
2.2. O ciberespaço em tempos lúdicos	17
2.3. A cibercultura e os seus rastros.....	18
2.4. Sujeitos juvenis em tempos de cibercultura.....	23
2.5. Redes sociais: conectando sujeitos, construindo outras subjetividades.....	25
2.6. Rede social: Facebook.....	26
2.6.1. Thefacebook.com.....	27
2.6.2. Esses jovens sujeitos no Facebook	31
Capítulo III. Espetacularização da política partidária como fenômeno midiático	33
3.1. Um olhar para a natureza da política segundo Aristóteles.....	34
3.2. Sujeitos, atores políticos e a teatrocacia em nome do poder.....	35
3.3. Política em tempos de tecnologias contemporâneas.	37
3.4. A política brasileira	40
3.4.1. Getúlio Vargas, um “ditador” com viés para a comunicação	42
3.4.2. Um novo olhar, uma nova imagem	43
3.4.3. A política e a internet: uma realidade virtual?.....	47
Parte II. Estudo empírico	49
Capítulo IV Metodologia e desenho da investigação.....	50
4.1. Problematizando o tema.....	50
4.2. Objetivos e hipóteses	50
4.3. Metodologia.....	51
Capítulo V A pesquisa: sujeitos na rede, passos a observar, caminhos a desvendar.....	55

5.1. O cenário deste encontro.....	56
5.1.1. O território da desbravar.....	57
5.2. Interlocutores: os sujeitos juvenis da narrativa.....	58
5.3. Interlocutores: a pesquisa e o que dizem nossos sujeitos	72
5.3.1. Categorias e suas necessidades.....	74
5.3.2. Os sujeitos da ação se identificam.....	75
5.3.3. As relações: Indivíduos/redes/Facebook.....	77
5.3.4. As relações: Indivíduos/política partidária/Facebook	78
Conclusão	83
Referências.....	86
Anexos	i
Anexo 1: Autorização do acadêmico Paulo Cesar Carneiro	iii
Anexo 2: Autorização da acadêmica Hérica Rocha Borges Feitosa	iv
Anexo 3: Autorização do acadêmico Saullo Martins Moura	v
Anexo 4: Autorização do acadêmico Rafael Felipe R. de Souza.....	vi
Anexo 5: Autorização do acadêmico Walquerley Barros Ribeiro	vii

Lista de Figuras

Figura 1 - Movimento Diretas Já - Praça da Sé, São Paulo 1982.....	44
Figura 2 - Foto noturna de Palmas/Tocantins/Brasil.....	56
Figura 3 - Em cena os atores.....	69
Figura 4 - Perfil de Hérica Rocha no Facebook	62
Figura 5 - Timeline de Hérica Rocha.....	63
Figura 6 - Perfil Paulo Cesar Carneiro no Facebook.....	64
Figura 7 - Timeline Paulo carneiro.....	65
Figura 8 - Perfil Rafael Felipe no Facebook.....	66
Figura 9 - Timeline Rafael Felipe.....	67
Figura 10 - Timeline de Rafael Felipe.....	67
Figura 11 - Timeline de Rafael Felipe.....	68
Figura 12 - Perfil de Saullo Moura no Facebook.....	69
Figura 13 - Timeline de Saullo Moura.....	70
Figura 14 - Perfil de Walquerley Ribeiro no Facebook	71
Figura 15 - Timeline de Walquerley Ribeiro.....	72
Figura 16 - Sujeitos da Pesquisa.....	73
Figura 17 - Hérica por Hérica.....	75
Figura 18 - Paulo Carneiro por Paulo Carneiro.....	75
Figura 19 - Rafael por Rafael.....	76
Figura 20 - Saullo por Saullo.....	76
Figura 21 - Walquerley por Walquerley.....	76
Figura 22 - Sujeitos se encontram.....	77
Figura 23 - Print do chat/Facebook/Wagner/Saullo.....	79

Lista de Gráficos e Tabelas

Infográfico 1 - Timeline histórico do Facebook.....	29
Infográfico 2 - Os 10 anos do Facebook.....	30
Infográfico 3 - Primeiros olhares sobre os jovens.....	53
Tabela 1 - Relação dos <i>posts</i> dos interlocutores.....	62
Tabela 2 - Temas e Abordagens da Pesquisa.....	75

Introdução

A comunicação, bem como seus processos e suas ferramentas, sempre esteve relacionada com o convívio diário dos indivíduos. Uma relação que, durante milhares de anos foi tomando forma, evoluindo, e conseqüentemente modificando costumes, interesses sociais e culturais. Movimentando continuamente as relações entre os indivíduos e os universos em que os mesmos estão inseridos.

Das primeiras aventuras numa tentativa de se comunicar, aos dias atuais, a comunicação evoluiu numa narrativa composta de pesquisas, experimentos e descobertas. E o fenômeno é real; o resultado é uma comunicação ágil, rápida e dinâmica. De Gutemberg a internet, cerca de cinco séculos de profundas revoluções sociais, culturais, tecnológicas e econômicas, que, de certa forma, contribuíram e continuam a contribuir para a evolução da sociedade. Pois a evolução de uma sociedade está intrinsecamente ligada à sua comunicação.

Dessa forma, todo esse movimento evolutivo está entrelaçado e interconectado numa enorme teia, que é tecida diariamente por bilhões de pessoas em volta do mundo. Relações essas presentes numa nova ordem social que, com o advento e o desenvolvimento da Internet, propiciou um novo espaço de comunicação, informação e de produção de conteúdos, abrindo novos horizontes, permitindo uma via de mão dupla, um ir e vir, onde os sujeitos deixaram de ser meros expectadores, e passam a autores, protagonistas ou antagonistas de sua própria história. A comunicação em tempos contemporâneos deixou para trás o velho conceito do comunicar de forma unilateral, de um para um ou de um para todos, expandindo-se para uma comunicação de todos para todos, e ao mesmo tempo, de todos para um, ou vice-versa.

Vivemos um novo contexto, o da comunicação de alcance mundial, que surgiu pelas veias da World Wide Web, que possibilitou ainda a cooptação das várias formas de comunicar numa única plataforma. A convergência permitiu que os indivíduos da contemporaneidade, sujeitos dessa nova narrativa social, adentrem a esse universo virtual ou simplesmente ciberespaço, que é um espaço de sociabilidade atraente, envolvente e aparentemente democrático. Com apenas alguns “clicks” ou um simples toque estamos conectados, percorrendo distâncias antes inimagináveis. As fronteiras geográficas caem por terra no correr do *mouse*; são anos, milênios dos distanciamentos culturais que ante as tecnologias contemporâneas se alocam no mesmo endereço, a rede mundial de computadores.

As redes seguem sendo tecidas interligando municípios, estados, países e continentes por intermédio de fibras óticas ou pelas ondas eletromagnéticas. Os periféricos se renovam, e inovam os modelos comunicacionais que se tornam objetos de desejo dos indivíduos da contemporaneidade.

Neste processo evolutivo e de escalas rápidas, o aparecimento da web 2.0¹ possibilitou mudanças essenciais na utilização da virtualidade, sendo os bancos de dados armazenados na própria internet, facilitando as novas formas comunicacionais como as redes sociais digitais, que surgem ao princípio silenciosas, mas ganham posteriormente espaço nos mais variados segmentos da sociedade.

As redes sociais eclodem no universo da virtualidade e ganham proporções mundiais, muitas vezes tornando-se sinônimo da própria internet. Em nossas relações sociais virtuais nos deparamos, na maioria das vezes, com os mesmos sujeitos de nossa esfera do mundo real. Em tempos contemporâneos a realidade e a virtualidade intersectam-se, de tal modo que para se transpor de um mundo para o outro basta apenas estar conectado.

Dentre os mais diversos sites de relacionamentos contidos no ciberespaço, o Facebook foi o que ganhou maior projeção nos últimos dez anos. Uma rede social digital criada para a satisfação e o prazer de jovens universitários saltou os muros das academias e ganhou o mundo. A sociedade facebookiana, com seus mais de um bilhão e trezentos milhões de seguidores, representa uma grande fatia da população mundial, uma plataforma sem diferenças sociais, raciais, econômicas e religiosas. Com as devidas proporções, ela constitui um continente politicamente correto.

De forma singular, a rede social Facebook pluralizou e permitiu relações a nível de muitos segmentos sociais, entre eles a política partidária. Sendo assim, nosso objetivo nesta pesquisa foi justamente compreender a relação entre três elementos distintos: a rede social Facebook, a política e as juventudes contemporâneas.

Delimitando o tema para um questionamento que é muito pertinente na sociedade contemporânea, justifica-se entender se a juventude sofre influência dos conteúdos políticos divulgados nas redes sociais, no nosso caso o Facebook. Assim, surgiu o nosso problema de pesquisa: Que impactos os discursos político-partidários disseminados pela rede social Facebook podem causar nos públicos juvenis da capital do estado do Tocantins-Brasil no que se refere à tomada de decisão do voto? Afinal, somos produtos de um meio que vive há anos a espetacularização dos eventos políticos por intermédio das tecnologias da informação e comunicação contemporânea.

Definidos o problema de pesquisa e as questões orientadoras, traçamos então o objetivo desta pesquisa que é Investigar e discutir que impactos políticos partidários os discursos disseminados pela rede social Facebook podem causar nos públicos juvenis da capital do estado do Tocantins-Brasil, no que se refere à tomada de decisão do voto.

¹ A Web 2.0, segundo Tim O'Reilly, é a "mudança para uma internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Entre outras, a regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência coletiva" (O'Reilly, 2005, p.3. Disponível em: http://www.oreilly.com/catalog/web2report/chapter/web20_report_excerpt.pdf. Acessado em 17 de maio de 2015)

Para atingirmos o nosso objetivo geral, passamos pelos seguintes objetivos específicos: 1) Analisar as narrativas dos posts político-partidários compartilhados no Facebook; 2) Entender o processo de construção simbólica da relação entre o público juvenil e a política no ambiente do Facebook; 3) Apurar se a rede social Facebook contribui para a decisão de voto dos eleitores jovens usuários dessa rede.

Essas diretrizes possibilitaram a caracterização do corpus da pesquisa e os rumos da dissertação. De forma a responder ao problema atrás enunciado, foram formuladas duas hipóteses: 1) Os discursos político-partidários disseminados pela rede social Facebook são avaliados de forma crítica pelos públicos juvenis da capital do estado do Tocantins-Brasil; e, conseqüentemente, 2) Os discursos político-partidários disseminados pela rede social Facebook não determinam a tomada de decisão do voto por parte dos públicos juvenis da capital do estado do Tocantins-Brasil. Para alcançarmos nosso escopo, a pesquisa, que se desenvolveu totalmente no ciberespaço, foi alicerçada no método netnográfico, que representa a aplicação do tradicional método etnográfico ao estudo de comunidades virtuais e da cibercultura, e que “[...] consiste na inserção do pesquisador no ambiente, no dia-a-dia do grupo investigado” (Vergara 2005, p. 73).

Optámos, assim, por uma pesquisa de cunho qualitativo, pois a mesma nos permite entender o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a uma busca mais aprofundada das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (O caminho metodológico deste estudo será descrito detalhadamente em capítulo específico).

Para desenvolver o argumento da dissertação, todo um processo foi construído a partir de nossas leituras e orientações. Assim, o presente trabalho se encontra articulado em duas partes: a uma primeira, onde é feita a revisão da literatura, se divide em 3 capítulos; a uma segunda, onde tratamos da pesquisa empírica, se divide em 2 capítulos.

Em nosso primeiro capítulo, intitulado “Construção das identidades juvenis em tempo de cibercultura: dos olhares aos fragmentos das juventudes”, buscamos o entendimento e uma aproximação do conceito de identidade. Sendo um pouco mais objetivo em relação a amplitude do tema, neste capítulo fizemos um mergulho no universo das identidades juvenis em tempos de contemporaneidade, e que constituem identidades híbridas no espaço da cibercultura. As identidades juvenis, características de sujeitos fragmentados, são um fenômeno próprio da relação desses sujeitos com as tecnologias da informação e comunicação. Somos levados ao entendimento de que estamos diante de novos sujeitos, leves, soltos, e que pretendem viver a dinâmica de uma liberdade sem preconceitos nem cobranças. Percebemos ainda que as mudanças provocadas pela inquietação e fruição desses jovens atores formam o alicerce de uma geração em movimento contínuo. São jovens que interagem na busca de seus pares, numa condição de semelhança; para eles o longe é tão perto e o nunca é um lugar comum. É nessa qualidade que o ciberespaço permite que os sujeitos juvenis se encontrem, se transformem, se projetem e adquiram seus novos conceitos e subjetividades.

No capítulo 2, “As teias das redes sociais”, o nosso foco se voltou para as relações sociais desses sujeitos juvenis com as tecnologias contemporâneas. Fizemos uma discussão sobre esse novo sujeito no espaço virtual, como ele se relaciona com esse momento da comunicação mediada pelas redes sociais digitais, onde o local, o regional e o global caminham numa mesma corrente, e as distâncias foram quebradas. Neste capítulo fomos, de certa forma, orientados por dois estudiosos do ciberespaço e deste infinito e inquietante espaço virtual, Pierre Lévy e André Lemos. Ambos nos indicaram caminhos, facilitando nosso entendimento do papel do sujeito na esfera social/contemporânea. Ainda neste capítulo, desvendamos o ciberespaço, com sua cibercultura, os movimentos dos indivíduos contidos e tecendo suas teias nas redes sociais, onde as barreiras do tempo e espaço, bem como as fronteiras que limitavam a sociedade foram diluídas, propondo novos ares de sociabilidade, novos territórios, novas identidades e práticas sociais. Outro fator importante debatido neste capítulo foi a inclusão digital, que em um país como o Brasil é um passo a mais para fugir dos modelos tradicionais em que os governantes cerceiam informações e estancam a vazão de conteúdos, principalmente os oficiais. Diante desse fato, a inclusão digital aparece como a verdadeira democratização da comunicação. Aqui adentramos no universo desses jovens que se aliaram e contemplaram juntos o maior fenômeno da comunicação mundial, o Facebook, e fizeram a maior revolução da era da comunicação, apelidada por Castells (1999) de “sociedade em rede”.

No terceiro capítulo, “Espetacularização da política partidária como fenômeno midiático”, fizemos uma imersão no terreno da política, em primeiro plano com um viés filosófico, alicerçado no seu surgimento na Grécia antiga. Neste contexto, Aristóteles é sabidamente o primeiro que pretendeu entender, de forma sistemática, a ordem social na *polis*. Entendemos que a política é um fenômeno existente no seio da sociedade e se manifesta constantemente em nossas vidas, em nossas relações sociais e culturais. Do movimento grego, berço da política e da democracia ocidental, aos dias atuais, muitos foram os movimentos, revoluções e transformações que deram seus contributos. Dessa forma, as tecnologias da comunicação, e o surgimento dos novos meios como o jornal, o telex, o telefone, o rádio a televisão, e atualmente a Internet, se transformaram, cada um em sua época, em mediadores das manifestações e interesses dos sujeitos/políticos. Nesta perspectiva, este terceiro capítulo demonstrou que o desenvolvimento tecnológico que alcançamos e as relações que foram sendo suscitadas com o campo político se transformaram no fenômeno que é a espetacularização da política partidária, que visa angariar e conquistar votos e eleitores, e conseqüentemente o poder. Poder político que, segundo Balandier (1999), emana das encenações dos sujeitos/atores políticos nos mais variados palcos, de uma teatrocacia que procura legitimar informações persuadir os cidadãos/eleitores. Ainda neste terceiro capítulo, a política brasileira é observada e explanada no contexto histórico e sócio/cultural de um país que passou por uma independência tumultuosa, viveu sobre regências imperiais e alcançou a república através de golpes políticos. Menciona-se, a propósito, os vários movimentos políticos e ditatoriais que geriram o Brasil do século XX, bem como a redemocratização do país.

Na segunda parte de nossa dissertação trabalhamos o lado empírico de nosso estudo, procurando uma junção do prático e teórico em busca de resultados sólidos.

No primeiro capítulo desta parte apresentamos a metodologia da pesquisa, tornando explícitos os métodos e técnicas utilizados para a recolha de dados.

No segundo capítulo apresentamos a análise dos principais dados recolhidos, bem como a sua discussão à luz do embasamento teórico apresentado na primeira parte.

Por último, contextualizamos as conclusões e as considerações finais sobre nossa pesquisa.

Parte I. Enquadramento teórico

Capítulo 1. Construção das identidades juvenis em tempo de cibercultura: dos olhares aos fragmentos das juventudes

O conceito de identidade, em suas variadas nuances, tem sido ao longo dos anos objeto de estudo das mais variadas áreas de ensino, abrigando versões de cunho psicológico, filosófico, antropológico ou sociológico. Nesse contexto, o presente capítulo aborda o tema da identidade na sua face mais contemporânea: as identidades híbridas, próprias dos sujeitos juvenis, e advindas de suas relações com as tecnologias da informação e comunicação.

1.1. A sociedade contemporânea e o caráter líquido das identidades

Uma roda gigante gira, sobe e desce, passageiros dessa roda se deparam com um turbilhão de pensamentos, olhares que se cruzam e se dispersam pela cidade, que agora sob os pés, não passa de fragmentos que compõem um universo coletivo e imaginário daqueles que buscam em suas subjetividades elementos capazes de estabelecer uma relação do “eu” com o “todo”, provocando, assim, o que podemos tratar por identidades híbridas. Nesse contexto, as “identidades híbridas”, defendidas por Hall (2006), são formadas e construídas a partir da mescla de informações possibilitadas pela globalização.

O tempo e espaço já não são empecilhos aos diálogos entre culturas e tradições, cultuadas pelas mais eminentes e distantes sociedades. Essa compressão nasce dos apontamentos e perspectivas do mundo contemporâneo, onde as identidades nacional, regional e local vivem em declínio. No entanto, o autor defende a ideia da globalização não como um apagamento de identidades ou culturas nacionais, mas sim, como deslocamento ou descentramento das mesmas. As sociedades contemporâneas, onde a fusão entre tradições culturais acontece, apresentam mudanças constantes, provocando discussões e ao mesmo tempo cooperações.

Esse embate de ideologias, sentimentos e enredos sociais, arquitetado pela globalização, é que permite o surgimento de novas culturas. Desse modo, facilita o entendimento desse novo sujeito e suas relações com as novas identidades, que não mais pertencem a grupos específicos, e sim a um processo individual de construção. O sujeito perde as amarras das normas sociais antes estabelecidas pelas sociedades de forma cronológica. As identidades são livres, e se permitem fluir. Tornam-se híbridas. Nesse viés, os pensamentos são díspares, soltos, sem limites.

A evolução das relações sociais estabeleceu um fio condutor globalizado: “*selves*” disparados quase que em tempo real, instantaneamente interligando indivíduos dos mais distintos tipos de identidades. Assim, nos deparamos com um momento de transformação. Pelas observações de Hall (2006), as velhas identidades que durante anos foram balizadoras do mundo social estão em

decadência. O indivíduo por si, naturalmente eclode em sentimentos de mudança e se transforma pelas circunstâncias sociais impostas pelo mundo contemporâneo.

Ao longo da história, muitos estudiosos mergulharam em discussões em torno das identidades. Conforme Duque (2012), “Heráclito sentenciava a impossibilidade de banhar-se duas vezes no mesmo rio, Isto é, a radical negação da conservação da identidade do rio e do próprio homem consigo mesmo, tudo estando mergulhado num eterno devir, nada permanece constante” (p.1). Um apontamento para as mudanças naturais, ou seja, nada é imutável, o simples encontro de dois objetos leva a mudanças.

Seguindo os apontamentos de Duque (2012), outro filósofo que se debruçou sobre o tema foi Kant, que discutiu a identidade usando como pano de fundo duas gotas de água na vidraça, “onde é possível abstrair totalmente de qualquer diferença interna (de qualidade e de quantidade), mas basta que elas sejam intuídas, simultaneamente em lugares diferentes, para as considerar numericamente diferentes” (p.2). Para além do tempo e espaço, acentuados do ponto de vista dos filósofos, existem os olhares para as relações sociais e seus fenômenos.

Segundo Goffman (1985), o ser humano vive em constante mutação social, ou seja, a todo o momento ele está envolvido com os mais variados públicos, desde os filhos e esposa na permanência de seu lar, até os colegas de trabalho ou os amigos em um restaurante. É nesse performático movimento que acontecem as relações sociais, o indivíduo “singular” utilizando-se das formas de comunicação que “pluralizam” a interação, fato esse que o autor define em linhas gerais como “influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata”. (p.23)

Os entendimentos metodológicos das relações sociais se apoiam no comportamento humano em sociedades e suas manifestações. Eles envolvem uma narrativa associada ao indivíduo, que pode ser ator/autor de sua própria história e, dentro dessa dramaturgia, pode mudar o texto, modificar o elenco, ser o herói ou o bandido, criar seu próprio “eu”, situar-se no conceito de *self*, se envolver com outros atores sociais, e assim estabelecer uma relação entre o mundo e sua vida cotidiana.

Destarte, em tempos de contemporaneidade, parte-se do pressuposto que as transformações do indivíduo acontecem gradativamente associadas ao seu cotidiano, partilhando, por isso, os valores de um tempo, com suas marcas e seus movimentos, participando de uma família e de uma comunidade de sentido. Comunidade de sentido aqui na perspectiva de Janotti Junior (2010):

Comunidades de Sentido são agregações de indivíduos que partilham interesses comuns, vivenciam determinados valores, gostos e afetos, privilegiam determinadas práticas de consumo -manifestam-se através de processos midiáticos que se utilizam de referências globais da cultura atual, obedecendo a determinadas produções de sentido em espaços desterritorializados. É a vivência desses sentidos, através do consumo de determinados objetos culturais, que permite a um indivíduo reconhecer seus pares, independentemente do território em que esses sentidos se manifestam. (Janotti Junior, 2012, p.2)

Stuart Hall (2006) aponta para o sujeito da contemporaneidade como um ser plural, heterogêneo, pois nossa realidade advém das relações sociais. O sujeito singular se perdeu no tempo e espaço; centrado nessas relações surgem os deslocamentos, ou seja, o indivíduo se torna flutuante em mares revoltos, oscila frente às novas realidades, de forma muito rápida muda de postura, absorve influências e se automodela continuamente, por esse prisma um “eu” real, fixo e verdadeiro é utópico no atual contexto. (p. 3)

Sendo assim, a quebra de paradigmas é uma constante na contemporaneidade, onde os posicionamentos dos sujeitos extrapolam a razão e a emoção, vivem em torno de uma dinâmica que surge pela queda e o (re) surgimento de novas culturas. Culturas essas que até então se esbarravam nas fronteiras de tempo e espaço, e que hoje perderam seus limites, devido ao fenômeno evolutivo da informação e comunicação, fundamental para o dinamismo e as mudanças das questões sociais e humanas. Conforme Hall (2005), novas identidades estão surgindo.

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (Hall, 2006, p.7)

O fenômeno fez cair por terra a velha máxima de que “a história se repete” e aviva os processos que direcionam para o rompimento da vida social moderna com as amarras da tradição. Por esse viés, a identidade fixa, rígida e unificada é deixada para trás. A palavra chave desse momento identitário é “hibridismo” que, aliado ao sincretismo, se funde criando novas formas de cultura. Por isso, as identidades em tempos contemporâneos são flexíveis, se encaixam e se deslocam num devir abrupto, causador de traumas ou divergências culturais.

A complexidade com a qual se depara o indivíduo nesse contexto de sujeito fragmentando e híbrido, é o que remete às divergências do “eu” subjetivo em relação às necessidades objetivas das identidades culturais. Assim, Hall (2006) adverte que “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.” (p.12). Dessa forma, o autor defende que as transformações, deslocamentos e fragmentações das identidades culturais na contemporaneidade configuram uma “crise de identidade”. E reforça:

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento—descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (Hall, 2006, p.9)

Segundo Bauman (2005), as “novas” relações promovem interferências no convívio e na construção do cotidiano do sujeito, entrelaçam nas relações sociais produzidas pelas inúmeras informações originadas pela globalização; assim, refletir sobre esse sujeito na era da globalização nos remete a insegurança, carência, dúvidas e ausências, pois é do nascedouro que o sujeito (humano)

deseja pertencer a algum lugar. Neste sentido, o deslocamento imposto pelas várias incertezas do mundo contemporâneo é o que gera a “crise de identidade” apontada por Hall (2006) ou o “colapso do sujeito moderno” apontado por Bauman (2005).

No universo contemporâneo, as identidades culturais emergem da pertença dos indivíduos as mais variadas classes (sociais, culturais, políticas, religiosas), bem como do gênero (masculino, feminino ou outro) e da faixa etária. E aqui é pertinente estabelecer a necessidade de adentrarmos no contexto da formação da “identidade juvenil”, e no âmbito de suas características culturais e sociais.

1.2. As identidades juvenis no contexto contemporâneo

“Morrem as faixas etária, morre o trabalho, morre o corpo natural, desmorona a demografia, multiplicam-se as identidades móveis e nômades.” (Canevacci, 2005, p. 29)

Nesse contexto de leveza, ausência de peso, mobilidade e inconstância das identidades atuais, uma nova concepção de jovem se instaura, prescindindo das barreiras tradicionais sociológicas ou biológicas. Em decorrência disso, o conceito de jovem tornou-se dilatado e plural, uma fronteira esfacelada para se chegar à condição adulta. Cada juventude passou a definir-se e reinterpretar a sua maneira o que é ser jovem, em um movimento de extrema incerteza, imprecisão e instabilidade.

Assim, Canevacci (2005) acentua que “Lá onde o olhar adulto só vê uniformidade, para os olhares intermináveis do jovem dilatam-se diferenças vitais, pequenas minúcias apaixonantes, identidades micrológicas”. (p.34) As diferenças existentes entre os conceitos identitários nos remetem a percepção da condição dúbia das identidades efêmeras. Por esse olhar entende-se que jovens dispõem da capacidade de ver o todo por meio de seus fragmentos, explorando-os de acordo com suas circunstâncias e necessidades.

A condição de autotransformar-se é ilimitada na contemporaneidade. As distinções entre faixas etárias deixaram de funcionar, e os jovens tornaram-se sujeitos atemporais. O ser “jovem”, nesse sentido, abandona a natureza das coisas estáticas e imutáveis, dando espaço para o novo sujeito da contemporaneidade. De fácil entendimento com as novas marcas que a sociedade propõe, é leve, receptivo e predisposto às influências que advêm dos deslocamentos sociais que fomentam as identidades. Esse sujeito “jovem” foge dos “velhos” conceitos de outrora, se projeta em busca da auto definição identitária. Esse jovem é parte de um universo que se desprende dos paradigmas hierárquicos da condição social. Durante centenas de anos, prevaleceu a formação da identidade juvenil, nos moldes e costumes da tradição de períodos remotos.

A realidade dessa nova condição identitária afirma a necessidade de se colocar disponível para as novas relações sociais. As identidades juvenis são, deste modo, desenhadas a partir da miscigenação de diversos contextos do cotidiano do sujeito contemporâneo. O jovem objetivo ou

coletivo deixou de existir. Agora, a marca principal da condição juvenil é a transitividade, que segundo Canevacci (2005) implica nas transformações impetradas aos jovens, devido as circunstâncias de cada momento vivenciado por eles.

Essa transitividade advém da pluralidade de informações e conteúdos que são disseminados pelos novos meios de comunicação e que, portanto, acenam para um novo conceito social e tecnológico.

1.3. As identidades no universo virtual

A condição juvenil, na atualidade, vai se formando com a soma de elementos primordiais, capazes de sustentar as transformações identitárias. Transformações essas que acontecem devido ao grande fluxo de informações, em relação as quais a juventude contemporânea está à mercê. São novos olhares, costumes, modos de ser, agir, encarar o mundo numa sociedade mediada pelas novas tecnologias. A passagem do físico ao virtual requer um olhar atento ao fenômeno.

Partimos do pressuposto que o conceito iluminista e sociológico de uma identidade dos sujeitos plenamente identificada, completa, segura e coerente não passa hoje de fantasia. Stuart Hall contextualiza assim esse sujeito:

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia. [...] A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. (Hall, 2006, pp. 10 e 11).

O viés contemporâneo projetou sujeitos fragmentados, marca incontestável das relações sociais/tecnológicas. Como refere ainda Hall (2006), "à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis" (p.13)

Com o advento da internet e a chegada dos consumos virtuais, os sujeitos juvenis, "leves" e acessíveis às novas possibilidades se viram diante de uma imersão conceitual pelos novos paradigmas.

A facilidade de locomoção no espaço e tempo, quebrando barreiras fronteiriças, e encurtando distâncias; a mobilidade desses sujeitos juvenis, sem limites verticais e horizontais na esfera de estratificação social; e, ainda, a condição do viver o *start* do "agora" em qualquer ponto do planeta em tempo real, foram elementos primordiais para essa passagem. Segundo Teixeira (2014), assistimos a uma fusão que permitiu novas linguagens, "narrativas construídas para legitimar o fato e a aventura de ser jovem na sociedade da comunicação e da informação, mediada pelas tecnologias, que promovem experiências singulares de subjetivação." (p.41).

As identidades juvenis, agora credenciadas pela contemporaneidade, vivem a mutação que lhes é peculiar, sugerindo movimentos contínuos e sem limites. Para Canevacci (2005) essa juventude “Transita-se ao longo de uma condição variável e indeterminável, atravessa-se essa condição de acordo com modalidades determinadas pelas individualidades momentâneas do sujeito-jovem.” (PP.30 e31). Por isso, percebe-se uma potencialidade nas culturas juvenis, elas são vistas como um vasto e produtivo campo, propício à recepção de novas culturas, informações e conteúdos fomentados pelas tecnologias da informação e comunicação.

Os jovens, na contemporaneidade, vivem em seu cotidiano uma relação cada vez mais sólida com as mídias digitais. Diante dessa perspectiva, é apropriado sintetizar que essas juventudes são fruto do universo “cibercultural” (Silva, 2007). Esse sujeito agora ultrapassa a condição da realidade física, pois o fenômeno é virtual. Em constante mutação, é camaleônico, parte de um devir que inviabiliza qualquer elemento estático, ineficaz no momento atual das culturas juvenis.

Imersas no universo “cibercultural”, as juventudes se uniram às mídias digitais. Isso fez com que as novas culturas e relações sociais, bem como os artefatos tecnológicos contemporâneos (computadores, *tablets*, *smarthphones*, entre outros) fossem adentrando ao universo desse ser social. Segundo Teixeira (2014) “Os jovens, independentemente do estrato social a que pertencem, estão cada vez mais cercados pela mídia, particularmente, a digital.” (p.41). Dessa forma, a autora defende que,

Essa é responsável por deslocamentos temporais, espaciais e conceituais. Por isso, não existe o “agora” como algo permanente, definitivo e com projeções no futuro. O “agora” para os sujeitos juvenis não é tempo, mas essência social em permanente construção, reconstrução, significação e ressignificação. (Teixeira, 2014, p.41)

As influências que as juventudes atuais recebem pelo forte apelo midiático são representações que afetam constantemente o cotidiano das mesmas, estabelecendo, dessa forma, o elo entre as culturas sociais e virtuais. O sujeito juvenil, em certa medida, abandona o mundo *off-line* e se despeja no mundo *on-line*, no espaço virtual ou ciberespaço². É nessa qualidade que o ciberespaço permite que os sujeitos juvenis se encontrem, se transformem, se projetem e adquiram seus novos conceitos e subjetividade.

Quanto à subjetividade, o que percebemos é a emergência de representações construídas a partir dos valores materiais e simbólicos próprios do contexto no qual os jovens estão inseridos e decorrentes dos apelos da mídia, por meio de suas linguagens e narrativas com forte poder de persuasão. A experiência dos jovens na contemporaneidade é modulada pela interação com os outros e com o mundo, mediada pela tecnologia. Logo, a cultura é um dado imprescindível na conformação objetiva e subjetiva desses sujeitos. A este respeito, Couto e Silva indicam que,

² “É o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. Novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e do conhecimento”. (Lévy, 1999, p.32).

Para esses jovens, a “prática de ordem” é a interação com os seus pares, por intermédio das tecnologias contemporâneas, que, operando no sistema on-line, permitem, rotineiramente, um novo estar e ser no mundo e, conseqüentemente, uma outra relação social. Meninos e meninas se comunicam, estudam, consomem e brincam em ambientes comunicacionais completamente interativos e nada solitários. (Couto & Silva, 2008, p.12)

São jovens que interagem numa condição de semelhança, não existem limites nem fronteiras, se conectam virtualmente em um espaço que permite viver e ousar. Neste universo do ciberespaço, humanos são avatares estilizados, com a capacidade de potencializar o desenvolvimento das relações sociais/virtuais, conseqüentemente promovendo sentimentos de interesses em comum, tornando-se reféns dessa nova ordem social da comunidade por eles imaginada.

Acerca das particularidades dessa comunidade, Couto e Silva (2008) afirmam que esse público juvenil contemporâneo “participa de jogos virtuais com outras pessoas, conectadas em qualquer parte do planeta” (p.12). Essas juventudes “internáuticas” não “desgrudam” de suas parafernálias tecnológicas e, quando desafiadas, estão sempre atentas com seus *tablets*, *smartphones*, *laptops*. Fazem *downloads*, trocam e compartilham conteúdos, partilham fotos, se arriscam em comentários e discussões sobre temas da atualidade pelas redes sociais, *chats* e *msn*.

Pelas observações de Couto e Silva (2008), as juventudes em tempos do ciberespaço vivem a “cultura da atualidade, que está intimamente ligada à idéia da interatividade, de interconexão, de inter-relação entre homens, informações e imagens dos mais variados gêneros.” (p.12).

Neste sentido, estamos diante de um novo paradigma de juventude, que se relaciona intrinsecamente com as tecnologias da informação e comunicação por intermédio das mídias digitais, com a naturalidade e ousadia de quem sempre viveu aquela realidade.

Essa é uma nova geração de juventudes que, diferentes das passadas, começam a discutir e exigir seus direitos. A condição juvenil se liberta do mero espectador: quando essas juventudes não se sentem satisfeitas discordam, não aceitam o óbvio como resposta, sabem aonde querem chegar. O jovem atual partilha no seu dia a dia a vontade de mudanças e quebras de paradigmas, e está se tornando cada vez mais crítico. Segundo Bonilla (2005), esses jovens “[...] querem participar, decidir, questionar, desafiar e discordar. Estão se tornando cada vez mais críticos. Gostam de desafiar ideias, pessoas, afirmações, de argumentar e debater, aceitam pouca coisa pelo significado óbvio” (pp. 73-74).

São juventudes que moldam suas identidades com dinamismo e leveza, que fogem da morosidade condicionada à tradição de tempos remotos. Assim, percebe-se que essas juventudes, em paralelo com as tecnologias contemporâneas, se colocam como possível substrato motivador de mudanças sociais radicais.

Um discurso das narrativas que entremeiam uma transposição foi justamente a nossa proposta, ao adentrarmos nesse complexo contexto das identidades. A observação nos remete ao

seguinte entendimento: estamos diante de novos sujeitos, novos pensamentos e subjetividades. Delimitando nosso olhar para as identidades juvenis, percebemos que as mudanças provocadas pela inquietação e fruição desses jovens atores formam o alicerce de uma geração em movimento contínuo.

A relação das juventudes atuais com as tecnologias da informação e comunicação não se limita, se inova a cada momento. Dessa forma, me permito algumas indagações: que tipo de relação esse jovem tem com a cultura virtual ou cibercultura? Como esse jovem se relaciona com as redes sociais virtuais, em especial o Facebook?

Questionamentos que serão norteadores filosóficos do nosso próximo capítulo, numa tentativa de respostas às nossas angustias.

Capítulo 2. As teias das redes sociais

Tendo em vista que o interesse central dessa pesquisa é compreender as juventudes no contexto da cibercultura, este capítulo faz uma discussão acerca das relações sociais e tecnológicas das juventudes contemporâneas. Esse caminho nos proporcionará subsídios para um melhor entendimento do contexto tecnológico em que essas juventudes estão inseridas.

2.1. As marcas e as virtualidades

Diariamente, nos deparamos com um bombardeio de informações, um amontoado de mensagens que nos são enviadas de todos os lados, não importando a bandeira, o idioma, o credo, as questões culturais nem sociais. Presenciamos, então, a viragem das insólitas e históricas sociedades do capitalismo industrial para as “sociedades em redes”, como as designa Castells (1999).

Uma nova ordem social, que modifica o cotidiano dos indivíduos em seus mais diversos espaços, cria novos hábitos e costumes, possibilita as novas relações interpessoais e organizacionais. Nesse contexto, os novos diálogos se entrelaçam nas constantes relações entre o global e o local, a homogeneidade e a diversidade, o que sugere desafios conflitantes. São pensamentos, valores, conceitos, cultura, modo de vida, entre outros posicionamentos que divergem devido ao grande número de informações a que o sujeito da contemporaneidade tem acesso.

No contexto da cibercultura, a condição do global/local se funde e origina o termo “Glocal”, que segundo Cazeloto (2007) “é um neologismo usado para indicar a superposição de um conceito global a uma realidade local, a partir de um meio de comunicação, prioritariamente (mas não exclusivamente) operando em tempo real.” (p.77). As tecnologias contemporâneas permitem essa funcionalidade por intermédio das redes digitais, onde o global e o local de certa forma se juntam e se separam; num movimento em que, segundo Cazeloto (2007), “o sujeito se vê em um contexto simultaneamente local (o espaço físico do acesso, mas também o seu meio cultural) e global (o espaço mediático da tela e da rede, convertido em experiência subordinativa da realidade).” (p.77). Por esse viés, o fluxo comunicacional das relações eminentes do “Glocal” determina as diferenças entre o próximo e o distante.

No contexto atual, o resultado não poderia ser diferente: culturas emergem de uma sociedade sedenta pelas inovações, um oceano de informações e conteúdos disponíveis em modo virtual e em tempo real, possibilitando a “cibercultura”, que, de acordo com Lemos (2013), “é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais” (p.11). O mundo virtual constituído pela internet passa a ser um ciberespaço de interação entre usuários, possibilitando aos indivíduos deixarem suas marcas ao acaso das virtualidades.

Pelo viés acadêmico, dois trabalhos realizados na década de 1990 marcam o início dos estudos em cibercultura: a obra de Pierre Lévy *Cibercultura*, lançada em 1999 e reeditada em 2000, e o

trabalho de André Lemos, que no ano de 2002 se torna livro intitulado *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*, e que chegou em 2013 a sua sexta edição. E é basicamente pela ótica desses dois autores, sem desconsiderar as sinalizações de outros, que construiremos este capítulo. Mas, antes de nos adentrarmos no universo da cibercultura, é preciso compreender o que possibilita a fruição da mesma e de suas ferramentas. Nossos olhares se voltam para o espaço que possibilita esse movimento e envolvimento: o ciberespaço.

2.2. O ciberespaço em tempos lúdicos

A palavra ciberespaço foi usada pela primeira vez por William Gibson, em 1984, no romance de ficção científica *Neuromante*. No texto, Gibson indica o ciberespaço como “universo de redes digitais, onde multinacionais travam verdadeiras batalhas, numa tentativa de adentrar a essas fortalezas e descobrirem as informações secretas umas das outras.” (Lévy, 2000, p. 92).

Na concepção de Pierre Lévy (2000), o ciberespaço de Gibson designa menos os suportes de informação do que os modos originais de criação, de navegação no conhecimento e de relação sociais por eles propiciados. (p.92). Gibson parte de uma perspectiva pessimista, elencando efeitos negativos decorrentes do desenvolvimento futuro da tecnologia. O romance de Gibson não usa o termo Internet. Mas, apesar dos vislumbres de Gibson, “O termo foi imediatamente retomado pelos usuários e criadores de redes digitais. Existe hoje no mundo uma profusão de correntes literárias, musicais, artísticas, e talvez até de políticas que se dizem parte do ciberespaço.” (Lévy, 2000, p.92).

No entanto, Pierre Lévy (2000) indica que foi nas décadas de 1940 e 1950 que começaram a emergir as transformações tecnológicas e sociais contemporâneas. Nos Estados Unidos da América e na Inglaterra surgiram os primeiros computadores, passando por fases experimentais desde seu aparecimento em berço militar até ao cunho civil. Nos anos de 1960, os computadores ainda eram “grandes máquinas de calcular” (p.31). Com o advento do microprocessador nos idos de 1970, emerge um novo horizonte: o crescimento da proposta de produção industrial, presença em alguns seguimentos terciários como “bancos, seguradoras”. (Lévy, 2000, p.31).

Os anos 1980 e 1990 foram, de certa forma, divisores no contexto social/tecnológico. André Lemos (2013) nos remete ao entendimento de que, com a criação dos computadores pessoais, e o aparecimento dos programadores, criando instrumentos que facilitaram a relação homem/máquina, um novo horizonte se vislumbrava. Era a informática numa fusão acelerada com as telecomunicações; a junção das mais variadas redes de computadores entremeada à popularização da internet. Outro fator importante nessa crescente escalada tecno-social foram os movimentos sociais e culturais surgidos nas grandes metrópoles e nos campus das universidades americanas, e que rapidamente ganharam proporções mundiais. (Lévy, 2000; Lemos, 2013).

Por esse viés, o ciberespaço é um espaço que permite as novas relações sociais virtuais, reconfigurando e jogando por terra alguns conceitos eminentes das relações presenciais. As barreiras

do tempo e espaço, bem como as fronteiras que limitavam a sociedade foram diluídas, propondo novos ares de sociabilidade, novos territórios, novas identidades e práticas sociais. Na literatura científica, é possível encontrar muitas definições de ciberespaço. Lévy (2000, p.92) o define como sendo um “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.” O autor afirma, ainda, que:

Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século. (Lévy, 2000, p. 92-93)

Todo esse emaranhado “tecno-social” foi balizador do fenômeno evolutivo de comunicação que é o ciberespaço, legitimado pela sociedade contemporânea que usufrui desse espaço fomentador de conhecimentos, e de relações sociais, políticas e culturais. Um novo ambiente que se projeta transformando o modo de ser e a subjetividade do indivíduo.

2.3. A cibercultura e os seus rastros

A origem da cibercultura remonta aos anos de 1970. O neologismo “cibercultura” foi criado pela fusão das palavras cultura e cibernética, ou seja, cultura contemporânea estruturada pelas tecnologias digitais em rede. No entanto, Lemos (2013) adverte que “A cibercultura, embora a expressão deva muito à cibernética, não é, no sentido exato, correlata a esta ciência” (p.99). Lemos (2013) indica ainda que o desenvolvimento da cibercultura é paralelo ao surgimento da telemática, termo derivado da síntese entre telecomunicação e informática, constituindo a telemática um estilo de convergência tecnológica que conectou diferentes mídias digitais sobre sistemas de telecomunicações, o que possibilitou que mensagens em diferentes formatos fossem veiculadas no mesmo suporte, o computador, dessa forma rompendo com o modelo tradicional das mídias de massa.

Essa revolução digital implica, progressivamente, a passagem do *massmedia* (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa, o cinema) para as formas de individualização de produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos). (Lemos, 2013, p.69).

Neste mesmo período, a microinformática se manifestava com o surgimento do primeiro microchip, o 4004. Conforme Lemos (2013), lançado comercialmente pela Intel em 1971. O microchip marca o início do processo de popularização dos computadores, sendo o lema da microinformática: “computadores para o povo” (*computer to the people*) (p.99). Lemos (2013) afirma ainda que “Mais do que uma questão tecnológica, o que vai marcar a cibercultura não é somente o potencial das novas tecnologias, mas uma atitude que, no meio dos anos de 1970, influenciada pela contracultura americana, acena contra o poder tecnocrático”. (Lemos, 2013, p.99).

A contracultura apontada por Lemos (2013) era, justamente, uma cultura de oposição aos rumos políticos, sociais e culturais da sociedade americana do período do pós-guerra. Conforme Pereira (1992, p.13), começava a se desenhar uma sociedade tecnocrática sintetizada no modo de vida americano (*American Way of Life*). A contracultura tinha como principais características: a discordância com os princípios do capitalismo e a economia de mercado; a aproximação às práticas religiosas orientais; a forma despojada e livre de expressão artística, em que reside, de certa forma, o embrião do *cyberpunk* que se manifesta na contemporaneidade em domínios como a moda, a literatura, o cinema. Pereira (1992, 13-14). Pela ótica do autor a contracultura era

[...] um conjunto de manifestações culturais novas que floresceram, não só nos estados unidos, como em vários outros países, especialmente na Europa e, embora com menor intensidade e repercussão, na América latina. Na verdade, é um termo adequado porque uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor, de diferentes maneiras, à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das sociedades do ocidente. (Pereira, 1992, p.13).

Pierre Lévy (2000) também admite a presença forte do social frente ao tecnológico no surgimento da cibercultura, quando especifica que a mesma é “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. (p.17). Segundo Lemos (2013), “A cibercultura vai se caracterizar pela formação de uma sociedade estruturada através de uma conectividade telemática generalizada” (p.88), que permite a ampliação do poder de comunicação e também facilita a troca de informações e conteúdos. Neste contexto, “o ciberespaço criou um mundo operante, interligado por ícones, portais, sítios e *home pages*, permitindo colocar o poder de emissão nas mãos de uma cultura jovem, tribal, gregária, que vai produzir informação, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema.” (Lemos, 2013, p.87).

Esse novo modelo, agora informatizado, que tem no ciberespaço o exemplo efetivo, se constitui numa estrutura de comunicação livre, sem amarras. Vive a efervescência da nova racionalidade na informação e comunicação disseminadas de forma transversal e vertical, aleatória e associativa. A sociedade contemporânea experimenta novas técnicas, modelos e formas de comunicar. Em modo de definição, Lemos (2003) afirmava, há mais de uma década, que:

Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (*home*, *banking*, cartões inteligentes, celulares, *palms*, *pages*, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Trata-se assim de escapar, seja de um determinismo técnico, seja de um determinismo social. A cibercultura representa a cultura contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna. (Lemos, 2003, p.11)

A informação mediada pelas novas tecnologias permitiu ao indivíduo conhecer novas culturas, trocar experiências, migrar e fazer circular sua própria cultura. Esse novo ambiente virtual ou “ciberespaço” abre janelas para um processo contínuo de criação, produção e disseminação cultural e social, transformando os modos de ser dos sujeitos na contemporaneidade.

Nesse processo evolutivo, Lévy (2000, p.127) explica o programa da cibercultura, afirmando a presença de três princípios que enfatizam a autonomia do usuário nas ações de produção e

circulação de conteúdo no universo virtual. O primeiro destes princípios é o da interconexão. Para o autor, a “cibercultura aponta para uma civilização da telepresença generalizada”. (p.127). O segundo princípio indicado por Lévy (2000) é representado pelas comunidades virtuais, o que de certa forma prolonga o primeiro, já que a existência dessas comunidades está intrinsecamente ligada à interconexão.

As comunidades virtuais são construídas a partir de uma comunhão temática, afinidades de interesses e conhecimentos em um processo de cooperação ou de trocas ideológicas e simbólicas pela internet. O terceiro princípio de Lévy (2000) é a inteligência coletiva, que trata da forma pela qual o conteúdo e o conhecimento são produzidos por essas coletividades. Ainda de acordo com o autor, para a cibercultura a inteligência coletiva “seria sua perspectiva espiritual, sua finalidade última.” (p.131). No entanto, o autor ressalta que para se chegar ao imaginário propositivo coletivo, muitas são as discussões. Destacando que “A inteligência coletiva, enfim, seria o modo de realização da humanidade que a rede digital universal felizmente favorece, sem que saibamos a priori em direção a quais resultados tendem as organizações que colocam em sinergia seus recursos intelectuais” (Lévy, 2000, p. 132).

O conteúdo produzido pelos usuários e disseminado pelo ciberespaço é organizado de acordo com o princípio da inteligência coletiva, trabalhando cada um à sua maneira, do seu jeito, contribuindo assim para a realização do todo. Em síntese, o programa da cibercultura estabelece nessa tríade de interconexão, comunidades virtuais e inteligência coletiva os aspectos necessários para o processo evolutivo comunicacional que, *a priori*, se encontra inacabado e em constante mutação. Diante dos diversos fenômenos da cibercultura, com as transformações tecnológicas presenciamos a evolução dos computadores, dos dispositivos, o surgimento dos artefatos móveis que se comunicam em rede. Para Lemos:

A era da conexão é a era da mobilidade. A internet sem fio, os objetos sencientes e a telefonia celular de última geração trazem novas questões em relação ao espaço público e espaço privado, como a privatização do espaço público (onde estamos quando nos conectamos à internet em uma praça ou quando falamos no celular em meio à multidão das ruas?), a privacidade (cada vez mais deixaremos rastros dos nossos percursos pelo cotidiano), a relação social em grupo com as smartmobs, etc. (Lemos, 2004, p.3)

Desta forma, a mobilidade que entremeia os mundos real e virtual é vista por Lemos (2004) como a principal característica das tecnologias digitais. Nesse envolvimento de corpos e espaços, em localidades físicas e virtuais, “a cultura da mobilidade entrelaça questões tecnológicas, sociais, antropológicas” (Lemos, 2009, p.28), e evolui historicamente conforme o período sócio/tecnológico que esteja compreendido. Dessa forma, a modernidade é um campo fértil ampliando as formas de mobilidade, tanto físicas, com os transportes, como virtuais, com os meios de comunicação de massa. (Lemos, 2009, pp.29-30).

Lemos (2009) afirma ainda que, no âmbito da comunicação, a mobilidade é o fator predominante, já que comunicar é deslocar, “é fazer mover signos, mensagens, informações, sendo toda mídia (dispositivos, ambientes e processos) estratégias para transportar mensagens afetando

nossa relação com o espaço e o tempo.” (p.28). Lemos (2009) defende também que “a questão da mobilidade é central para a discussão sobre o espaço urbano [...]. Hoje, a cidade informacional do século XXI encontra na cultura da mobilidade o seu princípio fundamental: a mobilidade das pessoas, objetos, tecnologias e informação sem precedentes”. (p. 28).

Ainda sobre o cenário atual da cibercultura, Santaella (2011), pontua que o sujeito da contemporaneidade tem a capacidade de interagir com seus interlocutores em vários lugares diferentes ao mesmo tempo. Santaella (2007) sublinha que “o ciberespaço introduziu formas inéditas de mobilidade” (p. 183), pelo viés tecnológico, facilitou a vida dos indivíduos que, devido aos múltiplos afazeres, podem de certa forma se auto multiplicar e estabelecer mais contatos no âmbito profissional, social e financeiro, entre outros.

Nesta perspectiva, as tecnologias móveis podem ser definidas como a forma de acessar a internet e outros recursos computacionais por meio de dispositivos móveis como os celulares, smartphones, tablets, notebooks. As tecnologias móveis permitem ao usuário acesso a informações, conteúdos, entretenimento e serviços como consultas bancárias, tempo, trânsito, localização e tantas outras utilidades permitidas no universo da cibercultura. Tudo isso com uma ressalva: o fenômeno é próprio das cidades contemporâneas.

No ir e vir de uma metrópole, os movimentos constantes de automóveis e pessoas, seres animados e inanimados tomam conta da paisagem arquitetônica. O fluxo de informação existente perpassa paredes, tijolos e arranha céus. Tudo isso possibilitado pelas tecnologias da informação e comunicação que, de certa forma, mudaram a arquitetura das cidades. Conforme Lemos observava já há alguns anos,

As cidades contemporâneas já estão sob o signo do digital e basta olharmos à nossa volta para constatar os celulares, *palm*s, televisão por cabo e satélite, internet de banda larga e wireless, cartões inteligentes, etc. Vivemos já na cibercidades, trazendo novas questões na intersecção entre o lugar e o fluxo. (Lemos, 2003, p.8)

Se antes os computadores conectados e fixos permitiam acesso às comunidades virtuais à distância, mas sem nenhum tipo de relação com o lugar, na atualidade as tecnologias móveis reconfiguram os espaços; com “o Wi-Fi e as tecnologias GSM de telefonia móvel, comunidades eletrônicas se formam dentro de um mesmo espaço urbano, com encontros presenciais.” (Lemos, 2003, p.8). As cidades digitais, virtuais ou cibercidades emergem da sinergia envolvendo vários interesses (sociais, culturais e financeiros), direcionados para uma cidade que fuja da exclusão. Dessa forma, a inclusão digital passa a ser fator predominante para essa demanda.

Neste contexto, deve-se levar em conta que a inclusão digital não é somente “alfabetizar” a pessoa no manuseio do computador, internet, redes sociais e outras ferramentas da cibercultura. A inclusão digital significa, *a priori*, a utilização das tecnologias contemporâneas em favor da melhoria da condição de vida de uma determinada região ou comunidade. Lemos (2011) é enfático ao dizer “que a inclusão digital não é alcançada apenas quando se dá computadores ou acesso à internet, mas

quando o indivíduo é colocado em um processo mais amplo de exercício pleno de sua cidadania.” (p.16). Neste contexto, Lemos (2011) assegura que

[...] discutir inclusão digital é um assunto espinhoso, que nos obriga a discutir políticas que compreendam o acesso às novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como elementos de inclusão social em sentido amplo (economia política, mercado, hábitos sociais, profissões...). (Lemos, 2001, p. 16)

Nesta mesma linha de raciocínio, Lévy (2000,196) enfatiza que o acesso deve ser de todos, porém adverte que o todo não significa equipamentos, conexão técnica e todo aparato físico que em pouco tempo perde valor. Para o autor

Devemos antes entender um acesso de todos aos processos de inteligência coletiva, quer dizer, ao ciberespaço como sistema aberto de auto cartografia dinâmica do real, de expressão das singularidades, de elaboração dos problemas, de confecção do laço social pela aprendizagem recíproca, e de livre navegação nos saberes. (Lévy, 2000, p.196).

A inclusão digital em um país como o Brasil é um passo a mais para fugir dos modelos tradicionais onde os governantes cerceiam informações e estancam a vazão de conteúdos, principalmente os oficiais. Diante desse fato, podemos compreender a inclusão digital como a verdadeira democratização da comunicação, ou seja, o indivíduo contido no universo da “inteligência coletiva”, recebendo, produzindo e disseminando conteúdos, sociais, culturais, econômico-financeiros, políticos, entre tantos outros.

Pela ótica de Lemos (2011), “Esse é o sentido maior da inclusão de um indivíduo na sociedade e não apenas da inclusão digital. Nesse sentido, programas de inclusão digital devem pensar a formação global do indivíduo para a inclusão social.” (p.16). Mas, em um país como o Brasil, marcado pelas desigualdades sociais, é necessário, e de forma urgente, que as políticas públicas pensadas e implementadas pela administração pública, tendo como exemplo o Programa de Inclusão Digital do Ministério de Ciência e Tecnologia³, possam fomentar os caminhos da sociedade em relação às tecnologias da informação e comunicação. Pois, há de se admitir que as TIC, quando bem utilizadas, são sinônimos de desenvolvimento econômico, social, cultural, incrementando ainda a pesquisa e a melhoria educacional da população, como já acontece em países mais desenvolvidos.

Para Matos e Santos (2009), alguns comportamentos próprios da sociedade do conhecimento podem modificar a forma de agir e os costumes de uma sociedade. Por esse viés, as TIC passam a ser protagonistas na produção e difusão não só de conteúdos e informações, mas, de produtos e serviços construídos nesse novo cenário que é o ciberespaço. Uma nova proposta que envolve o mundo capitalista, com aumento de renda e oportunidades de emprego. Neste contexto, Castells (1999, 50) afirma a existência de um novo capitalismo denominado Informacional. Esse modelo sócio-econômico, baseado na sociedade em rede, tem uma relação direta com o aumento da produtividade nos diversos setores da atividade econômica no final do século XX. O autor defende que os “nós” sustentados pela

³ Programa do MCT criado e lançado no Governo do Presidente Lula que busca implantar centros de inclusão digital preferencialmente em comunidades carentes.

superestrutura informacional, associada aos efeitos culturais e políticos promovidos pelas TIC, resultam nas transformações de conteúdos em forças educativas e produtivas. (Castells, 1999,50-51).

Este é um novo momento. A sociedade está diante do cenário da cibercultura, em que dispositivos móveis e ubíquos fazem parte das ações cotidianas, em que os indivíduos se movimentam, pesquisam, trabalham, trazem consigo os relacionamentos, as fantasias, as memórias, os desejos sociais e econômicos e as suas preferências. Neste contexto, as tecnologias contemporâneas da informação e comunicação possibilitam aos indivíduos/sujeitos contidos na narrativa virtual uma presença mais ampla e contundente na realidade social.

2.4. Sujeitos juvenis em tempos de cibercultura

Desde a escrita, passando pelo advento de Gutemberg, telégrafo, telefone, rádio, televisão e hoje, a internet, sempre se buscou encurtar o tempo e o espaço nas informações. As tecnologias digitais, com as suas novas formas de conexão, permitiram encurtar o espaço/tempo não só das informações, mas de quase todas as relações (sociais, culturais, financeiras, saúde, educação...) em que o indivíduo esteja envolvido.

Nesse universo de transversalidade da informação e comunicação, associado as tecnologias contemporâneas, percebe-se que estabelecer uma relação entre cibercultura, ciberespaço e identidades juvenis constitui uma tarefa instigante. Do ponto de vista sociológico, essas relações nascem no enfrentamento de categorias que trazem em suas formações instabilidades e incertezas, pois na contemporaneidade as relações entre tecnologia e sociedade perpassam o cotidiano do indivíduo em casa, no trabalho, na igreja e na escola.

Segundo Silva (2007, p.36), os jovens contemporâneos buscam em seu cotidiano novas relações, relações essas interligadas com as tecnologias da comunicação e dependentes delas. As novas relações sociais juvenis advindas da cibercultura propõem um novo modo de vida. Silva (2007) afirma que “Meninos e meninas se comunicam, estudam, consomem e brincam em ambientes comunicacionais completamente interativos e nada solitários.” (p.36). Esta é uma nova forma de se relacionar, inerente ao mundo em que se vive, absorvendo de forma natural hábitos e costumes divergentes dos de seus pais. Neste contexto, Silva (2007) aponta que os jovens da contemporaneidade:

Participam de jogos virtuais com outras pessoas, conectadas em qualquer parte do planeta, baixam filmes e músicas na internet ou nos aparelhos celulares e compartilham com membros de sua tribo, discutem temas da atualidade em chats, msn, pedem ajuda para a produção de um trabalho escolar, enfim vivem a cultura da atualidade, que está intimamente ligada à ideia da interatividade, de interconexão, de inter-relação entre homens, informações e imagens dos mais variados gêneros. (Silva, 2007, p.36)

Nesses espaços ciberculturais, em que os jovens buscam seus pares para as relações de interatividade permitidas pelo meio, eles também buscam se estabelecer como indivíduos independentes. Essa ânsia de independência é motivada principalmente pela forma de ser, agir e

observar o mundo dessa nova geração: curiosa, autoconfiante, contestatária, entre outras características presentes nas relações sociais e tecnológicas das juventudes contemporâneas. Uma geração altamente conectada, que transita nos ambientes virtuais, porque os seus membros são nativos desses espaços. Como afirma Tapscott (1999), a “geração net”⁴, ao contrário da “geração TV”, “[...] tem as ferramentas para desafiar idéias, pessoas, afirmações - qualquer coisa. Esses jovens adoram argumentar e debater, eles sabem comentar instantaneamente qualquer informação que encontrem” (p.1).

A imersão na cibercultura permitiu aos jovens da contemporaneidade interagir com as tecnologias de forma mais espontânea, criando seus caminhos e lógicas na construção de seus conhecimentos. Consomem diariamente, quase que de forma uniforme, o ciberespaço. Adentram-se nesse universo e promovem as realidades da vida virtual: criam comunidades, identidades, fazem amigos e inimigos também; deixam de lado a timidez; alimentam os conflitos; praticam o *Bullying*, um mal que ficou mais evidente com a cibercultura; mergulham em novos relacionamentos; forjam novas experiências; inventam e reinventam *softwares*; enfim, vivem os movimentos mais acelerados, mais permissivos e mais livres.

Do ponto de vista tecnológico, outros dois elementos se destacam no processo evolutivo da cibercultura: a internet e a web. A internet que, de acordo com Pinho (2003), surge devido às necessidades de políticas de segurança das organizações militares americanas em período de guerra fria. No entanto, ganhou investimentos e pesquisadores das academias estadunidenses, que abriram caminhos e a popularizaram no meio científico.

Neste contexto, os estudos em busca de uma maior aproximação da internet com a sociedade evoluíram, e em 1991 Tim Bernes-Lee apresenta ao mundo a World Wide Web. Criada como modo de organização da informação e dos arquivos em rede, a Web tornou-se a principal ferramenta para usar o potencial comunicativo da internet. Para Pinho (2003), esse meio foi enriquecido, o conteúdo da rede ficou mais atraente com a possibilidade de incorporar, além de textos, imagens e sons.

A Web constitui uma rede de páginas interconectadas (websites) que permite uma relação do indivíduo com os conteúdos que são ofertados no ciberespaço. De certa forma, a Web é a versão multimídia da Internet, que veio permitir estreitar as relações do sujeito social com o sujeito tecnológico contemporâneo, que tem ao seu alcance um universo virtual. Nesse meio, grande parte dos movimentos é possível pelas ligações que se entrelaçam nos “nós” das redes sociais digitais.

⁴ “Chegou a Geração Net - Net *Generation* ou, simplesmente, N Gen.” Termo criado por Don Tapscott (1999, p.1).

2.5. Redes sociais: conectando sujeitos, construindo outras subjetividades

A cibercultura e suas ferramentas, operando de forma on-line, permitem aos membros da sociedade uma interação constante com seus pares. Partimos desse pressuposto no sentido de entender as novas relações sociais “globalizadas” que, amparadas pelas redes sociais digitais, indicam uma nova ótica marcada por partilhas, trocas, colaborações e compartilhamentos.

A sociedade, em sua própria origem, possui características de rede. Segundo Recuero (2009, p.17), durante séculos vários cientistas buscavam um entendimento desse fenômeno, mas foi somente a partir do início do século passado que surgiram estudos aprofundados sobre o tema. Para Recuero (2009), “O estudo da sociedade a partir do conceito de rede representa um dos focos de mudança que permeia a ciência durante todo o século XX.” (p.17) Do ponto de vista conceitual, redes sociais designam as relações que se estabelecem entre elementos de um determinado sistema social. Recuero caracteriza a rede social da forma seguinte:

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou .laços sociais). [...] Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (Recuero, 2010, p. 24)

Neste contexto, a rede é uma estrutura formal ou um sistema de nós interligados, criando amarras entre os indivíduos, suscitando as interações entre os diversos atores, provocando o que podemos chamar de laços sociais. Apesar do entendimento de que as redes sociais sempre existiram, nesta pesquisa elas são concebidas não só como forma de organização social, mas também como uma estrutura baseada na rede mundial de computadores, ou simplesmente Internet e suas ferramentas.

Recuero (2009, p.20) indica a importância de uma comunicação mediada pelo computador, onde os sujeitos e seus interlocutores interagem e podem estabelecer intercâmbios de ideias, alianças, posições e posturas que se assemelham, ou não. Por esse viés, Castells (2005) indica que as redes, como ferramenta de difusão das informações e conteúdos, “evoluem acrescentando ou removendo nós de acordo com as mudanças necessárias dos programas que conseguem atingir os objetivos de performance para a rede” (p.22).

Ainda de acordo com o mesmo autor, vivemos na “sociedade em rede”, constituída por um turbilhão de pessoas envolvidas numa mesma teia, legitimando o poder das informações compartilhadas, e espalhadas virtualmente, refletindo e propagando esse novo arquétipo dos sujeitos da contemporaneidade. Assim, o entendimento de sociedade em rede é o entendimento de uma nova estrutura social, que se estabelece por meio do conjunto de redes operadas pelas tecnologias de informação e comunicação. (Castells, 2002, p. 36-37).

As redes sociais e seus múltiplos atores propiciaram uma mudança radical dos paradigmas da comunicação. Permitiram que todo o envolvimento social, cultural e ideológico dos sujeitos imersos

nessa teia fosse além das relações, no sentido de uma aproximação espaço/temporal e, desse modo, facilitando a partilha de interesses e objetivos comuns.

Os atores no ciberespaço podem ser compreendidos como os indivíduos que agem através de seus *photoblogs*, *weblogs* e páginas pessoais, bem como através de seus *nicknames*. Outro modo de representar um ator é através de um link. Em comentários de *weblogs*, por exemplo, muitos indivíduos colocam como endereço seu blog, embora assinem com variações de seu nome ou apelido. Neste caso, o blogueiro é identificado pelos demais através do link para seu blog. (Recuero, 2009, p.28)

Nesse contexto, os atores do ciberespaço, por intermédio das interações e das construções de laços sociais, se envolvem num cotidiano que não é só seu, mas de uma coletividade. Nesse envolvimento comunicacional, esses atores constroem, somam e dividem informações e conteúdos. Nessa teia, eles tecem subjetividades: as redes sociais digitais são elementos de transformação e (re)configuração das subjetividades, possibilitando aos atores e seus interlocutores uma nova representação do mundo; os contextos são mais leves, livres e fluem na transversalidade dos universos culturais, sociais e tecnológicos dos sujeitos imersos nas redes.

Toda essa relação envolvendo sociedade, virtualização, redes sociais e cultura do digital, conforme Recuero (2009, p.28), se materializa em ambientes virtuais, onde a “interação” é o pertencer, o estar contido, o “fazer parte”. É por essa interação que acontecem os movimentos, as trocas de conteúdos e o fluxo de informações. Fluxo esse que Pierre Lévy (1999, p.77) pressupõe ter relação com a produção das subjetividades dos atores envolvidos na teia.

As redes sociais, com o amparo das tecnologias da informação e comunicação, se adentraram no mundo virtual, o que permitiu ao indivíduo se expandir, se hibridizar e se transformar. As redes sociais digitais e a sinergia de todos seus envolvidos apoderam-se de uma plataforma que oferece condições de quebrar as barreiras, saltar os muros, as fronteiras, as divisões territoriais. Esse hibridismo na comunicação possibilitou ao usuário o processo de mão dupla de conteúdos, ou seja, além de receber, o mesmo pode difundir conteúdos e socializar informações.

LinkedIn, *MySpace*, *Flickr*, *YouTube*, *Twitter*, *hi5*, *MSN*, *Gtalk* e *Skype* são apenas alguns dos exemplos dessas redes que incluem, obviamente, um dos elementos balizadores dessa nossa pesquisa, o Facebook.

2.6. Rede social: Facebook

Na mitologia grega, um rei com o nome de Midas recebeu do deus Baco o dom de transformar tudo que tocasse em ouro. Trazendo para a nossa realidade, poderia Midas acreditar que transformaria em “ouro” páginas de um livro com fotos de estudantes de uma universidade? Penso que nem o rei da mitologia grega nem aqueles garotos em um quarto da residência universitária de Harvard acreditariam em tal façanha. A importância dessa nova ferramenta do ciberespaço perpassou na imaginação daqueles jovens, que sucumbiram às possibilidades de compartilhamento não só de fotos ou arquivos de textos, mas também de sons, imagens e vídeos com quem quer que seja, onde quer que esteja.

2.6.1. Thefacebook.com

Uma espécie de brincadeira entre Mark Zuckerberg e três amigos adolescentes em 2004, hoje virou negócio, bilhões de dólares que movimentam ações que estão no hall das mais cobiçadas pelos “lobos” das bolsas de valores. Uma rede social digital com mais de um bilhão e trezentos milhões de “facebookianos”, de acordo com dados do próprio site⁵. Se o número representasse a população de um país, seria o segundo maior do mundo, só perderia para a China. Essa quantidade de usuários é equivalente a quatro vezes a população dos EUA.

Em seus primórdios, nos idos de 2004, o então denominado TheFacebook.com, que em tradução literal para o português quer dizer “livro de rosto”, tinha como foco criar uma rede de contatos entre jovens estudantes. Quando da criação, a rede social era fechada, utilizada para interconectar os alunos da Universidade de Harvard, no estado norte-americano de Massachusetts. Pouco tempo depois, foi expandido para outras universidades como *Stanford, Columbia e Yale*.

Com um misto de tecnologias contemporâneas e uma parcela de curiosidade social, Mark Zuckerberg e seus colegas de universidade criaram um universo que transcendeu o simples olhar de uma foto. Os envolvidos nesta teia e suas relações tinham um certo “quê” de voyeurismo, o prazer de olhar fotos, observar a vida das outras pessoas e suas performances. Surge uma rede social onde os frequentadores, principalmente os sujeitos juvenis, se mostram, se expõem e desejam ver os outros, numa busca constante de entender a subjetividade daqueles observados, mas que também são observadores.

[...] realidade fluida e instável da cultura digital, fronteira dilatada dessa geração, que suscita ideias potencializadas pelo modo como esses jovens intensificam sua volatilidade subjetiva na cibercultura, construindo arquiteturas líquidas, distintas por sua dinamicidade e ampliadora do potencial criativo desses sujeitos. (Silva, 2013, p. 21)

Estar conectado no Facebook é sinônimo de conhecer pessoas, socializar, conversar, aproximar-se do contexto social dos sujeitos juvenis universitários. Sujeitos esses que, ao iniciarem suas atividades acadêmicas, se deparam com um período crucial de suas vidas. Conforme Recuero (2009), os primeiros contatos de um jovem universitário com o universo acadêmico são conflitantes, já que, nos Estados Unidos, o momento em que o jovem sai da escola e vai para a universidade “quase sempre representa uma mudança de cidade e um espectro novo de relações sociais.” (p.171). Neste contexto, pertencer às redes sociais e em especial ao Facebook é uma espécie de subterfúgio para aqueles jovens.

O Facebook se tornou rotina na vida da sociedade acadêmica. Mezrich (2012, p.101) afirma que, diferentemente das outras redes sociais, as relações com os pares eram mais próximas: o participante, de certa forma, já conhecia as pessoas que convidava, ou pelas quais era convidado para serem amigos, existia um estreitamento, uma proximidade. De acordo com o autor, “eram suas colegas de classe – ou amigas dos amigos, integrantes de uma “rede” em que você poderia entrar ou

⁵ www.facebook.com - Acessado em 20 de janeiro de 2014.

pedir para entrar, por intermédio de pessoas conhecidas que já fossem integrantes.” (p.102). Ainda de acordo com Mezrich (2012)

Você não visitava o site só uma vez. Você o visitava diariamente. E voltava, de novo e de novo, acrescentando coisas ao perfil, mudando fotos, seus interesses e, mais importante, atualizando sua lista de amigos. Ele realmente fez com que boa parte da vida social universitária migrasse para a internet. E realmente havia mudado a cena social de Harvard. (Mezrich, 2012, p.102)

O crescimento do site apontava para o surgimento de um fenômeno social, que culminava em números surpreendentes. Segundo Kirkpatrick (2011, p 139), no recomeço do ano letivo de 2005 o Facebook já cobria quase todo o mercado universitário, uma média de 85% dos universitários americanos tinham a sua conta no Facebook. Dois anos depois do lançamento e com mais de um milhão de usuários, em setembro de 2006 acontece a abertura total do Facebook.

A rede social Facebook começava uma nova história. Os fragmentos de formatação anteriores, voltados *a priori* para o universo fechado do campo acadêmico, perpassavam agora o convívio social das universidades estadunidenses. A ampliação da área de atuação da rede em comunidades, passando da homogeneidade dos muros da academia para uma condição heterogênea, permissiva a todos os conectados, presenciou um rápido desenvolvimento na sociedade global, que aderiu em grande e rápida escala à rede social digital.

No entanto, é preciso esclarecer, conforme aponta Kardoso (2013), que a “abertura, porém, não afastou as classes universitárias mais abastadas pioneiras na rede.” (p.56). O que houve foi uma fusão dos distintos segmentos sociais, aumentando o fluxo de usuários e, conseqüentemente, originando uma explosão de informações e conteúdos. Ainda segundo o autor, esse marco histórico facebookiano rompeu com as barreiras sociais, educativas, culturais: “O Facebook deixava de ser um clube de ricos.” (Kardoso, 2013, p.56). A rede social Facebook emergiu para a esfera das grandes massas, se popularizou.

Um momento histórico na era da comunicação e informação contemporânea, a rede social Facebook ultrapassou os limites de uma mera plataforma de relacionamentos. De acordo com Kirkpatrick (2011), “A escala do crescimento global do Facebook nos últimos anos é difícil de entender.” (p.266). Ainda de acordo com o autor.

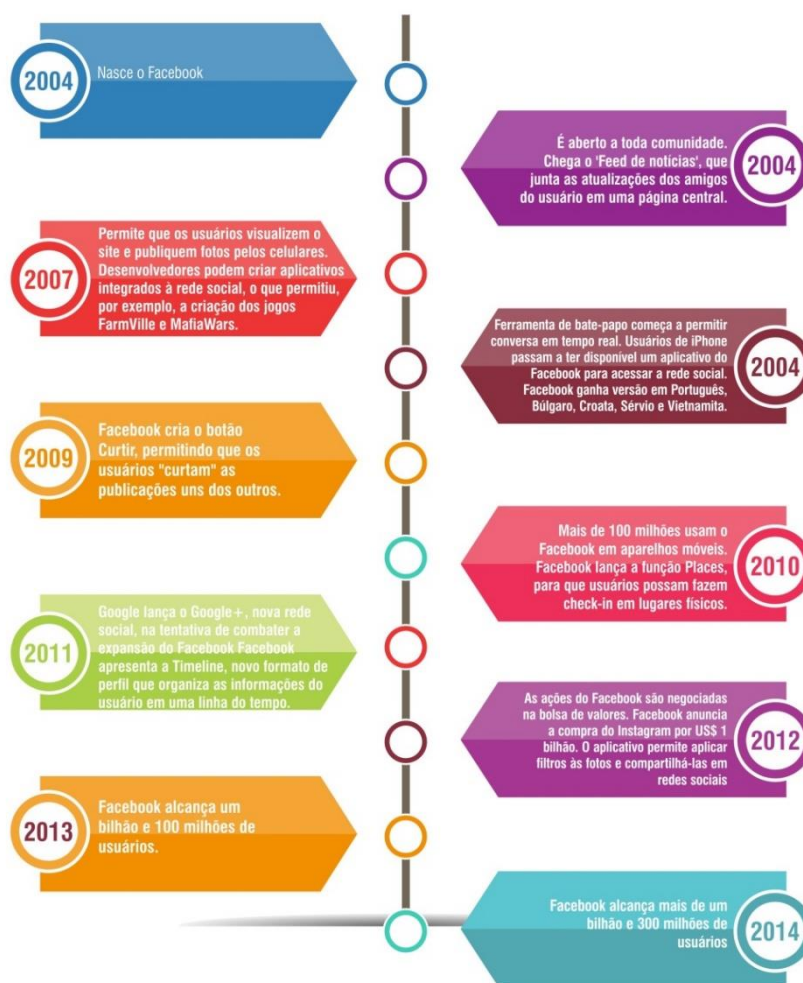
Uma mudança memorável na internet foi anunciada em março de 2009 pela empresa de pesquisa Nielsen Company. Pela primeira vez, o tempo gasto em redes sociais por usuários da internet em todo o mundo tinha ultrapassado o tempo gasto com e-mails. Uma nova forma de comunicação havia se tornado predominante. Em 2008, o tempo total gasto em redes sociais cresceu saudáveis 63% em todo o mundo. O Facebook, no entanto, estava em outro grupo. (Kirkpatrick, 2011, p.266).

Um fenômeno social que mexeu com os alicerces da rede mundial de computadores. Kirkpatrick (2011) pontua que “as próprias expectativas da empresa continuam sendo superadas” (P.267), e que o criador do Facebook Mark Zuckerberg acreditava que, “uma vez iniciada a consolidação de uma plataforma de comunicações, isso pode se acelerar e fazer com que ela se torne quase um monopólio.” (266). Pela ótica do autor, foi justamente esse o caminho seguido por

Zuckerberg, que pensava na construção de uma ferramenta “não para os Estados Unidos, mas para o mundo.” (266).

Temos aqui uma história de ascensão em tempo/espaço com a mesma velocidade a que as informações são propagadas em tempos virtuais. Em dez anos de Facebook, verificou-se um crescimento social e econômico que superou todas as expectativas.

Infográfico 1. Timeline histórico do Facebook



Fonte: G1.globo.com

Esse sucesso e a situação do Facebook como a maior rede social digital da atualidade é motivo de pesquisas oriundas de várias partes do planeta. Porém, não se tem uma resposta definitiva quanto ao fenômeno. Alguns autores dão como argumento, por exemplo, a excelência pelo nascimento em solo americano. Mazzocato (2014) observa não ser possível determinar, com exatidão, o que levou o Facebook a se destacar frente à concorrência:

Não se pode determinar um fator decisivo para seu sucesso, sendo possível apostar que sua popularidade se deve a um conjunto de fatores e investimentos criados devido a pesquisa e descoberta de tendência de mercado. Como a ferramenta “Curtir” implementada em fevereiro de 2009, os investimentos em plataformas para aparelhos móveis, ou a própria *Timeline* em setembro de 2011, que possibilita novas formas de visualização do perfil dos sujeitos. (Mazzocato, 2014, p.79).

Ainda segundo o autor, outras medidas que podem ter permitido uma sustentação com o viés para a perspectiva do mercado foram as “funcionalidades que acompanham os avanços do Google Plus e a compra do Instagram” (p.80), ocorrida em 2012.

Infográfico 2.Os 10 anos do Facebook



Fonte: Consultoria e marketing/Facebook 2014

O Facebook, enquanto plataforma de uma das maiores bases de usuários do mundo, é uma rede social de participação gratuita, bastando apenas que o usuário faça seu cadastro, crie um perfil e, por intermédio do login, se adentre ao universo dessa rede, com teias e nós, tecidas por sujeitos das mais distintas classes. São avatares, interlocutores, perfis que às vezes nos surpreendem; pois, é nessas teias que muitas vezes alguns velhos amigos estão também tecendo seus nós.

Neste contexto, Teixeira (2014) afirma que “Nessa teia comunicativa emergem milhares de atores interconectados que constroem, compartilham, tecem subjetividades de modo que contextos coletivos de interação são estabelecidos.” (p.43). E é justamente nesse entrelaçamento que o sujeito se projeta aberto às partilhas, se coloca como “meio”, recebendo e transmitindo informações, tudo em prol do conhecimento e das construções de suas subjetividades.

2.6.2. Esses jovens sujeitos no Facebook

No ir e vir dos movimentos sociais dos sujeitos no Facebook, mentes, corpos e almas se entrelaçam nas mais variadas camadas sociais, culturais e etárias; ramificações heterogêneas de informações e conteúdos vão se interligando numa perspectiva de pluralização dos conhecimentos. Nesse contexto, os jovens sujeitos da contemporaneidade passam a ter uma posição de maior significância: se identificam, são leves e dinâmicos, e conforme Silva (2007), marcados pela velocidade da cultura digital.

[...] são tecnófilos, que se sentem atraídos e assumem de fato as tecnologias pelo desejo de conhecer, empregar e possuir novas tecnologias; por estarem se desenvolvendo juntos com as TIC desde as duas últimas décadas do século XX e a partir da primeira do século XXI, sentem-se também co-proprietários das TIC, pois satisfazem suas necessidades de lazer, comunicação, aprendizagem com elas. (Silva, 2007, p.51)

Nesse espaço plural, os jovens sujeitos/atores/autores facebookianos se tornam protagonistas de seus enredos, suas histórias são construídas e projetadas a partir de interesses próprios. Nessa condição, os eventos por eles configurados projetam a forma como os mesmos querem ser vistos, lembrados e até copiados, tudo isso pelas interações tornadas possíveis pela rede social. Segundo Teixeira (2014), “Em nenhum outro momento os sujeitos conhecem e interagem com tantos outros sujeitos e têm tantos amigos reunidos como no Facebook” (p.51).

Desde seu surgimento, esses jovens sujeitos mergulham no Facebook em busca de aventuras semeadas em terras férteis. No vasto universo do ciberespaço, esses sujeitos juvenis trocam ideias, favores, publicam fotos, conteúdos, conhecimentos e uma imensidão de sentidos em busca de suas subjetividades; eles vivem nele, projetam-se nele.

O Facebook é um lugar de fala desses sujeitos, um território onde a liberdade permitida faz com que expressem seus cotidianos em imagens, em textos, em áudios e vídeos. Numa relação de idas e vindas, as vidas se conectam, se cruzam, em busca do subjetivismo virtual. Teixeira (2014) pontua que a sociabilidade em rede é passageira, no entanto, intensa, envolvendo sentidos sociais, tecnológicos, culturais, financeiros. As redes sociais abriram portas, quebraram paradigmas, fomentaram novos caminhos, fizeram com que os indivíduos/sujeitos dessas redes se sentissem parte de uma forma de comunicação democrática.

Praticamente desde a sua abertura à generalidade dos cidadãos, o Facebook passou a ser território de personagens ligadas às políticas partidárias. E foi justamente nos EUA, país onde emergiu a rede social, que se deram os primeiros movimentos de relação entre o Facebook e a política

partidária. Porém, é preciso acentuar que as políticas partidárias sempre recorreram aos meios de comunicação para partilhar seus discursos.

Por esse viés, impõe-se refletir sobre o caminhar desses dois elementos de sentimentos paradoxais, mas de relações intrínsecas na contemporaneidade das redes sociais. No próximo capítulo iremos procurar entender um pouco mais a respeito das relações existentes na parceria política e tecnologias da informação e comunicação contemporânea contida no universo da cultura juvenil.

Capítulo 3. Espetacularização da política partidária como fenômeno midiático

Quando utilizamos o termo política em nosso cotidiano, de um modo geral estamos situando uma gama de movimentos que envolvem o indivíduo e seus pares. Entendemos que a política é um fenômeno existente no seio da sociedade e se manifesta constantemente em nossas vidas, em nossas relações sociais e culturais. Desde sua criação, nomeadamente por Aristóteles, os modelos de políticas foram criados, desenvolvidos e implementados com objetivo de manter a ordem social nas *polis*⁶, sendo esses arranjos um dos mais importantes aspectos no desenvolvimento da civilização grega.

Mas, para que essas ações políticas pudessem ser executadas, era preciso capacitar tecnicamente os cidadãos. Essa capacitação se fundamentou no processo estratégico de comunicação. E dessa forma cada indivíduo, sujeito/político, virou protagonista desse enredo. A comunicação verbal, no seio da Grécia antiga, tinha na argumentação, na retórica, e principalmente no *ethos* de cada orador, os principais elementos para legitimar aqueles que poderiam governar a *polis*, ou seja, o poder político já então tinha uma relação profunda com a comunicação. De acordo com Meyer (1997), a comunicação, enquanto poder, se fundamenta na arte de bem falar, de demonstrar eloquência diante dos auditórios para ganhar uma causa, por meio de discursos e técnicas de persuasão e muitas vezes de manipulação⁷.

No devir da comunicação, novos meios foram surgindo e sendo utilizados no meio político: o livro, o jornal, o telex, o telefone, o rádio e a televisão, tecnologias que contribuíram de forma direta para o desenvolvimento da comunicação e, conseqüentemente, para a forma de manifestação da política.

As manifestações dos argumentos, pretextos e interesses dos sujeitos/políticos ganhavam novos aliados, que permitiam alcançar um público maior e em menos tempo. Dentre esses meios de comunicação de massa, o rádio e a televisão continuam, em dias atuais, dando suas contribuições à política de um modo geral.

Com a evolução tecnológica pujante no século XX, em meados dos anos sessenta, na América, uma nova forma de comunicação é apresentada. Da Arpanet à Internet, a rede mundial de computadores evolui de seus interesses militares primários para a popularidade, no fim do século passado, com o advento World Wide Web. Neste contexto, com a chegada da Internet e as tecnologias contemporâneas da informação e comunicação, as fronteiras do tempo/espaço/política foram

⁶ “Cidade-estado, organização típica da Grécia antiga.” (Arruda e Piletti, 2005, p. 42)

⁷ “Persuadir não é a mesma coisa que manipular. A grande diferença reside na intenção do orador. No caso da persuasão, o objectivo é apenas provocar a adesão, apelando a factores racionais e emocionais. No caso da manipulação, existe uma intenção deliberada de desvalorizar os factores racionais, apelando a uma adesão emocional. O próprio discurso é baseado em falácias, onde é patente a intenção de confundir o público”. (Fontes, s. d.) Disponível em: <http://afilosofia.no.sapo.pt/11Persuasmanipul.htm>

dissolvidas pela forma de se comunicar com maior rapidez, mobilidade, agilidade e interatividade. A rede mundial de computadores sai do PC de mesa e ganha as ruas: *são laptops, tablets, smartphones*. Novos ambientes são criados, as redes sociais digitais e suas plataformas como o Facebook passam a fazer parte das estratégias de comunicação das comunidades políticas, se transformando em mais uma ferramenta da retórica política em tempos virtuais.

3.1. Um olhar para a natureza da política segundo Aristóteles

Inventado pelos gregos, o termo política surge principalmente pelo pensamento filosófico de Aristóteles (384 –322 a.C.) que, acreditava na política como um bem comum, que pudesse ser exercitado por todos. Desde seus primeiros movimentos, a política com um propósito democrático apontava para a busca de coesão entre os indivíduos, de evitar conflitos, assegurar seus direitos e objetivar seus deveres diante da sociedade.

A divisão social e política apresentada por Aristóteles em sua obra *Política* buscava possibilitar, em primeiro plano, que os indivíduos compreendessem o verdadeiro sentido de se harmonizar, de se bastar a si mesmos, em busca do bem estar, tendo nas relações humanas e sociais o meio para o convívio com a natureza. Neste contexto, Aristóteles (1995) afirma que o homem é o elemento primordial da natureza, e que a “natureza compele... a todos os homens a se associarem” (p.15). Ainda segundo o autor,

[...]se o homem, tendo atingido a sua perfeição, é o mais excelente de todos os animais, também é o pior quando vive isolado, sem leis e sem preconceitos. Terrível calamidade é a injustiça que tem armas nas mãos. As armas que a natureza dá ao homem são a prudência e a virtude. Sem virtude ele é o mais ímpio e o mais feroz de todos os seres vivos. (Aristóteles, 1995, p.15)

Pela ótica aristotélica, apesar de estar incluído na natureza ao lado de todos os outros elementos que a compõem, o que diferencia o homem e o coloca à frente, e em condição de perfeição, é a capacidade de discernimento das coisas e a comunicação oral, o “dom da palavra”. Por meio da fala, o sujeito exercita todas as suas habilidades nas relações sociais, contesta, critica, engana; pela fala e pelo poder da fala, o homem se torna um animal superior na esfera da natureza desenhada por Aristóteles.

Claramente se compreende a razão de ser o homem um animal sociável em grau mais elevado que as abelhas e todos outros animais que vivem reunidos. A natureza, dizemos, nada faz em vão. O homem só, entre todos os animais tem o dom da palavra; a voz é o sinal da dor e do prazer, e é por isso que ela foi também concedida a outros animais. Estes chegam a experimentar sensações de dor e de prazer, e a se fazer compreender uns aos outros. A palavra, porém, tem por fim fazer compreender o que é útil ou prejudicial e, em consequência, o que é justo ou injusto. O que distingue o homem de um modo específico é que ele sabe discernir o bem do mal, o justo do injusto, e assim todos os sentimentos da mesma ordem cuja comunicação constitui precisamente a família do estado. (Aristóteles, 1995, p.14).

O autor afirma, noutro passo, que o “homem é naturalmente um animal político, destinado a viver em sociedade.” (p.14). De facto, desde o nascimento, o homem vive uma relação social com seus familiares, amigos, escola, clubes, igreja. Por natureza, o ser humano é dotado de um espírito de sociabilidade que o permite se relacionar com seus pares, expressar o que pensa; dialogar.

De acordo com Barbosa (2013), o termo política “significa tudo o que se refere à cidade e, conseqüentemente, o que é urbano, civil e público.” (p.11). Ainda segundo o autor, o termo é “também utilizado para designar obras dedicadas ao estudo da esfera de atividade humana que se refere às coisas do Estado.” (p.11), ou seja, a política como ciência que estuda a atividade política.

A compreensão da política nos âmbitos da sociedade nos permite concluir que a política não tem fins perpetuamente estabelecidos, não é exata e, muito menos, homogênea. Os objetivos finais da política são mutáveis e ocorrem de acordo com as circunstâncias, o tempo, o espaço e os interesses das classes e seus sujeitos políticos.

3.2. Sujeitos, atores políticos e a teatrocacia em nome do poder

Aristóteles desenhou utopicamente uma sociedade em perfeito estado de harmonia, onde a natureza e os elementos que a compõem se adequam uns aos outros. Mas, diferente desse contexto benévolo, arquitetado e sonhado pelo discípulo de Platão, o homem fez da arte da oratória seu primeiro instrumento de persuasão em nome do poder.

É preciso esclarecer que, ao referirmos o termo poder, o mesmo não está centrado no sentido filosófico da palavra. O poder, neste contexto, está intrinsecamente ligado ao sujeito político: “O poder político consiste, originariamente, na possibilidade de impor pela força, aos indivíduos membros de um grupo social (da cidade, ou pólis), a adoção de um determinado comportamento” (Campos, 2007, p. 2).

E segundo Foucault (1982), o poder tem em suas raízes uma relação próxima com o saber. Entende-se, então, que as ações em busca do poder têm como pano de fundo, e antes da força bruta, o saber, pois, “se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande superego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil.” (p.84). E, assim, poder, persuasão, bem como o saber, são elementos que no universo político/social se relacionam, se entendem e se completam.

Tendo suas origens na Grécia antiga, a política foi muitas vezes discutida em cenários pitorescos, como as ruas, as praças públicas, os teatros entre outros. Utilizavam-se técnicas da retórica para expressar pensamentos e interesses políticos em relação ao poder, numa verdadeira representação teatral pela busca de convencimento de seus pares. Segundo Balandier (1999), o poder sempre esteve em cena, os atores/políticos já encenaram e encenam dramas, romances, comédias, policiais e tantos outros gêneros, sempre na perspectiva de um só objetivo: o poder.

O poder emana dos ímpetos teatrais, envolto no turbilhão social, o qual é reflexo de uma sociedade onde os jogos de interesses ultrapassam o alcance da ética. Onde a coletividade é deixada de lado em detrimento dos “egos” inflados dos sujeitos políticos. Onde “o grande actor político comanda o real pelo imaginário. Ele pode, aliás, manter-se sobre uma ou outra destas cenas, separá-las, governar ou exhibir-se num espetáculo”. (Balandier, 1999, p.21)

O autor indica que o poder político, entre outras nuances, se estabelece pela teatrocacia, uma verdadeira dramaturgia política, que atua no imaginário social, buscando a subordinação através de expressões ligadas aos mitos, imagens e acontecimentos. Para Balandier (1999), “a teatrocacia consagra, comemora, difunde as ideias novas e procura adesão através do efeito do espetáculo” (p.38), tudo em busca de legitimar o poder.

Entretanto, para a existência dessa interação entre os sujeitos políticos e seus interlocutores, Goffman (1985) aponta para a necessidade da “expressividade do indivíduo”, a capacidade do mesmo para transmitir impressões, que são efetuadas por duas atividades significativas, “a expressão que ele transmite e a expressão que emite”. Dois tipos diferentes de comunicação mas com um único propósito: o de persuadir os seus destinatários.

Para o autor, a expressão que o ator, sujeito/político transmite “abrange os símbolos verbais, ou seus substitutos” (p.12), que ele utiliza para transmitir as informações que estão diretamente ligadas aos símbolos conhecidos por ele e seus interlocutores. Já a expressão que emite “inclui uma ampla gama de ações, que os outros podem considerar sintomáticas do ator, deduzindo-se que a ação foi levada a efeito por outras razões diferentes da informação assim transmitida.” (Goffman, 1985, p.12). São encenações, performances, espetáculos mediados pelos interesses estratégicos.

Seguindo a linha de raciocínio cronológico de Balandier (1999), as sociedades contemporâneas, através dos aparatos tecnológicos, os quais possibilitam aos sujeitos maior acesso aos conteúdos disponibilizados na rede, estão melhores preparadas para filtrarem as informações. Essas sociedades ouvem o que querem ouvir, e sabem o que ouvir. Dessa forma, os indivíduos da contemporaneidade confrontam-se com uma nova realidade.

A trindade que rege agora todas as coisas: informação, comunicação e técnica. O que o poder recebeu da transcendência, do sagrado e da história é lhe imputado de agora em diante. Ela domina e com ela aqueles que asseguram o sacerdócio. As linguagens, as simbolizações e as imagens, as ritualizações e as dramatizações adaptam-se a esta coação e atuam sob influência. (Balandier, 1999, p.16)

A teatrocacia de Balandier nos remete a um cenário onde a discussão social política se baseia no drama, na trama encenada pelos atores sociais, em um profundo emaranhado; personagens da vida real, que se confundem e se envolvem dramaturgicamente com um só propósito: alcançar os objetivos desejados, em suma o poder político. Que, segundo Barbosa (2013), é “uma forma específica de poder, que se distingue do poder que o homem exerce sobre a natureza e de outras formas de poder que o homem exerce sobre outros homens (poder paterno, poder despótico, etc).” (p.11). Neste contexto, Barbosa afirma ainda que.

O poder político, como possui meio específico de exercício a força, é o poder supremo ao qual todos os demais estão de algum modo subordinados. Exatamente por isso é o poder a que recorrem todos os grupos sociais dominantes (a classe dominante), em última instância, para manter o domínio interno, para se defender dos ataques externos e para impedir a desagregação do seu próprio grupo e sua eliminação. (Barbosa, 2013, p.12)

O poder político agenda uma linha exclusivista, não permitindo alinhamentos no âmbito de seu domínio. Uma casta é definida, e nela só entram os escolhidos pelos interesses do próprio poder. E fora desse escrutínio, continuamos à mercê das divisões, ainda mais evidenciadas pelo modelo capitalista da sociedade ocidental, que define quem detém o poder pela capacidade econômica e financeira, e não pela capacidade sócio/intelecto/política.

3.3. Política em tempos de tecnologias contemporâneas

Em tempos de ciberespaço, internet, redes sociais digitais e tantos outros elementos que compõem esse universo virtual e globalizado, a temática política/poder perpassa as mais variadas correntes, que buscam identificar as relações existentes entre a comunicação moldada pelas tecnologias contemporâneas e a política. Mas, para situar esse momento vanguardista, é necessário entender que a definição do fenômeno político atravessou séculos e revoluções. Neste contexto, Fidalgo (2013) afirma que.

A história política contemporânea, iniciada pelas revoluções americana e francesa de finais de setecentos, é constituída no fundo por duas lutas simultâneas: a luta pela democratização universal do poder, ou seja, pela participação de todos na determinação da vida colectiva, e a luta pela autodeterminação e independência dos diferentes povos. (Fidalgo, 2013, p 24)

Na ótica do autor, observa-se que os indivíduos e as instâncias sociais desenvolveram lutas na tentativa de construção de sociedades com mais igualdade e mais liberdade. Esse enredo, conforme Fidalgo (2013), propiciou “a formação de muitos estados ao longo dos séculos XIX e XX, primeiro na Europa e na América Latina, e depois na Ásia e em África.” (p.24).

Por esse prisma, as divisões territoriais e geopolíticas permitiram novos modelos de culturas políticas nas sociedades. O autor afirma que as tentativas não foram em vão; no entanto, “Se, por um lado, se institui a universalização do poder ao nível individual, por outro lado, faz-se a particularização do poder ao nível dos povos.” (p.24). Os direitos de igualdade social foram estabelecidos, o estado democrático de direito deu abertura para que os indivíduos pudessem ter acesso e aproximação a benefícios próprios do poder. Porém, esse acesso ficou restrito a uma minoria social.

Os fenômenos políticos sociais que entremearam os séculos XIX e XX fomentaram discussões, criaram elementos e permitiram compreender esta lógica ou dinâmica do nascimento da política contemporânea sinalizada por Fidalgo (2013). Leve-se em conta que ela é criada pelo comum acordo entre os homens, materializada quando transformada em prática social, e impulsionada pelos meios de comunicação.

Nesse cenário, onde política e tecnologias contemporâneas caminham juntas, é preciso provocar no indivíduo e na sociedade a necessidade de se debater sobre esse novo momento político. Estamos diante de uma nova realidade na comunicação, uma comunicação que passou por significativos processos de transformação, resultantes da aceleração dos avanços tecnológicos que

envolvem os aparatos comunicacionais. Juntem-se, a isso, as possibilidades suscitadas pela Internet e suas ferramentas, como a conexão via *wi-fi* e a telefonia 3 e 4G - que permitem ao indivíduo se conectar a qualquer hora e em qualquer lugar, bem como as redes sociais digitais, uma teia universal de relacionamentos. Tudo isso permitiu transformações e quebra de paradigmas até então dominantes no contexto político.

Camilo & Silva (2013) levam adiante esse discurso, citando Delarbre (2009), que admite a existência de três implicações de suma importância da tecnologia contemporânea da informação e comunicação na política:

- a) Intermedeia o poder político e os cidadãos, porque as instituições passam a estar disponíveis na rede, aproximando-as dos indivíduos. E se isso “não torna mais legítimo nem mais plausível o trabalho que realizam, em todo o caso, o deixa menos opaco (p. 84);
- b) Reproduz as relações que existem offline ou cria novas. No caso das primeiras, podemos considerar o contacto dialógico que ocorre entre as audiências e os main stream media, em detrimento do contacto unilateral que ocorre no modelo de comunicação tradicional;
- c) Permite a difusão e a apropriação de conteúdos dos e pelos indivíduos, isto é, ocorre a expansão do volume de conteúdos, que vai eliminar as fronteiras entre público e privado. Redes sociais e muitos outros espaços de partilha de texto, vídeos e fotos preenchem o espaço online de conteúdos onde a subjectividade é uma tendência presente. Com isto, “o espaço público do qual faz parte a Internet enche-se de temas privados em virtude desse desnudamento emocional - e de repente também corporal - que praticam os autores de tais diários abertos” (p. 89). (Camilo e Silva, 2013, p. 137)

Inúmeras possibilidades se apresentam, permitindo concluir que “a sequência de evoluções registada no campo das tecnologias digitais ofereceu a todos os actores políticos - do cidadão aos dirigentes - um conjunto de ferramentas com que podem construir discursos políticos e proceder ao seu intercâmbio.” (Camilo e Silva, 2013, p.139)

As tecnologias contemporâneas da informação e comunicação e a política fazem parte de um novo espaço público virtual. São novas oportunidades de construção, divulgação e legitimação de conteúdos, disponíveis de forma democrática aos interessados, neste caso, os sujeitos políticos, que se tornam a cada dia mais globalizados. A realidade desse novo espaço influencia os indivíduos, e com eles os costumes, os desejos, comportamentos e acima de tudo, sua forma de aceitar o novo, pois, paradoxalmente, aceitamos e resistimos ao mesmo tempo aos impulsos para que a contemporaneidade nos empurra.

Sobre a relação entre política e tecnologias da informação e comunicação contemporâneas, Canavilhas (2009) afirmava que com a internet os políticos encontraram uma nova forma de afinidade com os eleitores. Via-se nessas ferramentas a possibilidade de estreitar laços, criar relações. O ciberespaço e seus tentáculos de virtualização conferiram aos sujeitos/políticos uma nova esfera de atuação, onde a velocidade e o alcance de conteúdos superam todas as expectativas.

Segundo Canavilhas (2009), “Na mais recente campanha norte americana a Internet foi de novo um elemento importante na manobra de um candidato” (p.02). Barack Obama, nas eleições de 2008, utilizou quase todas as aplicações online disponíveis naquele período.

Obama criou espaços nas várias redes sociais (Obama Everywhere) e só no Facebook chegou aos 320 mil utilizadores. Para além deste contacto directo com o eleitorado, o candidato arrecadou ainda 28 milhões de dólares de apoio, o que lhe permitiu manter alguma distância em relação aos grupos de pressão. (Canavilhas, 2009, p.2)

Também segundo Jalali (2013), “Os estudos existentes sobre a campanha presidencial de Barack Obama em 2008 tendem a ser unânimes sobre este efeito.” (95). As pesquisas demonstraram que o envolvimento do então candidato com as redes sociais impulsionou a campanha eleitoral nos aspectos sociais e económicos. Jalali (2013) considera, inclusive, que “Obama provavelmente não teria ganhado as presidenciais de 2008 sem o uso eficaz que fez dos novos media” (P.95). Neste contexto, a classe política percebeu na internet uma nova forma de alcançar e influenciar um grande número de pessoas e prováveis eleitores, ao mesmo tempo que possibilita, por meio de várias plataformas, criar uma base de dados sobre os eleitores, o que foi um diferencial na campanha de Obama em 2008 e reforçada em 2012. (Jalali, 2013, p.95).

A tecnologia, em vertente digital, abriu portas para o novo contexto da informação acompanhando a velocidade dos acontecimentos, ou seja, uma informação quase que instantânea. Em tempos de relações virtuais, Canavilhas (2009), pondera que se situam nas redes sociais digitais as principais apostas para a comunicação política, pois as mesmas oferecem vantagens que podem superar os meios tradicionais.

As grandes vantagens destas redes são a escala e a proximidade, dois conceitos muito caros aos políticos. A aposta nestas ferramentas tem por base a ideia de que o acesso virtual tranquiliza tanto como o acesso real (Kerbel, 1998), o que em grande escala tende a transformar estas ferramentas num dispositivo mais poderoso do que os meios tradicionais, pois permitem codificar a mensagem em vários formatos (multimedialidade), têm uma abrangência global (ubiquidade), possibilitam a personalização da informação, dão ao utilizador a sensação de que é ele quem controla todo o processo (interactividade) e escapam ao controlo dos media tradicionais. (Canavilhas, 2009, p.10)

Compartilhando da mesma linha de raciocínio de Canavilhas (2009) e Camilo & Silva (2013), Nuno Francisco Pontua que:

Agora, vivemos um claro transvase para outros domínios. Falamos de novos horizontes, sem a tradicional mediação jornalística, e que se espraiam pela internet e pelas redes sociais. [...] Neste espaço não mediado definiram-se novas fronteiras, abriu-se o espaço para a interactividade, colocou-se a internet e as redes sociais ao serviço da acção política. (Francisco, 2013, p.129)

Neste sentido, as colocações dos autores citados indicam que esses novos conteúdos alinhados às tecnologias contemporâneas da informação e comunicação fluem com maior aceitação, principalmente pelo público jovem. Os movimentos amparados pela internet e plataformas como o Facebook possibilitaram a criação de novas estratégias e práticas, vislumbrando novos horizontes.

Diante dessas novas possibilidades, a classe política tem aproveitado cada oportunidade na tentativa de aproximação a seus públicos/eleitores. De acordo com Santos & Rodrigues (2013), “O sucesso das campanhas políticas feitas no ciberespaço pode tirar proveito da forte personalização das mensagens transmitidas, pois a informação torna-se cada vez mais orientada, tendo em conta o meio difusor e os vários públicos.” (166). A abertura propiciada pelo ciberespaço, e o desenvolvimento da

cibercultura, são as bases tecnológicas do fenômeno da virtualização e descentralização da comunicação política.

Ainda conforme Santos & Rodrigues (2013), “O aparecimento de ferramentas de caráter social como blogs, *wikis*, bem como a possibilidade de partilhar perfis pessoais no Facebook, *Youtube*, etc, anunciam uma nova forma de comunicação” (166). Um forma de cunho permissivo, onde os sujeitos/atores e autores têm liberdade de mexerem no *script*, de atacar e recuar no tempo exato e na medida certa.

Vivemos a era da comunicação, da velocidade, da mobilidade, dos desafios apresentados pelo novo modo de comunicar e, conseqüentemente, da quebra de velhos paradigmas das políticas partidárias. Tendo em conta estas observações, o nosso foco se dirige agora para a evolução da política brasileira.

3.4. A política brasileira

A história da política partidária deve ser observada a partir da proclamação da independência do Brasil, em 1822. Nestes quase dois séculos, alguns pontos marcantes devem ser elucidados para uma maior compreensão de todo esse enredo, que tem também a presença da comunicação, fortalecendo o movimento de independência, de liberdade.

De acordo com Arruda e Piletti (2005), duas frentes separatistas caminhavam juntas no propósito de independência, porém, divergiam quanto à forma. José Bonifácio defendia uma monarquia constitucional, acreditando que o Brasil podia continuar ligado a Portugal. Por outro lado, Gonçalves Ledo defendia a independência imediata e a instauração da república. Dom Pedro I acatou ideias de ambas as partes, e o primeiro ato político do Brasil era proclamado. Arruda e Piletti (2005) pontuam que o porta voz desse momento “era o jornal *Revérbero Constitucional Fluminense*, publicado no Rio de Janeiro a partir de setembro de 1821.” (p.263).

Em princípio, quando da proclamação da independência, era preciso organizar o novo Estado, um país nascendo para sua liberdade mas que, de certa forma, ainda caminhava sob os olhares de nossos descobridores. O novo regime a ser aplicado era a monarquia constitucional, a regência soberana com diretrizes da realidade brasileira da época. De acordo com Santos (1989), o Brasil viveu da independência a proclamação da república o estado Imperial, que teve em seu contexto fatos relevantes para a história política brasileira, destacando:

- ✓ Assembleia Constituinte de 1823, homologada em 1824;
- ✓ Dom Pedro I abdica ao trono em 7 de abril de 1831;
- ✓ Período regencial: regência trina, e regência una (1831-1840);
- ✓ Posse de d. Pedro II aos 15 anos de idade em 1841;
- ✓ Surgimento dos primeiros partidos: Conservador (1836) e Liberal(1837);
- ✓ Lei Áurea em 1888 abolição da escravidão no Brasil.

Outro ato de relevância na política brasileira, a proclamação da república, aconteceu com a oposição da população. Segundo Santos (1989), a junção dos militares com o partido republicano foi uma afronta à sociedade, que se viu traída e desprestigiada. A república foi proclamada sem os olhos e a vontade do povo. O poder das armas dos militares prevaleceu. Neste contexto, o autor afirma que “na derrocada instantânea e em grande parte inesperada de 15 de novembro, só a organização militar subsistira.” (p.182). Com a mudança de regime, o pensamento republicano de desenvolvimento e de um poder modernizador se esvai. Ainda de acordo com o autor,

Não seriam os republicanos civis que pudessem alterar de qualquer forma aquela situação de fato. Faltava-lhes toda autoridade, relegados ao segundo plano, como logo se encontraram, em meio à natural arrogância dos soldados amotinados. [...] era sob o olhar sarcástico e quase desprezível dos oficiais de ordenança e dos cabos de serviço, que aqueles paisanos atravessavam as ante-salas da ditadura. [...] isolados da nação, virtualmente abandonados dentro do círculo de baionetas onde haviam penetrado em busca de poder. (Santos, 1989, p.182)

Ao contrário do que se pretendia, o período de implantação da república nunca foi transparente e realmente aberto à sociedade; de acordo com Santos (1989), “tudo foi radical e simplesmente identificado como sendo a própria monarquia, confundido com o trono para ruir e desaparecer com ele.” (p.183)

Mas estava lançada a república brasileira, com um ditador militar/republicano que já enfrentava a imprensa e seus questionamentos quanto aos seus atos públicos. Em um desses atos, poucos meses após a diplomação, o Presidente do Brasil do sonho utópico de independência cerceou a liberdade e suprimiu a imprensa. Os jornais, principais veículos de expressão e de representatividade da sociedade calaram-se, os que arriscavam confrontos com o poder político eram fechados.

Dois anos depois da proclamação da república foi elaborada a primeira constituição plenamente brasileira. Baseada na carta constitucional norte-americana, seguia os princípios básicos da democracia estadunidense, numa tentativa de estabelecer um modelo de constituição já experimentado e aprovado por aquele país. Por esse viés, o estado foi dividido nos poderes executivo, legislativo e judiciário, o modelo ainda vigente na nação brasileira.

As excepcionalidades da política brasileira, desde sua criação, não diferem muito da situação atual. No início do século XX as barganhas, os interesses de grupos e a corrupção faziam parte, mesmo que de forma silenciosa, do contexto político, social e financeiro. O Brasil desse início de século consolidou o poder econômico e político dos cafeicultores, principalmente os do estado de São Paulo. Conforme Arruda e Piletti (2005), os Presidentes, maiores autoridades constituídas de um país republicano, eram indicados por oligarquias de exportadoras de café, resultado do elo entre os partidos políticos. De acordo com Arruda e Piletti (2005), os partidos eram regionais. “Não existia nenhum de projeção nacional, todos tinham abrangência apenas estadual. O Partido Republicano Paulista (PRP) era a principal força política, mas para governar precisava de aliança de outras agremiações, como o Partido Republicano Mineiro (PRM).” (Arruda e Piletti, 2005, p.320)

Apesar de a sede do governo federal estar estabelecida no Rio de Janeiro, a prática política da “República Velha” era chamada de política café-com-leite, onde se revezam na presidência da república políticos do eixo São Paulo e Minas Gerais (p.320). Ainda de acordo com os autores, neste período, mulheres, negros, índios, religiosos e analfabetos não votavam, sendo que somente 6% da população era alfabetizada.

Enquanto o Brasil do início do século XX tinha esse ínfimo percentual de pessoas alfabetizadas, na América e Europa as transformações industriais, econômicas e sociais aceleravam o processo de crescimento das nações, bem como modificavam a vida da sociedade. Os primeiros elementos das tecnologias contemporâneas como a fotografia, o cinema e as transmissões radiofônicas já se relacionavam com os modelos políticos vigentes naqueles países.

3.4.1. Getúlio Vargas, um “ditador” com viés para a comunicação

A era Vargas encerrou um ciclo que já durava desde o final do século XIX. A política do café com leite teve seu fim com o movimento conhecido como revolução de 30, que alçou Getúlio Vargas ao poder. Arruda e Piletti (2005) pontuam que, derrotado nas eleições presidenciais, Getúlio foi convencido pelo grupo dos Tenentes a liderar uma revolução armada contra o então Presidente do Brasil, Washington Luiz, que não suportando a pressão entregou o poder. Dessa forma, Getúlio Vargas “consolidou-se no poder e dominou a cena política brasileira durante 24 anos, até seu suicídio em 1954, quando ocupava a chefia do governo pela segunda vez.” (p.358).

Getúlio Vargas assume o governo e de imediato começam as mudanças nos aspectos sociais, políticos e econômicos. Extingue os partidos políticos e suspende a constituição de 1891, entre outras ementas ditatoriais de Vargas de tal modo que nenhuma eleição direta aconteceu naquele período, exceto as eleições para a constituinte convocada em 1933 e promulgada um ano depois. Segundo Arruda e Piletti (2005), em seus três primeiros mandatos, entre 1930 e 1945, muitas foram as medidas populistas incrementadas, que se refletem até hoje no cotidiano das pessoas. Conforme os autores, Getúlio criou novos ministérios, como o Ministério do Trabalho, da Indústria, do Comércio, da Educação, da Saúde; estendeu o direito de voto às mulheres; legalizou a vida do trabalhador brasileiro, criando a carteira de trabalho e ainda estabelecendo direitos como a jornada de oito horas de trabalho, repouso semanal obrigatório, férias remuneradas. Em seu governo Getúlio criou as duas maiores empresas brasileiras, a mineradora Vale do Rio Doce e a petrolífera Petrobras (p.358).

A comunicação na era Vargas foi movimentada por amor e ódio. Foi no governo de Getúlio que a comunicação começou a ter uma relação direta com a política. Levando em consideração que a censura foi estendida a todos os veículos de comunicação neste período, Gisela Ortriwano (2002) afirma que a era Vargas fomentou no rádio vários instrumentos para a profissionalização do meio. Foi de Getúlio Vargas a regulamentação do serviço de radiodifusão e ainda da publicidade radiofônica. Por interesse de expandir seus ideais políticos, criou o programa de rádio exibido em rede nacional

“A hora do Brasil”, que posteriormente se transformaria na “Voz do Brasil”, exibido até aos dias atuais diariamente das 19 às 20 horas. (p.71).

Segundo Ortriwano (2002), desde a primeira transmissão radiofônica no Brasil, efetuada no centenário da independência, em 1922, no Rio de Janeiro, o rádio tem sido parte integrante da política nacional e da vida dos brasileiros. Para a autora, o rádio

Ajudou a derrubar a República Velha, participou da Revolução de 32, fez extensos noticiários sobre a Segunda Guerra Mundial. Desempenhou importante papel no Golpe Militar de 64, participou ativamente da redemocratização durante a Nova República e, pouco depois, fez ecoar país afora o processo de impeachment de um presidente da República. Os políticos sempre souberam reconhecer sua importância nas campanhas eleitorais e, na corrida presidencial de 2002, quando o povo depositou suas esperanças em um novo perfil administrativo, não foi diferente. (Ortriwano, 2002, pp.68-69)

A relação entre a política e os meios de informação e comunicação contemporâneos em meados do século XX foi bastante estreita. Dentro de suas limitações, os veículos de comunicação se colocaram como mediadores dos poderes, ora a direita nacional composta por militares e abastados econômicos, ora os esquerdistas, formados por minorias e suas influências soviéticas, chinesas e cubanas.

3.4.2. Um novo olhar, uma nova imagem

Com a chegada da televisão nos anos de 1950 ao Brasil, acontece uma grande migração dos profissionais do rádio para o novo veículo. Diferente de outros países, que tiveram no cinema e no teatro o referencial para a formatação de um modelo de televisão, no Brasil a TV foi uma espécie de rádio com imagem. De forma amadora durante mais de uma década, a televisão brasileira adentra o universo político em berço militar.

De acordo com Filho (2004), os envolvimento políticos com a televisão têm na ditadura militar brasileira de 1964 a 1985 seu apogeu. Conforme o autor, “Durante aquele período a TV se consolidou como o principal meio de comunicação de massa do país, suplantando o rádio e deixando muito para trás os jornais e as revistas.” (p.41). O autor afirma também que

Em relação à utilização política dos meios de comunicação de massa, pode-se dizer que 1964 completa o processo iniciado em 1930. Se Vargas soube usar com eficiência o rádio e o cinema para subordinar as oligarquias regionais ao seu projeto, os generais de 64 vão montar uma sofisticada rede de telecomunicações capaz de servir como um dos principais sustentáculos para sua política autoritária e centralizadora. (Filho, 1988, p.31)

Pela ótica do autor, a ditadura militar é um período onde “a comunicação eletrônica passou a ser pautada pelo novo modelo de desenvolvimento adotado a partir do golpe de Estado de 1º de abril de 1964.” (p.41) A televisão recebia as benesses do governo, que em troca recebia apoio na coerção ideológica, sustentada nas “publicidades jornalísticas” das principais TV’s brasileiras. Pondero, ainda, que a censura nesse período excedeu todos os limites da liberdade de expressão, tanto dos veículos quanto dos indivíduos. Rádios, jornais e TV’s foram fechados, comunicadores, autores, atores, músicos, apresentadores entre outros foram exilados, presos e torturados, com menos sorte tantos outros morreram.

A filosofia política dos militares apresentada pelos veículos de comunicação era o contraste da realidade vivida pela sociedade. Filho (2004) aponta que, diariamente, as informações davam conta de um país ameno, onde o governo implementava políticas públicas voltadas para o bem estar da comunidade. No entanto, escondia todas as mazelas decorrentes das ações realizadas pelo poder político/ditatorial constituído, fazendo com que a população, à mercê da realidade, vivesse num país idealizado pelos militares e legitimado pelos meios de informação e comunicação.

O sonho de liberdade, o grito sem o cale-se, as várias formas de expressão sem as mordanças acarretaram o fim da ditadura no Brasil. Uma vitória política, e principalmente do povo, que foi às ruas exigindo seu direito de voto e de escolha de seus representantes.

Figura 1: Movimento Diretas Já - Praça da Sé, São Paulo 1982



Fonte: Cedoc: Folha de São Paulo

As primeiras eleições diretas para governadores, em 1982, suscitaram na população brasileira a vontade de votar também para Presidente da República. Mais de vinte anos separavam o povo de uma eleição para a escolha da maior autoridade constituída de um país. Um anseio que tomou corpo, forma, e foi legitimado pela emenda Constitucional Dante Oliveira⁸, que segundo Kinzo (2001) “seria a tentativa do PMDB, em 1984, de mudar as regras das eleições presidenciais, propondo uma emenda constitucional que restabelecesse o voto direto.” (P.6). Ainda segundo o autor, com interesse de “obter apoio popular para a aprovação da emenda, os partidos de oposição partiram para a mobilização da população.” (p.6).

⁸ Emenda apresentada pelo deputado federal Dante de Oliveira (PMDB-MT), que previa eleição direta para presidente em 1985. Acessado em 20 de março de 2015. Disponível em <http://acervo.estadao.com.br/>

Surgiu então o movimento “Diretas Já”, que representou o coro de milhões de vozes civis que, durante anos, foram servis a ditadura militar; personagens de uma nova história, em prol de um novo Brasil. De acordo com Oliveira e Marinho (2012) “Após um longo período de opressão política, a sociedade brasileira foi capaz de se reorganizar como sujeito coletivo em condições de apontar e promover mudanças” (p.135).

O movimento tomou força e ganhou as ruas. Durante os dois anos que antecederam o fim da ditadura, em 1985, vários eventos como shows e comícios reuniam milhares de pessoas em praças públicas. O que mais chamava atenção era a forma livre do movimento, que não carregava consigo interesses singulares, era um movimento pluralista. Para Oliveira e Marinho (2012), os atores e personagens desse enredo eram advindos do povo, o movimento “Diretas Já” era a união de esforços em prol de um Brasil livre.

Desse modo, ao superar cada vez mais seu caráter partidário, a par da presença de múltiplas representações civis organizadas - partidos políticos, igreja, sindicatos - a luta invadiu o cotidiano e a rotina dos cidadãos. Materializou-se em seu mundo privado, promovendo um envolvimento autônomo e contribuindo para diminuir o grau de controle de lideranças políticas ditas tradicionais. (Oliveira e Marinho,2012, p.138)

No entanto, apesar de todo o esforço de uma nação unida, e todo o clamor civil, notório pelas ruas, praças e avenidas por todo Brasil, a emenda de Dante de Oliveira fracassou. Segundo Lopes (2007), “o movimento foi derrotado na Câmara dos Deputados na madrugada de 25 para 26 de abril” (p.15). O primeiro Presidente brasileiro pós-ditadura seria escolhido de forma indireta. Mas o movimento, de certa forma, mudou a forma de pensar de um povo que viveu oprimido, à sombra da ditadura, por mais de duas décadas. De acordo com Delgado (2007), “A campanha pelas diretas já, foi, de fato, o maior movimento cívico/popular da história brasileira. O fervilhar das ruas traduziu uma forte simbiose entre bandeira política democrática e aspiração coletiva por liberdade”. (p.2). O movimento fez com que o povo brasileiro em geral, se tornasse mais politizado, mais crítico; e, acima de tudo, esse povo ganhou de volta o sonho de esperança, há tempos perdido.

Durante esse período os meios de comunicação apoiaram o movimento. Alguns de forma mais intensa, outros com a timidez peculiar da era ditatorial, e outros que ainda escondiam os fatos, como no caso emblemático ocorrido com a TV Globo. De acordo com Lopes (2011), no comício da praça da Sé, em São Paulo, a emissora “[...] teria omitido que o comício era uma manifestação das Diretas, referindo-se a ele como uma comemoração dos 430 anos da cidade de São Paulo” (p.4). Estes acontecimentos foram uma constante na ditadura militar brasileira.

Mesmo após o fim da ditadura, alguns veículos continuaram usando das artimanhas da persuasão política dos tempos ditatoriais. Para Filho (2004), a maior emissora de televisão do Brasil e uma das maiores do mundo, a TV Globo, continuou a procurar influenciar a população em decisões políticas, usando de sua audiência, e, muitas vezes, indo na contramão da realidade, para agradar interesses de alguns grupos políticos.

A herança da ditadura chegou até os anos 90 tendo como exemplos a edição fraudulenta do debate final entre os candidatos Collor e Lula, nas eleições presidenciais de 1989, ou a divulgação de pesquisas desatualizadas para confundir os eleitores às vésperas do primeiro turno das eleições para o governo de São Paulo, em 1998. Dados preliminares de pesquisa realizada sobre a cobertura das eleições presidenciais de 2002, realizada pelo Jornal Nacional da Rede Globo, começam a indicar que a versão sobre o propalado equilíbrio do noticiário, ao longo da campanha, não se sustenta. (Filho, 2004, p.46)

Fatores deste tipo continuam marcantes no contexto eleitoral político brasileiro, tendo dado origem a uma grande discussão sobre os monopólios da comunicação. Segundo o professor Venício Lima (2001), no Brasil 90% dos veículos de comunicação pertencem a somente 15 famílias. O autor afirma também que “levantamento feito em 1995 indicava que 31,12% das emissoras de rádio e televisão eram controladas por políticos” (p.107). Outro índice que chama a atenção é que “em alguns estados da federação, metade ou quase metade das emissoras de rádio estavam sob controle de políticos” (p.107). Números que demonstram uma relação antidemocrática da comunicação brasileira com a política.

A este mesmo propósito, Lima (2001) pontua que os meios de comunicação contemporâneos estão totalmente ligados ao universo político. É perceptível que esses meios se transformaram em mediadores entre candidatos e eleitores. Ainda segundo o autor, esses meios desenvolvem funções que, *a priori*, eram atribuídas aos partidos, a saber:

a) definir a agenda dos temas relevantes para a discussão na esfera pública, b) gerar e transmitir informações políticas, c) fiscalizar a ação das administrações públicas, d) exercer a crítica das políticas públicas, e, finalmente, e) canalizar as demandas da população junto ao governo. (Lima, 2001, p. 191)

Pelo viés do autor, percebe-se que as tecnologias da informação e comunicação contemporâneas, em conjunto com os meios tradicionais com ênfase no campo político, modificaram costumes, fizeram e refizeram novos atores sociais, e criaram uma expectativa de redemocratização da comunicação.

3.4.3. A política e a internet: uma realidade virtual?

No Brasil, semelhante a muitos outros países, ainda não se tem de forma definida a utilização da internet como ferramenta política. O que presenciamos, com certa timidez, e de forma prática nesta relação, é um trabalho de lançar informações e conteúdos de cunho político/partidário na Internet, principalmente nas redes sociais. Temos uma incidência muito pequena de pesquisas, livros e estudos referentes à associação de internet e política, os impactos causados, os efeitos possíveis. Mas, para que possamos compreender melhor essa relação, é necessária uma discussão mais ampla, observando os vários lados e pensamentos. De acordo com Esteves (2007), “As posições mais convencionais estabelecidas nesse debate definem um antagonismo frontal entre, de um lado, os apologistas da “sociedade de informação” e, de outro, os cépticos, com os seus cenários mais ou menos catastrofistas sobre o futuro tecnológico das nossas sociedades.” (p.2).

Neste contexto, Gonçalves e Braga (2008) afirmam que “A Política, como parte integrante do conjunto de relações sociais, também sofre influência destas novas tecnologias.” (p.122). Observam

ainda que, “de certa forma, vários autores têm procurado avaliar os impactos que a web provoca e pode provocar sobre a democracia contemporânea.” (122). Conforme os autores, a discussão filosófica do termo resvala até na definição do conceito de democracia, sendo que “Alguns chegam a tal ponto que consideram a Internet o meio de uma nova democracia, a chamada “democracia direta eletrônica” (122). Ainda segundo Gonçalves e Braga (2008), existem também aqueles que acreditam na internet como “um grande potencial democratizante, porém não alcançando de fato a democracia deliberativa direta nas sociedades contemporâneas, muito menos, tal contribuição é signatária de um aperfeiçoamento dos processos políticos” (122).

São olhares que divergem, na tentativa de dar uma contribuição para pensar o crescimento e o desenvolvimento dessa nova possibilidade de se fazer política. As tecnologias da informação e comunicação contemporâneas estão disponíveis em praticamente todos os campos da sociedade. Agora, mais do que nunca, envolver a internet, o indivíduo e a política, é equacionar as possibilidades de uma democracia mais presente na sociedade, em que as TIC possam fortalecer os laços entre políticos e cidadãos e dar mais transparência ao processo político de uma forma geral.

Em tempos de cibercultura, em que as juventudes contemporâneas se incorporam às redes sociais digitais, numa incessante busca por novos elementos que possam preencher suas inquietações, é preciso estudar a forma como se dá a politização dessas juventudes. Assim, estaremos preparando campos férteis, para que, em médio prazo possamos dinamizar as relações entre as tecnologias da informação e comunicação contemporânea, os indivíduos e os políticos. E também, dessa forma, redemocratizando a política brasileira.

Parte II. Estudio empírico

Capítulo 4. Metodologia e desenho da investigação

Neste segundo momento de nossa dissertação, a parte prática da construção, explanamos o percurso realizado com o intuito de chegarmos as respostas ao nosso problema, para o que formulámos um conjunto de objetivos e hipóteses. Os passos a seguir foram sustentados pela metodologia proposta e aplicada em nosso estudo.

4.1. Problematizando o tema

Uma nova ordem social e comunicacional, integrando informação, comunicação e tecnologia surgiu, a sociedade para não perder o fio da história adentrou a esse contexto. O mundo se viu diante de uma nova forma de comunicar e comunicar-se. E essa fusão, o envolvimento dos meios e canais com os indivíduos, que, conseqüentemente se tornou global, universal, foi criando em nós uma necessidade de entender esses fenômenos.

Neste contexto, nosso tema é a relação do ser humano com as novas formas de se comunicar, permitidas pelas tecnologias da informação e comunicação contemporâneas. Sendo um tema bastantes extenso, delimitámos o tema para um questionamento que é muito pertinente na sociedade atual, que foi entender se a juventude sofre influência dos conteúdos políticos divulgados nas redes sociais, no nosso caso o Facebook. Afinal, somos produtos de um meio que vive há anos a espetacularização dos eventos políticos por intermédio das tecnologias da informação e comunicação.

Assim sendo, verificamos a relação dos políticos com os eleitores através das redes sociais digitais na cidade de Palmas, Capital do Estado do Tocantins - Brasil. Neste contexto, o problema a que se pretendeu responder ao longo da dissertação, foi: que impactos os discursos político-partidários disseminados pela rede social Facebook podem causar nos públicos juvenis da capital do estado do Tocantins-Brasil, no que se refere à tomada de decisão do voto?

4.2. Objetivos e hipóteses

Com nossos estudos pretendemos alcançar o seguinte objetivo geral:

- Investigar e discutir que impactos os discursos político-partidários disseminados pela rede social Facebook podem causar nos públicos juvenis da capital do estado do Tocantins-Brasil, no que se refere à tomada de decisão do voto.

E os seguintes objetivos específicos:

- Analisar as narrativas dos posts político-partidários compartilhados no Facebook;
- Entender o processo de construção simbólica da relação entre o público juvenil e a política no ambiente do Facebook;

- Apurar se a rede social Facebook contribui para a decisão de voto dos eleitores jovens usuários dessa rede.

Esses objetivos possibilitaram a caracterização do corpus da pesquisa e os rumos da dissertação.

De forma a responder ao problema atrás enunciado, foram formuladas duas hipóteses: 1) Os discursos político-partidários disseminados pela rede social Facebook são avaliados de forma crítica pelos públicos juvenis da capital do estado do Tocantins-Brasil; e, conseqüentemente, 2) Os discursos político-partidários disseminados pela rede social Facebook não determinam a tomada de decisão do voto por parte dos públicos juvenis da capital do estado do Tocantins-Brasil.

4.3. Metodologia

Entender a natureza das relações discursivas no ambiente do Facebook requer uma observação minuciosa, já que, em primeiro plano, o entendimento nos remete a sujeitos de perfis díspares.

O interesse por esta pesquisa é motivado pelas inquietações relacionadas ao universo virtual e seus sujeitos. A cibercultura e as respectivas relações sociais nos remetem a questionamentos do ser/não ser, uma fusão de valores e conceitos pré-estabelecidos, que necessitam da abordagem científica.

Neste contexto, objetivar uma pesquisa coloca a necessidade de traçar metas, passo a passo buscar uma linha de raciocínio, centrada nos métodos e recursos da técnica. Santaella (2001) afirma que é preciso balizar uma via, um método: “[...] o caminho a ser percorrido” (p.133), em busca de solucionar o problema apresentado. Assim, construir uma trajetória de pesquisa significa definir um percurso, delimitar parâmetros, estabelecer processos que possam nos conduzir à produção de novos conhecimentos, bem como manter uma relação profícua com o objeto de estudo, fator que vai emoldurar os fenômenos estabelecidos.

Como já referimos atrás, nosso problema de pesquisa foi: Que impactos políticos partidários os discursos disseminados pela rede social Facebook podem causar nos públicos juvenis da capital do estado do Tocantins-Brasil, no que se refere à tomada de decisão do voto?

Para responder a esse problema trabalhamos com o grupo social de alunos do Curso de Comunicação social do CEULP/ULBRA- Palmas/Brasil com perfil no Facebook.

A escolha dessa rede social como cenário foi pelo interesse deste pesquisador em observar esse espaço midiático contemporâneo que permite ao mesmo tempo aos observados, sujeitos/atores, a troca de informações, a partilha de conhecimentos e conteúdos, e ainda a interação e a comunicação.

A escolha do grupo social em causa, os acadêmicos do curso de comunicação social do Ceulp/Ulbra de Palmas, se deu pela possibilidade de imersão do pesquisador no universo dos seus discursos narrativos, já que eles são alunos do pesquisador. No primeiro momento de nossa pesquisa este era o cenário.

Infográfico 3. Primeiros olhares sobre os jovens



Fonte: Dados das observações diretas no perfil dos sujeitos/
Produção do Autor 2015

O viés pelo estudo qualitativo foi motivado por tratar-se de uma relação de constante movimento evolutivo tanto do objeto de estudo, quanto dos participantes da pesquisa, permitindo um olhar mais profundo, e conseqüentemente uma análise sólida dos posts e relatos dos pesquisados, com a finalidade de percepção dos sentimentos e reações expressados pelos sujeitos em seus discursos. E também porque temos como características básicas da pesquisa qualitativa a interpretação, o olhar do pesquisador voltado para a subjetividade, a flexibilidade na condução da pesquisa, a orientação para o processo e não para o resultado, segundo Cassel e Symon (1994), “a

ênfase está no entendimento e não num objetivo pré determinado, como na pesquisa quantitativa” (p.77).

Por se tratar de um lócus no mundo virtual, utilizamos como método a netnografia, que é a abertura das portas do tradicional método etnográfico para o estudo de comunidades virtuais e da cibercultura, e “[...] consiste na inserção do pesquisador no ambiente, no dia-a-dia do grupo investigado” (Vergara, 2005, p. 73). Com essa inserção na realidade em análise, busca-se perceber o envolvimento dos sujeitos/atores, suas nuances e atitudes no mundo virtual. A netnografia surge no final dos anos 90, precisamente por necessidade de um viés contemporâneo da etnografia. Conforme Kozinets (2002), “esta é uma metodologia qualitativa concebida para investigar comportamentos de consumo de culturas e comunidades presentes na Internet” (p.77).

Este método permitiu ainda uma visão antropológica da comunidade em questão, pois é notório que, com o mundo virtual, as relações sociais sofreram transformações, atualmente as pessoas não precisam sair de casa; criam coisas na Internet, nos grupos, fazem novos amigos, namoram virtualmente (Recuero, 2010).

Desta forma, sistematizando a nossa pesquisa, num primeiro momento fizemos uma observação do movimento desses jovens na rede social Facebook, no período de 45 dias, de 18 de agosto a 02 de outubro de 2014. Esse período foi escolhido por serem esses os dias que o Tribunal Superior Eleitoral -TSE reservou para propaganda eleitoral gratuita. Durante os 45 dias o pesquisador fez uma imersão na rede social Facebook, efetuando o levantamento minucioso no perfil e na timeline dos sujeitos da amostra em busca de *posts* que tivessem uma relação com o universo da política partidária. Esse momento foi de suma importância em nossa pesquisa, já que nos permitiu fazer um apanhado geral da movimentação de nossos sujeitos. Dessa forma, realizamos a clibagem de todo o material referente à produção da narrativa visual dos sujeitos objetos de nossa pesquisa, e com os dados produzimos uma tabela de referência de *posts* dos nossos sujeitos, que nos guiou para a definição de nossos 5 interlocutores.

No trabalho de coleta de dados, outra técnica foram as entrevistas que realizamos por meio do bate-papo do Facebook (*messenger*), pois entendemos que, por se tratar de um tema inteiramente ligado ao veículo, seria de certa forma incoerência não realizá-las desse modo. As entrevistas, semiestruturadas, tiveram como objetivo principal dar vez e voz aos sujeitos pesquisados. Elas foram conduzidas através de perguntas centradas nas categorias de pesquisa, e foram sendo exploradas mediante as respostas dadas pelos interlocutores.

O mais interessante de se trabalhar com esse tipo de entrevistas é a flexibilidade permitida, conforme a condução das respostas. Segundo Pádua (2000), a entrevista semiestruturada permite que o “pesquisador organize um conjunto de questões sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal” (p. 67).

Outra vantagem da pesquisa baseada em modelos netnográficos foi a facilidade de partilha e disseminação pela rede de contatos, a possibilidade de responder no local que o inquirido achar mais adequado, uma ligação direta e automatizada com a base de dados, entre outras.

É ainda importante frisar que antes, durante e após esse período de observação e coleta de dados, estivemos realizando, paralelamente, uma ampla revisão bibliográfica, buscando em livros, teses, artigos e textos na internet uma fundamentação teórica - pois, sem ela, não teríamos base que justificasse a nossa linha de raciocínio e proposta de pesquisa. No entanto, é preciso evidenciar que por se tratar de um fenômeno social recente, ocorrido especialmente nos últimos dez anos, as referências bibliográficas são algo limitadas, embora já existam artigos conceituados sobre o tema.

Capítulo 5. A pesquisa: sujeitos na rede, passos a observar, caminhos a desvendar

As interações sociais dos sujeitos juvenis, na atualidade, na maioria das vezes, estão relacionadas ao contexto das tecnologias da informação e comunicação. Haja vista que esses sujeitos são nativos digitais, nasceram e convivem diariamente com esse movimento tecnófilo. Dessa forma, as identidades juvenis são desenhadas a partir das diversas informações, fragmentos singulares que compõem o universo pluralizado e a subjetividade desses indivíduos.

Dentro do contexto das tecnologias da informação e comunicação, atreladas aos sujeitos juvenis, Couto e Silva (2008) afirmam existir uma relação que perpassa os limites dos sentidos lógicos, racionais e emocionais desses sujeitos. Para os autores.

Dominando tais tecnologias, essa geração, por meio da usabilidade e navegabilidade, adquire uma competência de manipulação de todo aparato tecnológico a que tem acesso. Disso resulta a vulnerabilidade ao consumo e descarte de objetos, relacionamentos e sentimentos, o que implica novas perspectivas éticas e morais, que impregnam os jovens urbanos, visuais, auditivos e cinestésicos: no intercâmbio com as TIC e suas aplicações, agem como se estivessem manuseando os mesmos programas e softwares na vida cotidiana. Não existe diferenciação entre os domínios do digital e da realidade concreta. (Couto e Silva, 2012, p.2).

Uma nova realidade, um viés contemporâneo em que as relações sociais/tecnológicas no universo da comunicação são temas de discussões. Entender essas relações requer uma tentativa de aproximação à subjetividade dessas juventudes. De onde vêm? Para onde pensam ir? Quais são seus pares, aspirações, ídolos, valores, entre outros? O jovem na contemporaneidade partilha, divide, lança ao universo virtual as suas culpas, angústias, alegrias. Esse jovem também busca compreender e ser compreendido, pois, esse é seu espaço e, em seu pressuposto, é análogo ao físico.

Corpos leves, mentes livres, sujeitos juvenis contemporâneos interconectados a todos os lugares, mas ao mesmo tempo a lugar algum. Juventudes que moldam suas identidades sem apego aos velhos costumes, a heranças culturais avalizadas pela sociedade. Neste contexto, as tecnologias da informação e comunicação têm papel de fundamental importância: é pela comunicação que os conteúdos, base fundamental dessas mudanças, são expostos; assim, esses sujeitos juvenis fazem *downloads/uploads*, postam, compartilham, interagem, e se entregam ao ciberespaço.

Neste contexto, outro personagem adentra ao enredo: a política, em nossa pesquisa de cunho partidário. A política partidária, sem preconceitos e pudores, descobre nas TIC espaço para socializar seus interesses, ideias e ideologias. É bastante comum presenciarmos candidatos, partidos políticos, órgãos do legislativo como câmaras e assembleias, presentes na internet por intermédio de sites, *blogs*, redes sociais, e outros. No entanto, existe uma incógnita: esta relação político/sociedade e tecnologias da informação e comunicação pode realmente contribuir nas questões eleitorais? Neste contexto, Serra (2015) também questiona.

Que alterações introduzem os media e a mediatização naquilo a que chamamos o processo de credibilização política, isto é, no processo através do qual um agente político adquire ou aumenta a sua credibilidade junto dos cidadãos/eleitores e, por consequência, a confiança destes em relação a si? (Serra, 2015, p.139)

Seguindo a ótica do autor, e ainda pontuando nosso objetivo de pesquisa, que é entender se essa relação pode mudar ou influenciar nas decisões dos indivíduos na hora de escolher um candidato ou mesmo um partido para apoiar, ou votar, precisamos adentrar neste universo.

Neste capítulo, procuramos a aproximação com o real dos sujeitos juvenis que vivem no abstrato mundo virtual das redes sociais. O ciberespaço, a juventude e a política, três momentos, uma tríade formatada na mais jovem capital do Brasil.

5.1. O cenário deste encontro

As cidades na maioria das vezes nascem e se estruturam a partir de uma significativa duração de tempo. Numa ordenação cronológica, elas se formam paulatinamente atreladas aos pioneiros, os primeiros moradores, e conseqüentemente suas proles, de geração em geração. Um processo histórico em que os atores sociais atribuem relevância a suas origens, suas raízes e seus enredos baseados em suas memórias.

Com uma cidade projetada o roteiro é inverso. De acordo com Silva (2015), “algumas cidades, surgem marcadas por uma ausência de tempo e de memória, saídas do lápis de um arquiteto, do projeto do urbanista, de uma afirmação política, digamos que nascem de um modo artificial.” (p.16). E, conforme pontua a autora, a capital do Tocantins Palmas é a última capital projetada do século XX.

Figura 2. Foto noturna de Palmas-Tocantins-Brasil



Foto: Thennis Pinto

Palmas teve sua pedra fundamental lançada em 20 de maio de 1989, alguns meses depois da criação do Estado do Tocantins, e foi instalada em 1º de janeiro de 1990. Com 25 anos de idade, a cidade abriga, de acordo com o último censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE, 228 mil habitantes, com uma projeção de 265 mil habitantes para 2015.

Avenidas largas e arborizadas, o contraste do asfalto e do cimento, com a vegetação nativa da região norte do país - assim é Palmas, uma mistura singular de pessoas oriundas de várias regiões, que pluralizam a miscigenação da jovem capital. De acordo com Silva (2015).

A cidade totalmente planejada constitui-se no exemplo mais acabado do urbanismo moderno; porém, no Brasil, esses modelos não seguiram à risca os preceitos ditados pela escola modernista internacional. A simbiose moderno/tradicional, num movimento complexo e contraditório de atualização e reiteração, colocou-nos de uma maneira distinta no contexto da pós-modernidade. É sobre essas ideias que nos deteremos, buscando entender comparativamente, tomando especialmente o movimento Brasília-Palmas, o imaginário que apresentam. (Silva, 2015, p.15).

Palmas como cenário dessa nossa pesquisa possui alguns contributos positivos, é jovem, moderna, com uma população de quase 60% de jovens entre 14 e 35 anos, segundo dados do IBGE. E por ser a capital do estado, possui um universo político pulsante, todas as decisões políticas são definidas na sede do governo estadual, estabelecido em Palmas.

5.1.1 O território a desbravar

O uso das tecnologias digitais, paralelamente amparadas pelas ferramentas da internet, tem possibilitado um desenvolvimento, e ao mesmo tempo, um avanço na participação das juventudes na cibercultura. Investigar o movimento desses sujeitos juvenis nesse universo faz parte das minhas inquietações como pesquisador. O fascínio desses jovens, explorando as possibilidades oferecidas pelas tecnologias contemporâneas, com destaque para as redes sociais, intensificou o nosso interesse pela pesquisa.

Neste contexto, no universo das tecnologias da informação e comunicação contemporâneas nos deparamos com uma gama de elementos que se tornam motivos temáticos de pesquisadores. Dessa forma, os nossos holofotes se voltaram, especialmente, para o Facebook, uma plataforma dinamizada há dez anos, e que ganhou nesse curto período de existência bilhões de adeptos em todo o mundo.

A rede social Facebook se tornou o nosso escopo de interesse, devido principalmente as relações que o mesmo tem com os sujeitos juvenis. Segundo pesquisa realizada pela Conecta do instituto de pesquisas IBOPE e divulgada pelo portal da rede globo G1, dentre os jovens brasileiros de 15 a 32 anos que estão interconectados, 90% frequentam as redes sociais, sendo o Facebook o site de relacionamentos mais utilizado. Ainda segundo o instituto de pesquisa, “boa parte do acesso às redes

sociais é feito por meio de aplicativos”. O do Facebook está presente em 88% dos celulares dos jovens e em 61% dos *tablets*.⁹

São esses sujeitos, jovens frequentadores do Facebook ou facebookianos, que movimentam e dão vida à rede social mais popular do planeta. O Facebook, território de nossa pesquisa, é uma espécie de confluência onde o virtual e o real caminham a par. Para Mazzocato (2014), as funcionalidades do Facebook permitem aos indivíduos “a criação de representações online cada vez mais dinâmicas e fragmentadas, montadas por pequenas parcelas do cotidiano de cada sujeito.” (p.79). A autora destaca ainda que

A representação pessoal no facebook é um processo que envolve toda a participação do usuário na rede. A partir do momento em que o sujeito cria sua conta, insere seu nome e adiciona uma foto no perfil ele já está no ponto de origem de uma trajetória que irá traçar uma narrativa em que sua identidade é projetada. Porém, isso é apenas o começo dessa trajetória, pois cada conteúdo compartilhado à rede de contatos é agregada a esta representação. (Mazzocato, 2014, p.79)

5.2 - Interlocutores: os sujeitos juvenis da narrativa

A rede social Facebook, durante sua existência, alcançou bilhões de pessoas em todo o mundo. Ela constitui uma vasta teia digital, que foi sendo tecida pelas ações realizadas pelos componentes dessa rede. O fenômeno deu amplitude aos agrupamentos sociais e impulsionou transformações culturais nas mais variadas camadas da sociedade.

Segundo Teixeira (2014) “no Facebook, os assuntos juvenis de interesses comuns ganham uma proporção significativa, levando seus usuários divulgar cada vez mais suas ideias, provocando o movimento de novos usuários a fazerem parte da rede, a compartilharem seus desejos, seus Eus.” (p.83). E são justamente esses jovens que movem a rede e dão vida a nossa pesquisa.

⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/07/jovens-brasileiros-tem-em-media-perfis-em-7-redes-sociais-diz-estudo.html>. Acessado dia 20 de março de 2014

Figura 3. Em cena os atores



Fonte: Fotos Facebook/interlocutores/Produção do autor-2015

Os protagonistas

Tendo como território de pesquisa o Facebook, o desenvolvimento se deu a partir do acompanhamento de 18 jovens com idade entre 21 e 32 anos, acadêmicos do curso de Comunicação Social, do CEULP/ULBRA. O grupo social definido faz parte do universo de 89 alunos do curso no segundo semestre de 2014, período em que a pesquisa foi implementada. O número de pesquisados representa uma amostra de 20% dos acadêmicos. Para a escolha dos 18 perfis selecionados utilizamos os seguintes critérios: fazer parte da rede social digital Facebook; ser conectado com o universo virtual e ter proximidade com as tecnologias contemporâneas e ainda estar cursando a disciplina marketing político. A escolha desse grupo social está intrinsecamente ligada ao facto de o pesquisador ser professor dos referidos alunos. Dessa forma, essa aproximação fomenta vínculos propositivos para a construção e concretização de nossa pesquisa.

Durante 45 dias, no período compreendido entre 18 de agosto e 02 de outubro, acompanhamos diariamente os passos desses jovens na rede social, com o intuito de observarmos as relações dos mesmos com as questões políticas partidárias. É válido ressaltar que esse espaço de tempo de nossa pesquisa corresponde ao que o Tribunal Regional Eleitoral - T.R.E libera para os candidatos realizarem suas campanhas eleitorais. Portanto, um momento oportuno e de alto teor político, nos meios de comunicação convencionais e digitais.

Desta forma, no campo de ação, a compreensão dos envolvimento dos sujeitos juvenis contemporâneos na esfera da internet se sustenta, como já descrito anteriormente neste trabalho, nas possibilidades antropológicas do universo da cibercultura, um fenômeno proposto e apropriado ao estudo pela netnografia.

A netnografia como proposta de investigação na Internet, enriquece as vertentes do enfoque de inovação e melhoramento social que promovem os métodos ativos e participativos dentro do espectro do qualitativo (metodologia e prática social), integrando-se ao que a Internet tem provocado em nosso cotidiano, transformações importantes nas maneiras como vivemos. (Fragoso, Recuero & Amaral, 2011, p. 174).

A netnografia representa um novo viés para a cultura empírica das pesquisas e, ainda de acordo com as autoras, “esse tipo de estudo tem um cunho estruturalista e parte do princípio que, ao estudar as estruturas decorrentes das ações e interações entre os atores sociais é possível compreender elementos a respeito desses grupos e, igualmente, generalizações a seu respeito.” (Fragoso, Recuero, Amaral, 2011, p. 115). Neste contexto, os olhares e a atenção deste pesquisador foram orientados, numa primeira fase, para observar os posts publicados e, nestes, os de cunho político. Em seguida, demos vozes, por meio de entrevistas, aos sujeitos da pesquisa.

O mergulho na rede social Facebook, e no universo desses jovens, nos remeteu ao entendimento de uma nova dinâmica das relações sociais. Essas apontam para um novo modelo de socialização: “O individualismo em rede constitui um modelo social, não uma coleção de indivíduos isolados. Os indivíduos constroem as suas redes, on-line e off-line, sobre a base dos seus interesses, valores, afinidades e projetos.” (Castells, 2004, p.161). Esses sujeitos em rede se transformam, pois são livres, leves, fragmentados e vivem suas verdades. E fazem do individualismo na comunicação mediada pelo Facebook o ponto de partida para a força expressiva que o coletivo em rede detém.

Desta forma, nosso olhar adentrou a *timeline* dos interlocutores em busca de seus desejos individuais, mas, que representariam, neste primeiro momento, uma visão coletiva do imaginário juvenil que se manifesta nas redes sociais. Nos 45 dias de pesquisa, acompanhamos os passos de nossos interlocutores. Nesta imersão, obtivemos os seguintes resultados, que nortearam nossas reflexões.

Tabela 1. Relação dos posts dos interlocutores

Acadêmico	Posts publicados	Político	Total
Adriano Marinho Ribeiro	25	0	25
Haila carneiro	15	0	15
Anny karoliny Marques	15	0	15
Camila Furtado Neto	50	0	50
Hérica rocha	42	1	43
Ricardo Patrésio	106	0	106
Tamaria Sandoval	145	0	145
Nayara Barbosa	24	0	24
Paulo Cesar carneiro	62	1	63
Walquerley Ribeiro	31	1	32
Lara Barreira	68	0	68
Rafael Felipe	52	3	55
Jessica Vieira	92	0	92
Bruce Ambrósio Armoni	37	0	37
Isa Fernanda Labre	23	0	23
Letícia Bender	36	0	36
Bia Cruvinel	50	0	50
Saulo Moura	51	1	52
GERAL	918	7	925

Fonte: Timeline interlocutores: Produção do autor

Diante dos números de *posts* encontrados, com um total bastante representativo (925), uma situação nos chamou atenção: apesar do número elevado de *posts*, apenas 7 (0,8%) estavam relacionados à política partidária. Do total de 18 acadêmicos, somente 5 realizaram os *posts*, o que representa 28% dos acadêmicos.

Analisamos, em seguida, os posts políticos partidárias publicados pelos 5 sujeitos juvenis, que publicaram no período da pesquisa, começando pelos da acadêmica Hérica Rocha.

Figura 4. Perfil de Hérica Rocha no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/HericaRocha/Perfil>. Organização e ilustração do autor - Ano:2015

No perfil da acadêmica Hérica Rocha, observamos durante os 45 dias de pesquisas um total de 43 posts, em sua maioria relacionados ao universo acadêmico. Um fato que nos chamou atenção foi a campanha que a acadêmica lançou em seu perfil, intitulada #Heritano#TCCdaHerica#CaetanoVelo, numa tentativa de que seu pedido chegue até ao cantor e convença Caetano Veloso a responder algumas perguntas, pois a mesma está trabalhando em seu trabalho de conclusão de curso a obra do artista.

Quanto ao tema política partidária, a acadêmica durante todo o período fez uma única postagem, a qual clipamos e apresentamos a seguir.

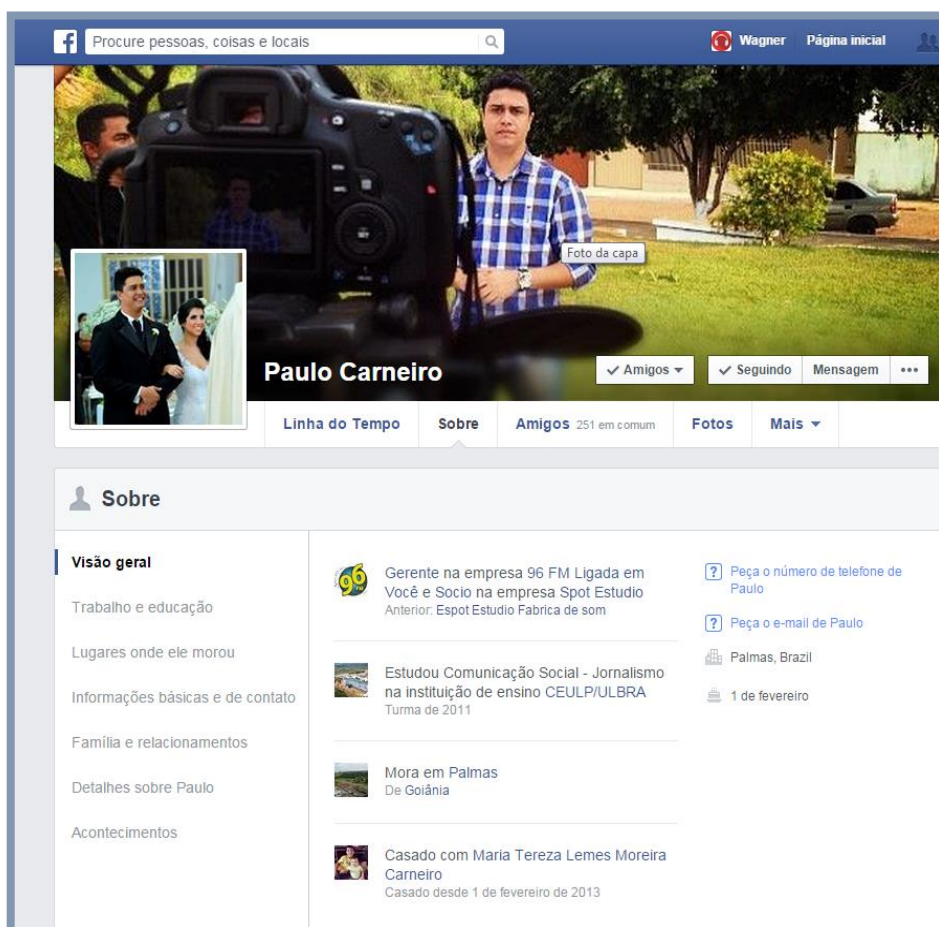
Figura 5. Timeline Hérica Rocha



Fonte: <https://www.facebook.com/HericaRocha/timeline>. Organização e ilustração do autor - Ano:2015

O post é composto pela fotografia de um outdoor, cujos dizeres foram manipulados por intermédio de algum software de edição. O novo texto colocado faz uma crítica dura e direta a sociedade que, de certa forma, ao votar em corruptos compactua com a corrupção, o que faz da sociedade cúmplice dos maus políticos. Já o texto da nossa interlocutora é uma espécie de desabafo, onde expressa toda indignação contra a classe política. E, de forma democrática e livre, a autora expõe seu voto “nulo”. Percebe-se, neste caso, uma jovem que foge das amarras arcaicas dos velhos costumes políticos. O post, publicado no dia 18 de setembro de 2014, teve 7 curtidas e 2 comentários.

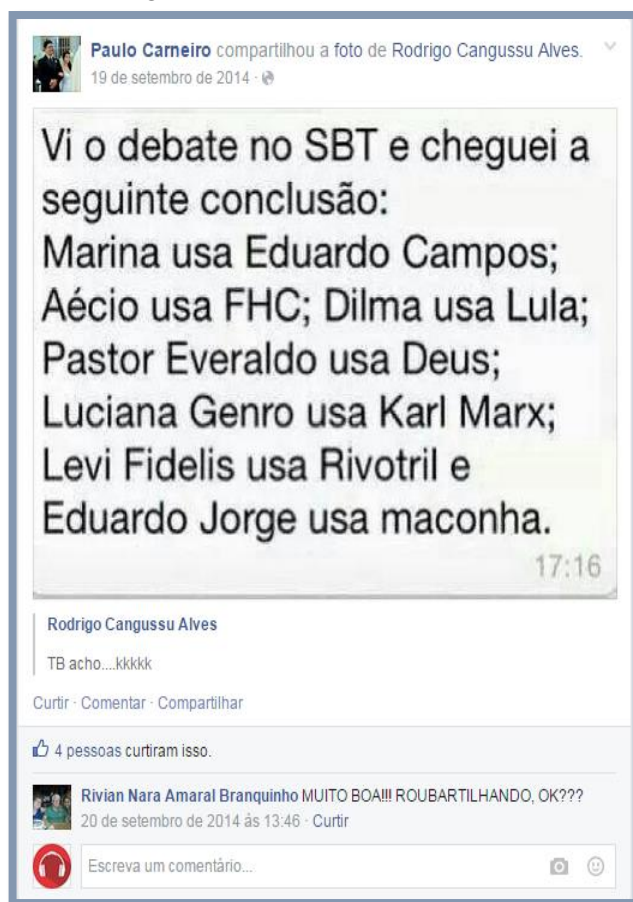
Figura 6. Perfil Paulo Cesar Carneiro no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/PauloCarneiro/Perfil>. Organização e ilustração do autor - Ano:2015

O perfil do acadêmico Paulo Carneiro mostra um sujeito centrado, comprometido com suas relações sociais e profissionais. Com 63 posts observados durante nossa pesquisa, percebemos que a maioria das publicações do nosso observado são de teor íntimo, família, amigos e profissão, revelando então um sujeito que compartilha de acordo com suas emoções. No campo político, o autor postou apenas uma vez.

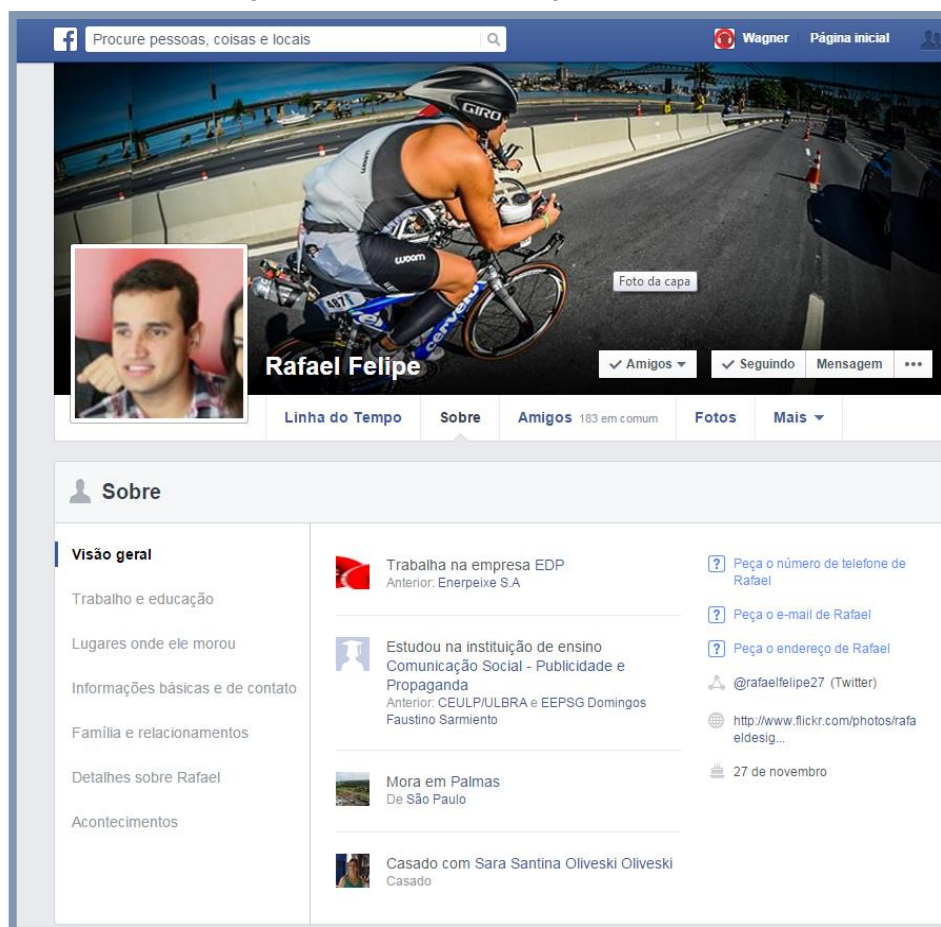
Figura 7. Timeline Paulo carneiro



Fonte: <https://www.facebook.com/PauloCarneiro/timeline>. Organização e ilustração do autor - Ano:2015

O post que o aluno compartilhou é de cunho irônico, sendo o tema central um debate realizado com os candidatos à presidência da República do Brasil, organizado por uma das grandes emissoras de TV do País, o SBT. De forma humorística, o texto faz alusões e arranjos dos candidatos comparando-os a pessoas, remédios e até drogas. No texto do post verifica-se mais um indício do descaso e da descrença da sociedade brasileira em relação aos seus políticos. O post foi compartilhado e publicado na timeline do nosso interlocutor no dia 19 de setembro e teve 4 curtidas e 1 comentário.

Figura 8. Perfil Rafael Felipe no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/RafaelFelipe/Perfil>. Organização e ilustração do autor - Ano:2015

Rafael Felipe é mais um dos nossos interlocutores, dentre os 28 pesquisados, que fez post político. No perfil de Rafael, observamos nesse período, um indivíduo que gosta de compartilhar momentos de emoção, aventuras, esporte. Percebe-se, ainda, que o mesmo possui uma determinada quantidade de amigos com preponderância familiar e laboral. Os indicativos de nossa observação remetem a um sujeito de comportamento estável com todos. Com 55 posts no intervalo de nossa pesquisa, sendo 52 posts sobre temas diversos e 3 de cunho político, outro ponto de percepção é que Rafael faz muitas postagens em seu perfil por intermédio de outras redes sociais, principalmente o *twitter*. Apresentam-se, a seguir, os posts políticos de nosso interlocutor.

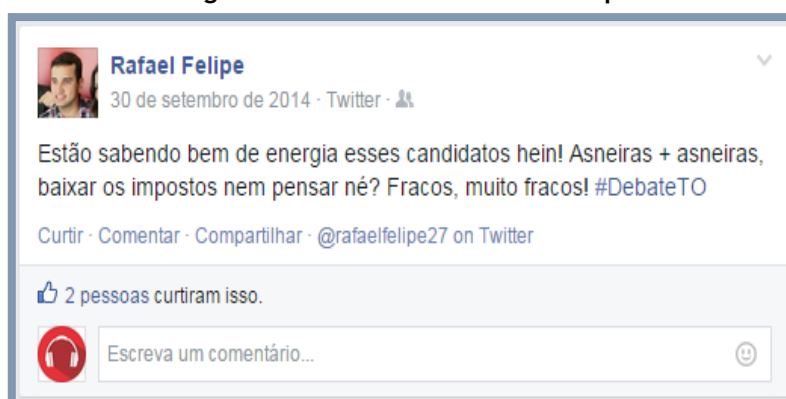
Figura 9. Timeline Rafael Felipe



Fonte: <https://www.facebook.com/RafaelFelipe/timeline>. Organização e ilustração do autor - Ano:2015

Neste primeiro post já podemos confirmar as nossas colocações anteriores sobre o nosso interlocutor e suas relações nas redes sociais. A crítica do nosso sujeito ao debate dos candidatos ao governo do estado do Tocantins (#DebateTO) foi um post em seu twitter, compartilhado no Facebook. É importante ressaltar que os dizeres do post necessitam, a *grosso modo*, de um conhecimento prévio. Quando o autor diz “pegadinha do Malandro?”, ele faz alusão a um humorista brasileiro chamado Sergio Malandro. O post teve 2 curtidas e 1 comentário e foi postado no dia 30 de setembro.

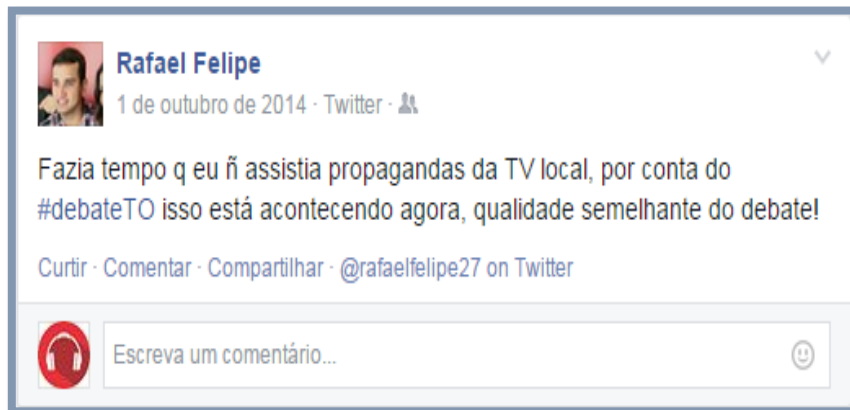
Figura 10. Timeline de Rafael Felipe



Fonte: <https://www.facebook.com/RafaelFelipe/timeline>. Organização e ilustração do autor - Ano:2015

Utilizando-se do mesmo modo de operação do post anterior (twitter+Facebook), o nosso interlocutor segue tecendo críticas à postura dos candidatos durante o debate. Conforme as nossas observações, este post vem na sequência do post anterior. E obteve 2 curtidas. Diante destes dois primeiros posts, observamos um sujeito que expõe seus pensamentos, e mais uma vez, a falta de credibilidade dos políticos é acentuada no discurso de nosso interlocutor.

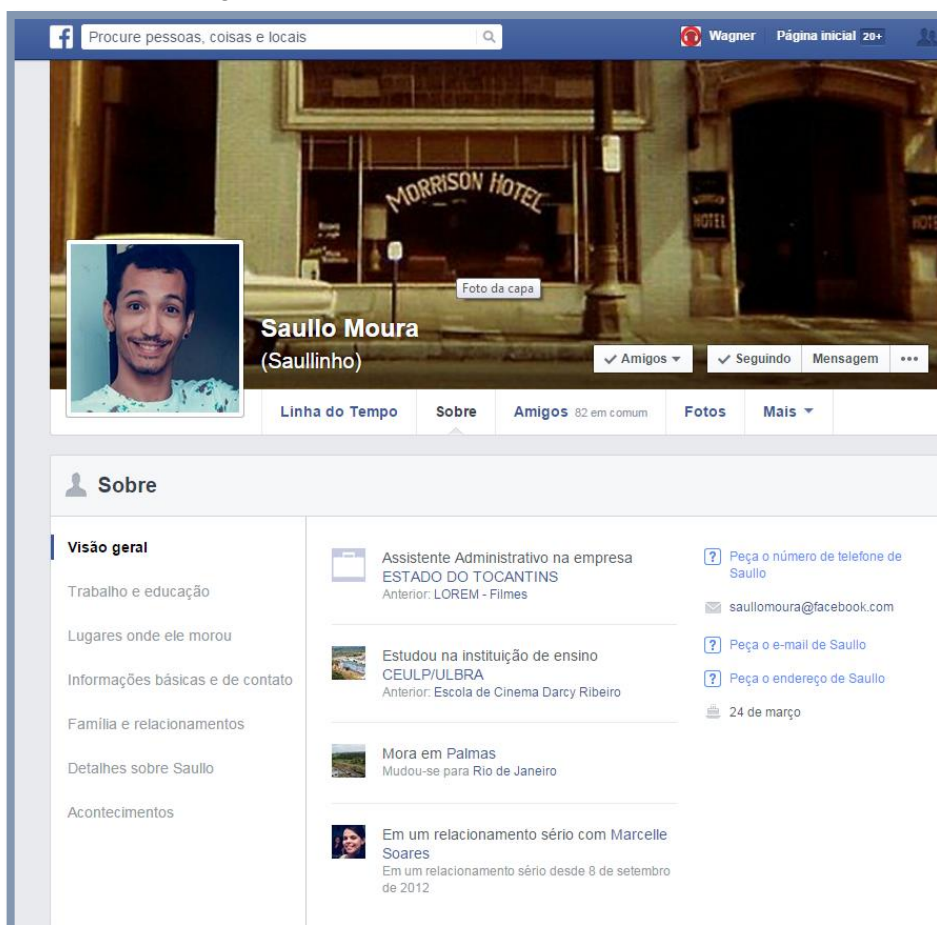
Figura 11. Timeline de Rafael Felipe



Fonte: <https://www.facebook.com/RafaelFelipe/timeline>. Organização e ilustração do autor - Ano:2015

Um dia depois dos primeiros posts de Rafael Felipe, ele retorna ao twitter, faz um comentário sobre os programas de propaganda política na TV e compartilha no Facebook. O interlocutor segue a mesma linha de raciocínio, criticando a qualidade dos conteúdos apresentados.

Figura 12. Perfil de Saullo Moura no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/SaulloMoura/Perfil>. Organização e ilustração do autor - Ano:2015

Saulo Moura mostra-se, em seu perfil, como um sujeito apaixonado pelas artes, principalmente o cinema. Criativo, ele faz de seus posts uma extensão de seus sentimentos. Durante as observações presenciamos um indivíduo que compartilha essa sua paixão pelo cinema em vários posts. É interessante dizer que Saulo não tem limites quando o assunto é filme. Bem eclético, presenciamos um indivíduo que, ao mesmo tempo que posta um *blockbusters*, navega por clássicos, aventuras, e desenhos. O nosso interlocutor é o que podemos definir como um sujeito que não vive preso a costumes, que vive a cena das tecnologias contemporâneas. Dentre todos os observados, acredito que Saulo seja o protótipo desse indivíduo fragmentado que caracteriza a cultura contemporânea. Nosso interlocutor teve 52 posts, sendo 1 de cunho político partidário, o qual descrevemos abaixo.

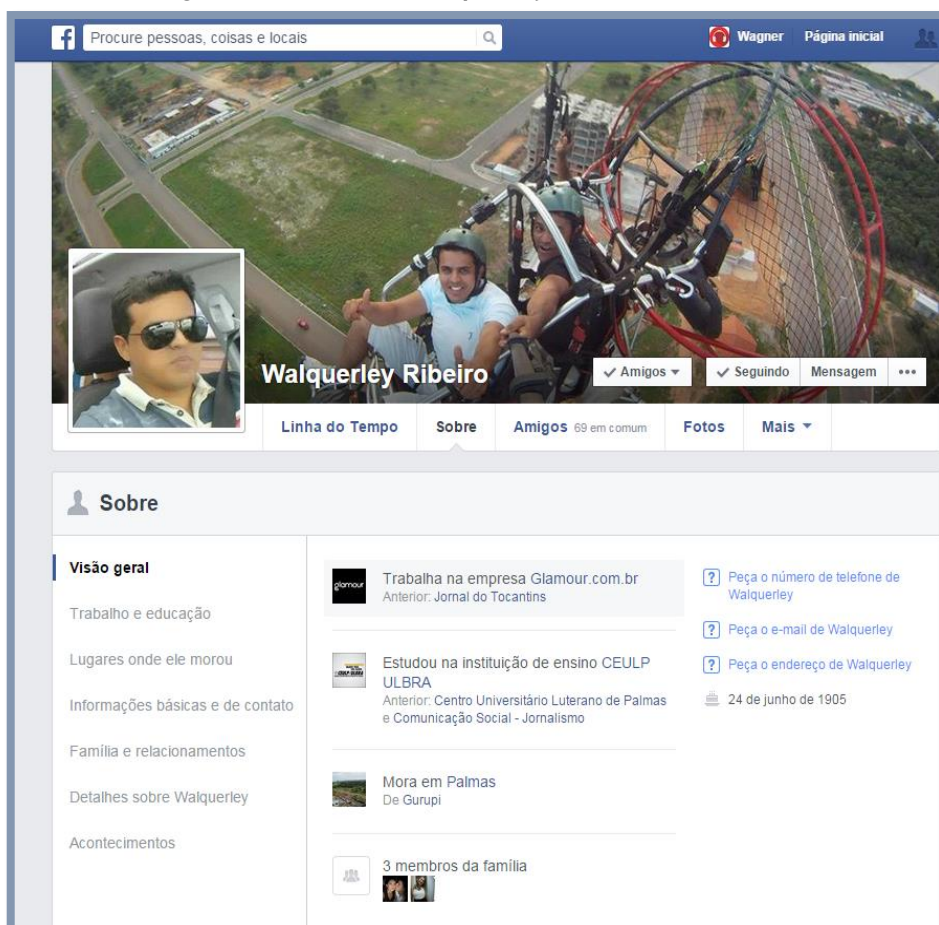
Figura 13: Timeline de Saullo Moura



Fonte: <https://www.facebook.com/RafaelFelipe/timeline>. Organização e ilustração do autor - Ano:2015

Nos posts de Saullo que foram observados encontramos apenas 1 com viés político. O nosso interlocutor compartilhou um vídeo do perfil/Facebook, “Maceió Ordinário”, onde um jovem faz de improviso críticas à administração pública da cidade de Maceió, no estado de Alagoas, região sudeste do Brasil. O vídeo postado originalmente teve 13.053 visualizações. No post do aluno, em 11 de setembro, ele teve apenas 1 curtida e não teve comentários.

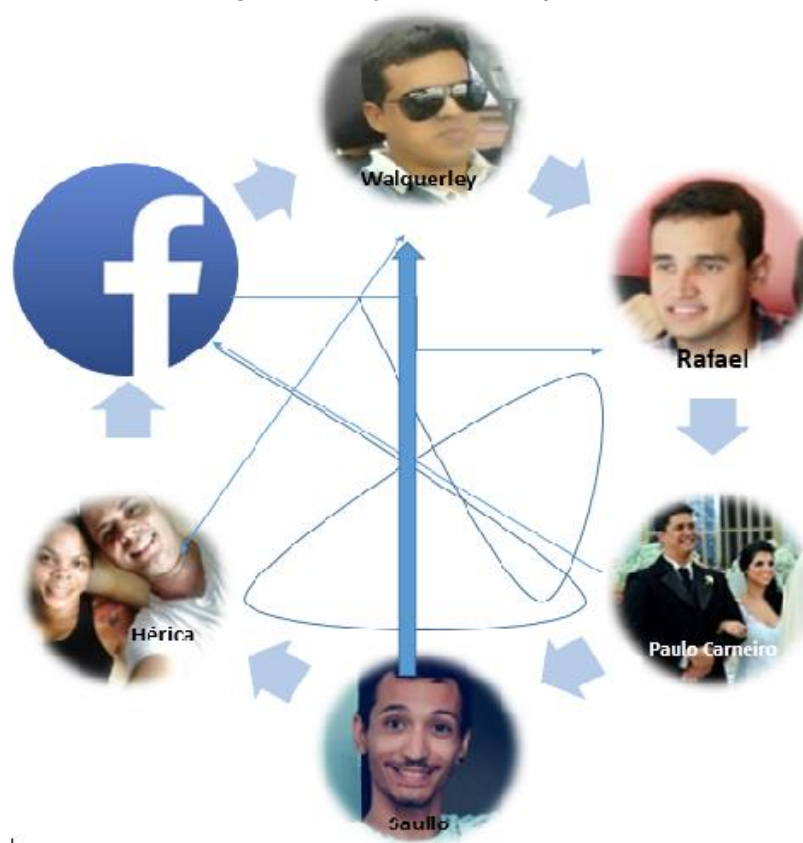
Figura 14: Perfil de Walquerley Ribeiro no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/WalquerleyRibeiro/Perfil>. Organização e ilustração do autor- Ano:2015

No Facebook, as intervenções de Walquerley Ribeiro mostram um sujeito que assume ser aventureiro. Com um bom número de amigos, Walquerley nos passa a impressão de um sujeito que vive em busca de novidades. Seus posts estão na maioria das vezes relacionados com festas, brincadeiras, diversão. Mas, apesar de toda essa irreverência na vida virtual, o nosso interlocutor evidencia ser uma pessoa simples e de convívio bastante familiar. Walquerley publicou 32 posts durante os 45 dias de nossa observação, sendo 31 diversos e 1 político.

Figura 16: Sujeitos da Pesquisa



Fonte: Fotos/Facebook/interlocutores. Produção do autor-2015

As entrevistas semiestruturadas foram escolhidas como uma forma de dar voz aos nossos interlocutores, revelando um pouco mais dos sentidos e dos significados que envolvem esse universo juvenil.

É importante ressaltar que, após a definição dos cinco interlocutores, tivemos a preocupação de colocá-los a par de nossa pesquisa, os nossos objetivos, e ainda conseguimos a autorização de todos¹⁰ para que pudéssemos exibi-los em nossa dissertação. Sendo assim, para que as entrevistas ocorressem de forma tranquila, tivemos a preocupação de relacionar um conjunto de questões ligadas ao tema central, divididas em três categorias, apresentadas a seguir. Deve-se ressaltar, que isso facilitou os nossos diálogos virtuais.

¹⁰ As autorizações assinadas e reconhecidas constam em anexo.

Tabela 2. Temas e Abordagens da Pesquisa

QUEM SÃO OS SUJEITOS: IDENTIFICAÇÃO
<ol style="list-style-type: none">1. Nome:2. Idade:3. Sexo:4. Filiação Partidária:
RELAÇÕES DO INDIVÍDUO COM AS REDES SOCIAIS (FACEBOOK)
<ol style="list-style-type: none">1. Você publica no Facebook com algum interesse? Quais?2. Você costuma publicar o seu cotidiano?3. Quando você faz um post qualquer, você espera que as pessoas compartilhem, curtam, ou comente?
POSIÇÕES POLÍTICAS PARTIDÁRIAS
<ol style="list-style-type: none">1. A política partidária é lazer? Ideologia? Interesse financeiro, ou familiar?2. Você já utilizou o seu perfil como meio político? Com fins políticos?3. Os políticos usam bem a internet, as redes e o Facebook para angariar votos?4. Você acredita na mudança de decisão de voto, por meio das ferramentas de comunicação e informação como o Facebook?

Fonte: Pesquisa e Produção do autor-2015

A partir da formatação das categorias como modelos de orientação das abordagens com os interlocutores, o autor adentrou ao universo de nossos sujeitos juvenis. Os 5 indivíduos foram contatados, e todas as interações acontecerem utilizando-se do chat do Facebook. Para que a entrevista transcorresse de forma leve e solta, própria do universo juvenil, quando fizemos o convite aos interlocutores tivemos o cuidado de informar que a condução da entrevista estava calcada em um “bate papo”, e assim foi.

5.3.1 - Categorias e suas necessidades.

A primeira categoria relaciona-se com a identificação de nossos sujeitos. Entende-los passa pela formação de suas identidades no Facebook. Pretende-se conhecer quem são esses interlocutores, como os mesmos se veem. O sujeito visto por ele mesmo, com seus indicativos e o olhar do EU.

A segunda categoria refere-se a presença dos mesmos nas redes sociais (Facebook), suas práticas, seus relacionamentos e as relações com esse universo em seu cotidiano. Um apontamento para o registro diário relacionando a sua pessoa em um ambiente online, os sentimentos e as sensações

como atores/autores e observadores de seus próprios posts, e ainda como se processam as interferências nos comentários, *likes* e compartilhamento, e se isso os afeta.

A terceira categoria refere-se às interações do sujeito juvenil com o universo político partidário. Se ele fez ou faz parte deste contexto utilizando de suas redes, se acredita numa prática política eficaz e capaz da persuasão direcionada, mediada pelas tecnologias da informação e comunicação contemporâneas, se o Facebook, como ferramenta política, pode ser de fator decisivo nas decisões de escolhas de candidatos.

5.3.2 - Os sujeitos da ação se identificam

Figura 17. Hérica por Hérica



Fonte: <https://www.facebook.com/HericaRocha/fotos>. Organização e ilustração do autor - Ano:2015

“Uma pessoa perigosa que tem cadernos em branco em casa. Inquieta, nunca me conformei com respostas óbvias, muito menos com pontos finais, sempre prefiro as reticências e suas possibilidades. Eu preciso ver mais, saber mais, sentir mais. Sou sonhadora, acredito em dias melhores. Tenho medo do escuro e de gente que não olha nos olhos. Passional, autêntica e cara de pau. Pronto, aí está. Eu por mim mesma! kkkkk “

Figura 18. Paulo Carneiro por Paulo Carneiro



Fonte: <https://www.facebook.com/PauloCarneiro/fotos>. Organização e ilustração do autor - Ano:2015

“Paulo César Carneiro, é um goiano de 32 anos, filho de um radialista e de uma professora. Apaixonado por comunicação escolheu o rádio para entrar nesse universo aos 18 anos, do rádio migrou para TV e fez de tudo um pouco nesses canais, tem 2 filhos é casado e tem uma porção de sonhos, um deles é ter estabilidade profissional dentro da profissão que escolheu, pratica esporte, é bem humorado e muito ansioso.”

Figura 19. Rafael por Rafael



Fonte: <https://www.facebook.com/Rafael/fotos>. Organização e ilustração do autor - Ano:2015

“Sou um livro aberto!!!!”

Figura 20. Saullo por Saullo



Fonte: <https://www.facebook.com/Saullo/fotos>. Organização e ilustração do autor - Ano:2015

“Uma pessoa que por mais inovadora que seja, segue as tradições familiares. Aquele que ama escutar uma boa música 60's e 70's, mas que adora as tecnologias contemporâneas. Aquele que, assim como o cinema, é uma constante variação de imagens e leituras da vida.”

Figura 21. Walquerley por Walquerley



Fonte: <https://www.facebook.com/Walquerley/fotos>. Organização e ilustração do autor - Ano:2015

“Tenho 32 anos, sou do signo de Câncer, tenho características de curioso e ansioso, gosto de acreditar em novas ideias. Não tenho religião, não acredito e sou desconfiado da grande maioria delas. Atualmente passo por um momento de reflexão da minha vida, pois grande parte dela passei curtindo festas e bebidas, no momento atual gosto de bebidas moderadamente e sou um pouco mais caseiro. Moro com minha mãe e meu sobrinho de 17 anos, sou solteiro e vou ser pai de uma criança que vai nascer no próximo mês de setembro. Tenho orgulho de todas as empresas em que já trabalhei e que minha dedicação não ficou a desejar, gosto dos desafios no trabalho, desde que não se torne um

caminho para a depressão. Estou aprendendo a ter calma, paciência e saber esperar, mesmo que a ansiedade seja uma das minhas principais características.”

Neste momento de identificação dos nossos interlocutores, os mesmos se apresentam, se definem, nos deixando a par de suas identidades. Destarte, são jovens de faixa etária de 21 a 33 anos, concluindo o curso de Comunicação Social. Os mesmos nunca foram filiados a partidos políticos, portanto, totalmente livres em suas manifestações políticas.

5.3.3 - As relações: Indivíduos/redes/Facebook

Figura 22: sujeitos se encontram



Fonte: canaltech.com.br

Sempre abertos ao diálogo, os nossos interlocutores demonstraram muita transparência nas discussões provocadas pela inquietação do pesquisador. Momentos de angústias, de sorrisos e discussões, numa plataforma em que a troca de textos sem olhares é quase um ato de profanação da cultura da conversação de olhos nos olhos a que fomos habituados durante toda a vida. No entanto, a nossa proposta de pesquisa passa justamente pelas relações pertinentes a essa distância física dos indivíduos, com a proximidade virtual propiciada pelas redes sociais digitais.

Dessa forma, nossas primeiras interpretações quando adentramos ao espaço virtual desses sujeitos alvo de nossa pesquisa, foi que a maioria deles divulga na rede social seu cotidiano, sempre com o interesse de entreter os amigos, de chamar a atenção de seus pares para algum fato interessante. Nossos interlocutores não se sentem obrigados a realizar publicações diariamente, seguindo um ritmo midiático pré-determinado, postam por prazer, como indica Hérica Rocha, que afirma gostar de publicar acontecimentos especiais que remetem às boas lembranças; segundo Hérica, “vivo e deixo os outros viverem o seu cotidiano”, no entanto tudo sem exagero, “na medida certa”.

Mesmo sem um pensamento definido sobre as sensações que possam causar em seus pares, para os entrevistados o curtir, compartilhar e comentar aguçam o interesse da maioria dos indivíduos

envolvidos nas redes, isso faz parte do cotidiano do universo facebookiano. O jovem Paulo Carneiro acredita que, mesmo involuntariamente, *“a intenção de todo mundo que publica algo em uma rede social é ser percebido e que comentários, compartilhamentos ou curtidas, são sinais de aprovação de seu post.”* Uma prática, no cotidiano destes indivíduos, que os leva a uma inversão de papéis durante a sua permanência nas redes. Como refere Teixeira (2014), *“alternando lugares no palco do Facebook, todos assumem o papel de autor/ator/narrador e, também, produtor”* (p. 206). Dessa forma, as ações vão mudando costumes, sentidos e o jeito de agir dos indivíduos, e conseqüentemente formando novas representações juvenis. Ainda de acordo com Teixeira (2014),

O curtir, comentar e compartilhar as narrativas fotográficas - nas expressões geniais do cuidado juvenil - são mecanismos de inversão de papéis no processo comunicacional e tecnologias para uma pedagogia da gentileza, que permitem aos sujeitos interlocutores, na percepção do Outro, a possibilidade de aprender mais sobre ele mesmo, uma vez que ele busca no Outro elementos de Si. (Teixeira, 2014, p.206)

O acadêmico Saullo também enfatizou suas publicações.

“Então... Têm posts que só espero curtidas, têm posts que só espero compartilhem, ou que só comentem, mas nunca com o objetivo de atingir muita gente. Por mais que meu perfil seja aberto a todos, eu publico para amigos e não para geral. As vezes quero só que as pessoas me digam “Saullo acho que vc deveria ter feito assim” ou “Cara, é isso mesmo”, assim como quando indico uma banda ou música (Faço isso muito) as pessoas curtam e não necessariamente apertando o botão... Gosto que minhas postagem atinjam as pessoas sem a necessidade que elas me passem o feedback, mesmo sabendo que talvez elas nem tenham visto minha postagem”.

Por outro lado, o acadêmico Walquerley é o tipo de pessoa que gosta de chamar a atenção no Facebook, pois quando publica fica atento aos comentários, e se as opiniões de seus pares se aproximam das dele.

O espaço e o tempo desses sujeitos contemporâneos em suas relações no Facebook são mediados por interesses fragmentados, ou seja, não se apegam a conceitos básicos do cotidiano social, são flutuantes, viajantes num devir incerto, mas que tem como foco as evoluções e transformações tecnológicas e sociais - numa narrativa onde a internet revolucionou o cenário da comunicação.

5.3.4 - As relações: Indivíduos/políticas partidárias/Facebook

O caminhar pelos campos empíricos de nossa pesquisa foi sem dúvida uma experiência inovadora e desafiante. A todo instante estes sujeitos juvenis nos surpreendiam com suas respostas, que muitas vezes contradiziam o seu perfil, que antes havíamos observado. A terceira categoria, sintetizando o terceiro momento de nossa pesquisa, está intrinsecamente ligada ao escopo de nossa dissertação. Nossas interações netnográficas nos indicaram repostas que passamos agora a descrever.

Quando o termo político é colocado em questão, nossos sujeitos, nos surpreenderam com posições bastante politizadas. Um dos mais eloquentes nas relações de política/indivíduo/Facebook, o acadêmico Saullo Moura afirmou o seguinte:

Figura 23. Print do chat/Facebook/Wagner/Saullo



Wagner Quintanilha

Legal Saullo, mudando o viés da conversa... você acredita que a política partidária é lazer? Ideologia? Interesse financeiro, ou familiar?



Saullo Moura

Acho que é mais interesse financeiro. Hoje no Brasil é difícil vc ver algum filiado seguindo a ideologia real do partido. Nos EUA dois partidos (democratas e republicanos) parecem seguir firmemente suas ideologias, ao menos é o que é transmitido via mídia. Mas aqui, com tanto caso de corrupção na história, é difícil acreditar que quem segue uma política partidária é realmente convicto aos princípios ideológicos do partido.

O que chama a atenção na resposta deste nosso sujeito é que a mesma é baseada nos fundamentos de um olhar juvenil sobre a esfera política do Brasil, e suas nuances de descrédito em relação à forma como a política brasileira é representada. Compartilhando do mesmo pensamento de Saullo, a nossa interlocutora Hérica pontua que *“Gosto da ideia de que fosse ideologia, mas como não sou hipócrita o suficiente, entendo que o interesse financeiro fale mais alto”*. Porém, ela admite que *“sei reconhecer aqueles que tem ideologias políticas na veia, e tenho respeito, mesmo não compartilhando dos mesmos pensamentos”*. No mais, outros apontamentos de nossos sujeitos sugerem a política como diversão e lazer, interesse familiar, entre outros. Olhares juvenis que, de certa forma, não são exclusivos, pois o jovem não vive isolado da sociedade, ele faz parte de uma sociedade que compartilha com a juventude essa descrença na classe política que é disseminada pelas redes sociais.

Com, isso as redes sociais efetivam um rompimento com o discurso clássico de canal de comunicação, elas possibilitam “mexer” na informação e provocar outros olhares e posições, mais autônomas e livres das amarras partidárias. Assim, os políticos não os representam mais, eles são seus próprios representantes, num movimento de protagonismo social e político.

As Protagonistas e os protagonistas [...] atuam como reeditores/multiplicadores através de uma prática de caráter coletivo, de troca de experiências, construções de conhecimentos e desenvolvimento de ações buscando o fortalecimento de uma rede que se organiza em torno de objetivos comuns. A parceria entre [...] jovens na construção e disseminação de saberes, no planejamento e desenvolvimento de ações transforma todos em protagonistas, através do reconhecimento e desempenho dos seus papéis sociais (Rabêllo, 2013, p. 3).

Assim, os sujeitos juvenis, nas redes sociais, se constituem, adquirindo inclusive uma consciência de sujeito agente de mudança e multiplicador da mesma.

Outro ponto de bastante discussão com nossos interlocutores foi quanto a utilização das redes sociais, em particular o Facebook, por parte dos políticos e em prol de seus interesses. Um momento de divergência, sendo que a maioria acredita que políticos, partidos e entidades ligadas a política até fazem uso de algumas ferramentas, mas sem conhecimento das especificidades que as mesmas podem oferecer. É o caso do acadêmico Paulo Carneiro, que acredita que *“os políticos já descobriram a importância dessa ferramenta, porém, falta domínio do veículo, pouco investimento em profissionais especializados nesse tipo de serviço. Mas o crescimento deste mercado é inevitável”*.

Hérica afirma que um número muito grande de políticos não utiliza as redes de forma correta, acreditando que isso se dê pelo fato de aqueles que estão à frente das assessorias de imprensa e comunicação dos políticos e partidos não têm real entendimento da ferramenta. Ainda conforme a acadêmica, *“alguns até desenvolvem ações para as redes”*, mas, ela percebe que falta perícia para uma grande parte.

Nossa interlocutora ressalta que essa visão não é generalizada, mas, sim *“baseada nos políticos da capital e do estado do Tocantins”*. Com uma posição mais contundente, Saullo Moura acredita que os políticos nas redes sociais perdem votos, já que, pela ótica do acadêmico, *“no lugar de usar as redes sociais para atingir públicos novos com discursos mais mistos, eles preferem ser seletivos e perder voto ou gerar polêmicas surreais”*. Apontamentos de reflexão para o meio político, enfatizando a necessidade de profissionalização da área de estratégias políticas para as redes sociais digitais em seus quadros.

Já no final de nossas interações e discussões acerca de política/indivíduos/Facebook, fizemos aos nossos interlocutores a seguinte pergunta: você acredita na mudança de decisão de voto, por meio das ferramentas de comunicação e informação como o Facebook? As respostas dos nossos interlocutores, que descrevemos abaixo *ipsis litteris*, representam o desfecho da nossa pesquisa empírica.

Saullo:

“Sim. As eleições de 2014 mostraram isso. As pessoas levam as postagens como verdades absolutas sem olhar a fonte, isso é algo tão perigoso para a credibilidade do voto. Pessoas mudam seus discursos, logo acho que seus votos também, a cada nova postagem criada por perfis ou páginas modistas do dia... Cara, isso é muito preocupante (ao mesmo tempo que sei que é muito difícil mudar a realidade), pois definem o futuro do país não só durante o mandato, mas toda uma história de uma sociedade.”

Hérica:

“Sim, as redes sociais tem um grande potencial para disseminação de ideologias, principalmente levando em consideração que uma parte daquelas que utilizam a ferramenta não tenha a cultura de checar as fontes, ler corretamente ou completamente antes de saírem publicando. O que vemos em grande parte, é uma quantidade massiva de usuários que vão na valsa, se deixam levar. Um bom trabalho de comunicação voltado para essas plataformas pode sim resultar em mudanças de posicionamentos, ao ponto de mudar a decisão de um voto.”

Paulo:

“Acredito, usada de forma correta esta é com certeza uma das mais poderosas ferramentas de comunicação de todos os tempos. A internet é o presente e o futuro, tudo que ainda não está, estará na internet em pouco tempo, quem não estiver disposto a migrar, deve estar consciente que desaparecerá.”

Rafael:

“Com certeza, como falei antes, temos uma sociedade extremamente ignorante na questão política, as redes sociais são ferramentas com uma grande capacidade de atingir a massa, sendo bem utilizada consegue ser efetiva na orientação para a tomada de decisão na hora de votar.”

Walquerley:

“Acredito sim, isso porque vejo grande massa de eleitores acreditarem em falsas reportagem de denunciamento, e nem mesmo se preocupam em investigar se realmente aqueles fatos são verdadeiros ou manipulação política. Então, acredito em uma virada política por meio de rede social.”

As respostas destes jovens demonstram a posição política de sujeitos que se recusam a votar em partidos e políticos, porque querem votar em ideias. Essa situação caracteriza uma tendência brasileira: a incapacidade dos partidos políticos no acolhimento do jovem contemporâneo, em suas linguagens, anseios e perspectivas. O que percebemos é que isso se passa justamente com a faixa etária dos sujeitos nascidos no período do processo de redemocratização do país e também da abertura da internet no território brasileiro. Podemos afirmar, com isso, que há um novo olhar quanto às questões políticas postas. São sujeitos que fazem uso de suas conexões para encontrar mais informações ou outras informações no que tange a exploração dos seus centros de interesse, que estão além de eleições partidárias, situando-se em causas sociais e morais que podem redefinir as práticas políticas brasileiras.

Mas mesmo diante dessas possibilidades abertas pelas redes sociais, o comportamento demonstrado na pesquisa é um indicativo de que os jovens inquiridos não enxergam nos candidatos uma forma de engajamento político ou preferência partidária. Eles acreditam numa outra transformação social, que não passa pela personificação do sujeito político partidário, mas pela causa defendida. Esse comportamento parece ser uma tendência cada vez mais significativa no comportamento juvenil. Assim, as redes sociais dão possibilidades, de acordo com Castells (2004, p. 165), de “livre expressão em todas as suas formas, [...] fonte aberta, livre divulgação, transmissão descentralizada, interação furtiva, [...]”..

Diante do que observamos, pode-se perceber que as relações entre política partidária, indivíduos e Facebook já são uma realidade no contexto desses sujeitos juvenis, marcados pela mobilidade dos tempos contemporâneos. São sujeitos que se posicionam, tem atitude e, acima de tudo, questionam os modelos políticos vigentes. Nossos interlocutores estão a par das mudanças, eles as entendem e procuram participar. Há de se considerar, contudo, que não existe uma unanimidade

de representação do grupo; no entanto, todos eles acreditam que as redes sociais/Facebook tem capacidade de persuasão sobre a sociedade.

Apesar desta conclusão, é oportuno refletir que essas práticas não são unívocas. Pois, sendo o tema totalmente ligado ao ciberespaço, existem inúmeros murmúrios produzindo acontecimentos. Acrescento a isso que este estudo é apenas uma modesta contribuição para que possamos juntar os fragmentos de pesquisa em pesquisa, e assim, de forma articulada, promovermos novos enredos neste momento pulsante das tecnologias da informação e comunicação contemporâneas.

Conclusão

Nesta pesquisa buscou-se analisar as relações existentes entre os sujeitos juvenis, as redes sociais digitais (Facebook) e o universo da política partidária. Durante todo o percurso procurei alinhar as posições teóricas e empíricas, na tentativa de encontrar respostas às minhas inquietações. Dessa forma, as leituras abriram novos horizontes. O nosso contexto foi sendo construído sobre o problema de pesquisa: Que impactos os discursos políticos partidários disseminados pela rede social Facebook podem causar nos públicos juvenis da capital do estado do Tocantins-Brasil, no que se refere à tomada de decisão do voto?

O ponto de partida para nossa discussão foi o entendimento dos indivíduos e suas identidades, as identidades juvenis. O desenvolver da sociedade e suas causas, bem como suas relações com os avanços tecnológicos, como o surgimento da microinformática, o desenvolvimento da rede mundial de computadores, as transformações das redes sociais que migraram para o digital e a própria maneira de se relacionar no universo virtual ou ciberespaço, permitiram que novas identidades fossem sendo construídas, reinventadas e sustentadas. A fragmentação e o hibridismo dos movimentos contemporâneos permitiram novas maneiras de se expressar, quebrando paradigmas na comunicação e implementando novas formas de se comunicar, trocar e difundir conteúdos e compartilhar informações.

Acentua-se, ainda, que as mudanças significantes e as transformações eminentes das identidades juvenis estão intrinsecamente ligadas ao olhar do indivíduo jovem que, diferente do olhar adulto, que só vê uniformidade, é disforme, leve, articulado. Esse olhar juvenil da contemporaneidade vai muito além das barreiras que cercearam a geração de seus pais e seus avós.

Entendemos, então, que o fenômeno das identidades juvenis na contemporaneidade é uma realidade que não pode ser desligada da presença das juventudes no contexto sociocultural ciberespaço, caracterizadas por suas formações fragmentadas, híbridas e desterritorializadas. Assim, podemos afirmar que esse novo sujeito é o resultado das relações simbióticas entre cultura contemporânea e artefatos tecnológicos, uma junção que movimentou os últimos anos do século passado e início do século XXI, afetando diretamente os processos de construção e transformação das identidades juvenis. Identidades essas que ganham novos contornos, se remodelam e se definem com uma nova proposta, o viver uma realidade totalmente díspar aos costumes e conceitos que até a chegada da internet conduziam suas vidas.

Percebemos com a pesquisa que as marcas da cibercultura são uma realidade no dia a dia dos indivíduos, que desde muito cedo começam a se relacionar com artefatos tecnológicos e, muitas vezes, tornam-se dependentes deles. Para os sujeitos pesquisados, estas tecnologias são dispositivos permanentes e essenciais em seus cotidianos, seja nas escolas, nos shoppings, nas praças, nos ônibus, nas ruas, em casa, no trabalho, sem desconsiderar suas relações mais pessoais. Estabelecendo que esse meu olhar é apenas um *insight* sobre a multifacetada relação cultural construída entre os seres

humanos e os componentes das tecnologias contemporâneas, percebemos que os sujeitos juvenis pensam os problemas sociais e estão atentos às questões que envolvem os movimentos políticos; porém, é preciso sensibilidade para fazer uma leitura de como esses sujeitos se manifestam. Percebemos, com essa pesquisa, que o discurso comum e fácil de que os jovens não têm interesse pela política não se confirma. O que eles não têm é a mesma cultura dos jovens das gerações anteriores, que faziam do barulho público das ruas suas formas de manifestações e engajamento político, inclusive partidário.

O que percebemos, na contemporaneidade, são sujeitos que pensam e se manifestam politicamente, mas com uma veia antipartidária, principalmente em função do contexto social, econômico e cultural, permeado pela velocidade, distanciamento e efemeridade das relações, bem como e principalmente pelas potencialidades das tecnologias contemporâneas. Os jovens de hoje não são os das ruas físicas, mas das ciberruas. Não são os dos cartazes, das faixas, dos muros, mas dos posts, das curtidas. Não são os da personificação de um sujeito que pode mudar, mas da crença de uma consciência coletiva quanto a mudanças que podem ocorrer.

Do singularismo do indivíduo comum, passando pelo sujeito narcisista, indo ao encontro da pluralização dos seguimentos sociais, o Facebook permitiu a democratização das relações que esses sujeitos constroem, seja nas esferas religiosas, culturais, econômicas ou políticas. E, com as possibilidades cada vez maiores de acesso aos conteúdos disponibilizados na rede, estão melhores preparados para filtrarem as informações, ou seja, quanto mais leitura o indivíduo possui, mais crítico ele se torna.

Neste contexto, os sujeitos de nossa pesquisa sinalizam para uma jovem sociedade, como é a palmense, que em contato com a cibercultura participa dos movimentos relacionados à política, ainda que não efetivamente, mas se mantém informada quanto as questões que a envolvem. Percebemos, em nossos interlocutores, que os mesmos não fogem das discussões pertinentes ao seu cotidiano; que defendem suas preferências, suas ideologias. Discutem, discordam e, acima de tudo, são portadores de argumentos capazes de persuadir seus pares. Não são alheios as questões postas nos meios midiáticos quanto a política, mas nutrem uma profunda desconfiança nos políticos e nos governos. Valorizam as formas de ação coletiva, de alguma maneira sinalizando outras formas de participação política. Ouso afirmar que podemos, quem sabe, vivenciar um novo movimento utópico e de ideais de transformação característicos das juventudes dos anos de 1960.

No que se refere a esfera política partidária, nossa pesquisa nos levou ao entendimento que esses sujeitos juvenis não compactuam com a possibilidade de se divulgar informações e conteúdos políticos em seus perfis, não existe uma relação desses jovens com os políticos, eles estão alheios e de certa forma não valorizam publicações políticas partidárias na rede. Ou seja, os sujeitos juvenis buscam novas rotas, vivem em suas redes sociais a liberdade peculiar de indivíduos fragmentados, que não se apegam ao juízo do senso comum. No entanto, nosso olhar de pesquisador nos remete também ao entendimento que, em tempos de redes sociais e da velocidade da informação na era da

comunicação, a plataforma Facebook tem uma relação com a política partidária; porém, nesta teia, esses jovens se mantêm alheios. Eles percebem a presença, algumas vezes curtem, poucas vezes compartilham, e quando exprimem comentários, são críticas, que de certa forma condizem com os sujeitos juvenis antipartidários; eles expressam seus pensamentos buscando legitimar as ações que caracterizam movimentos sociais coletivos e de interesses coletivos.

Pela nossa ótica, os sujeitos juvenis entendem que existe uma tentativa por parte dos políticos em usufruírem da rede social Facebook como plataforma política, porém, os mesmos ainda não se deram conta da necessidade da profissionalização, ou seja, de utilizar as redes sociais de forma correta, com profissionais aptos e conhecedores da ferramenta, e não como mero repetidor de selos informativos institucionais e pessoais. Esses sujeitos percebem ainda que as redes sociais são uma realidade, é o presente de nossa história, por isso nossos investigados, mesmo divergindo em várias situações em relação à presença e movimento de políticos em redes sociais, em nosso último colóquio foram unânimes em afirmar que o Facebook pode sim, mudar pensamentos, escolhas, ou, até mesmo o voto. Com isso, esses jovens estão expandindo o conceito de participação política e sinalizando que os interesses partidários podem existir se associados com políticas públicas mais voltadas para o cenário juvenil, tanto no que se refere aos novos territórios de socialização, como as redes sociais digitais, quanto aos discursos, linguagens e perspectivas.

Apesar de a pesquisa se direcionar ao nosso objetivo, não houve uma confirmação plena de nossas hipóteses. A meu ver, ainda existem muitas interrogações, questionamentos e dúvidas quanto as relações do sujeito juvenil contemporâneo com o universo político partidário, e se tratando de um território tão recente quanto o Facebook, sugerir um resultado preciso, seria muita ousadia de minha parte. É preciso ressaltar que existe uma parcela de pesquisadores em volta desse fenômeno, mas provas cabais com resultados e contextos exatos, temos um número insignificante quando confrontado com o tamanho do universo que representam as relações nas redes sociais (Facebook) com a política partidária.

Referências

- Aristóteles. (1995). *A política*. (Nestor Silveira Chaves, trad.) São Paulo: Edipro.
- Arruda, J.J.de A., & Piletti, N. (2005). *Toda a história: história geral e história do Brasil*. (12ª ed.). São Paulo: Ática.
- Balandier, G. (1999). *O poder em cena*. Coimbra: Minerva.
- Barbosa, w. (2013). *História e política: elementos introdutórios*. Disponível em: <http://www.goiania.ifg.edu.br>.
- Bauman, Z. (2005). *Modernidade líquida*. (Plínio D. Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Bonilla, M. H. S.(2005). *Escola aprendente: para além da sociedade da informação*. Rio de Janeiro: Quartet.
- Camilo, E., & Silva, R. (2013). *Desafios ao agendamento intermediático. Reflexões sobre os desabafos de Pedro Passos Coelho*. In P. Serra, E. Camilo, & G. Gonçalves (Orgs.), *Participação política e web 2.0* (pp.133-156). Covilhã: Livros LabCom.
- Campos, M. F. (2007). *Natureza, origem e exercício do poder político*. Disponível em: http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3019/1/com-nac_2009_ED_1207_Campos_Manuel_01.pdf
- Canavilhas, J. (2009). *A comunicação política na era da internet*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/canavilhas-joao-comunicacao-politica-na-era-da-internet.pdf>
- Canevacci, M. (2005). *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. São Paulo: DP&A.
- Cassel, C., & Symon, G. (1994). *Qualitative methods in organizational research*. London: Sage Publications.
- Castells, M. (2004). *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. (Maria Luiza X. de A. Borges Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Castells, M. (2002). *A sociedade em rede*. (Majer, R. V. trad.). (6ª Ed.). São Paulo: Paz e terra.
- Cazeloto, E. (2007). *A inclusão digital e a reprodução do capitalismo contemporâneo*. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica, Pontifícia universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Couto, E. S., & Silva, V. C.(2008). Convergência cultural-midiática: as tecnologias e a fruidez da juventude na cibercultura. *IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, 28 a 30 de maio de 2008, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, Bahia, Brasil.
- Delgado, L. de A. (2007). A campanha das Diretas Já: narrativas e memórias. *Anpuh XXIV simpósio nacional de história*. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0716.pdf>
- Duque, E. J. (2003). *A Identidade na pós-modernidade: um conceito histórico-hipotético*. *Cadernos do Noroeste*, 21 (1-2), 39-51.
- Esteves, J.P. (2007). Internet e comunicação política: um novo desafio à democracia. *Intexto2* (17), 1-12.

- Fidalgo, A. (2013). *Liberdade como participação em Isaiah Berlin*. In P. Serra, E. Camilo, & G. Gonçalves (Orgs.), *Participação política e web 2.0* (pp. 16-25). Covilhã: Livros LabCom.
- Filho, L. L. (1988). *Atrás das câmeras: relações entre cultura, estado e televisão*. São Paulo: Summus.
- Filho, L. L. (2004). Quarenta anos depois, a TV brasileira ainda guarda as marcas da ditadura. *Revista USP*, 61, 40-47. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/61/04-laurindo.pdf>
- Fontes, C. (s.d.). Persuasão e manipulação: publicidade e propaganda. *Navegando na Filosofia*. Disponível em: <http://afilosofia.no.sapo.pt/11Persuasmanipul.htm>
- Foucault, M. (1982). *Microfísica do poder*. (Roberto Machado Org. e trad.). Rio de Janeiro: Graal.
- Fragoso, S., Recuero, R., & Amaral, A. (2011). *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Francisco, N. (2013). *Soundbite: a política em frames*. In P. Serra, E. Camilo, & G. Gonçalves (Orgs.), *Participação política e web 2.0* (pp. 119-131). Covilhã: Livros LabCom.
- G1.Globo (2014, 18 de Julho). Jovens brasileiros têm em média perfis em 7 redes sociais, diz estudo. *Globo*. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/07/jovens-brasileiros-tem-em-media-perfis-em-7-redes-sociais-diz-estudo.html>
- Goffman, E. (1985). *A Representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- Gonçalves, I. A., & Braga, S. S.(2008). Internet e política: um estudo sobre o uso da internet pelos parlamentares da região sul do brasil. *Revista de Letras, Artes e Comunicação*, 2 (2), 120 - 141.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. (Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro trad.) 11° ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- Jalali, C. (2013). *Odres novos, vinho velho? Os novos media e os partidos políticos*. In P. Serra, E. Camilo, & G. Gonçalves (Orgs.), *Participação política e web 2.0* (pp. 83-100). Covilhã: Livros LabCom.
- Janotti júnior, J. S. (2003). Mídia, cultura juvenil e rock and roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos. *XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Belo Horizonte, 2-6 set 2003. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/4994>.
- Kardozo, F.C. M. (2013). *Confissões no Facebook: educação e subjetivação nas redes sociais*. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil.
- Kinzo M. D. A. G. (2001). A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição. *São Paulo em Perspectiva*, 15 (4). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n4/10367.pdf>
- Kirkpatrick, D. (2011). *O efeito Facebook*. (Oliveira, M.L. trad.) Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Kozinets, R. V. (2010). *Netnografia: a arma secreta dos profissionais de marketing: Como o conhecimento das mídias sociais gera inovação*. Disponível em: < http://bravdesign.com.br/wp-content/uploads/2012/07/netnografia_portugues.pdf> Acesso em 20 out. 2014
- Lemos, A. (2003). Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In A. Lemos, A., & P. Cunha (Orgs.), *Olhares sobre a cibercultura* (pp. 11-23). Porto Alegre: Sulina.
- Lemos, A. (2004). *Cultura e mobilidade: a era da conexão. Cartografias do ciberespaço*. São Paulo: SENAC.
- Lemos, A. (2004). Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. *Razón y palabra*, 41, 1-18.
- Lemos, A. (2009). Cultura da mobilidade. *Famecos*, 40, 37-49.

- Lemos, A. (2013). *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. (6ªed.) Porto Alegre: Sulina.
- Lemos, A., & Lévy, P. (2010). *O futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia*. São Paulo: Paulus.
- Lévy, P. (2000). *Cibercultura*. (Costa, C.I. Trad.) (2ª ed.). Rio de Janeiro: 34.
- Lima, V. A. D. (2001) *Mídia: teoria e política*. (2 ed.). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Lopes, P. (2011). O movimento diretas já e a cobertura da mídia: o caso do jornal Zero Hora a partir da agenda-setting. *Revista Eletrônica de Pós-graduação da Faculdade CásperLíbbero*, 1 (3). Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/>
- Mattos, F. A. M., & Santos, B. D. D. R. (2009). Sociedade da informação e inclusão digital: uma análise crítica. *Ibict*, 5 (1), 117-132. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/247>>. Acesso em: 12 de janeiro 2014
- Mazzocato, S. B. (2014). *A reconfiguração do sujeito através de sua representação online: as características e os processos no Facebook*. Tese de Doutorado em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Meyer, M. (1997). *Questões de retórica: Linguagem, Razão e Sedução*. Lisboa: Ed.70.
- Mezrich, B. (2012). *Bilionários por Acaso*. (Curi, A.J. trad.). Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Oliveira, S. D. P., & Marinho, M.G.S.M.C. (2012). Diretas já, um movimento social híbrido. *Revista Debates*, 6 (3), 129-143. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/debates>.
- Ortrivano, G. (2002). Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. *Revista USP*, 56, 66-85.
- Pádua, E.M.M. (2000). *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática*. (6.ed.) São Paulo: Atlas.
- Pereira, C. A. M. (1984). *O que é contracultura* (2a ed). São Paulo: Brasiliense.
- Pinho, J. B. (2003). *Jornalismo na Internet: planejamento e produção da informação on-line*. São Paulo: Summus.
- Rabêllo, M. E. D. L. (2013). *O que é protagonismo juvenil?* Disponível em: <http://www.cedeca.org.br>
- Recuero, R. (2010). *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Roszak, T. (1999). *A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. Petrópolis: Vozes.
- Santaella, L. (2001). *Comunicação e pesquisa*. São Paulo: Hacker.
- Santaella, L. (2007). *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus.
- Santaella, L., & Lemos, R. (2010). *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Paulus.
- Santos, E., & Rodrigues, R. (2013). *Comunicação Política 2.0: novos desafios para uma arte Vetusta*. In P. Serra, E. Camilo, & G. Gonçalves. (Orgs.), *Participação política e web 2.0* (161-192). Covilhã: Livros LabCom.
- Santos, J. M. (1989). *A política geral do Brasil*. São Paulo: USP.

Serra, P. (2015). A credibilidade política na sociedade mediatizada. In P. Serra (Org.), *Retórica e política* (pp.127-156). Covilhã: Livros LabCom.

Silva, V. C. (2007). *Corpos híbridos em mentes diáfanas: as tribos urbanas no universo escolar de palmas e suas inter(ações) com as tecnologia da informação e da comunicação*. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Silva, V. C., & Couto, E. S.(2012). *Interfaceamentos contemporâneos: tecnologias digitais e tribos urbanas no contexto escolar*. *Educ. rev.* [online], 28 (2), 333-346.

Silva, V.C. P. (2010). *Palmas, a última capital projetada do século XX: uma cidade em busca do tempo*. São Paulo: UNESP.

Tapscott, D. (1999). *Geração digital: a crescente e irreversível ascensão da geração Net*. (Bahr, R. G. trad.). São Paulo: Makron.

Teixeira, I. (2014). *Fotografias pessoais no Facebook: corpos e subjetividades em narrativas visuais compartilhadas*. Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.

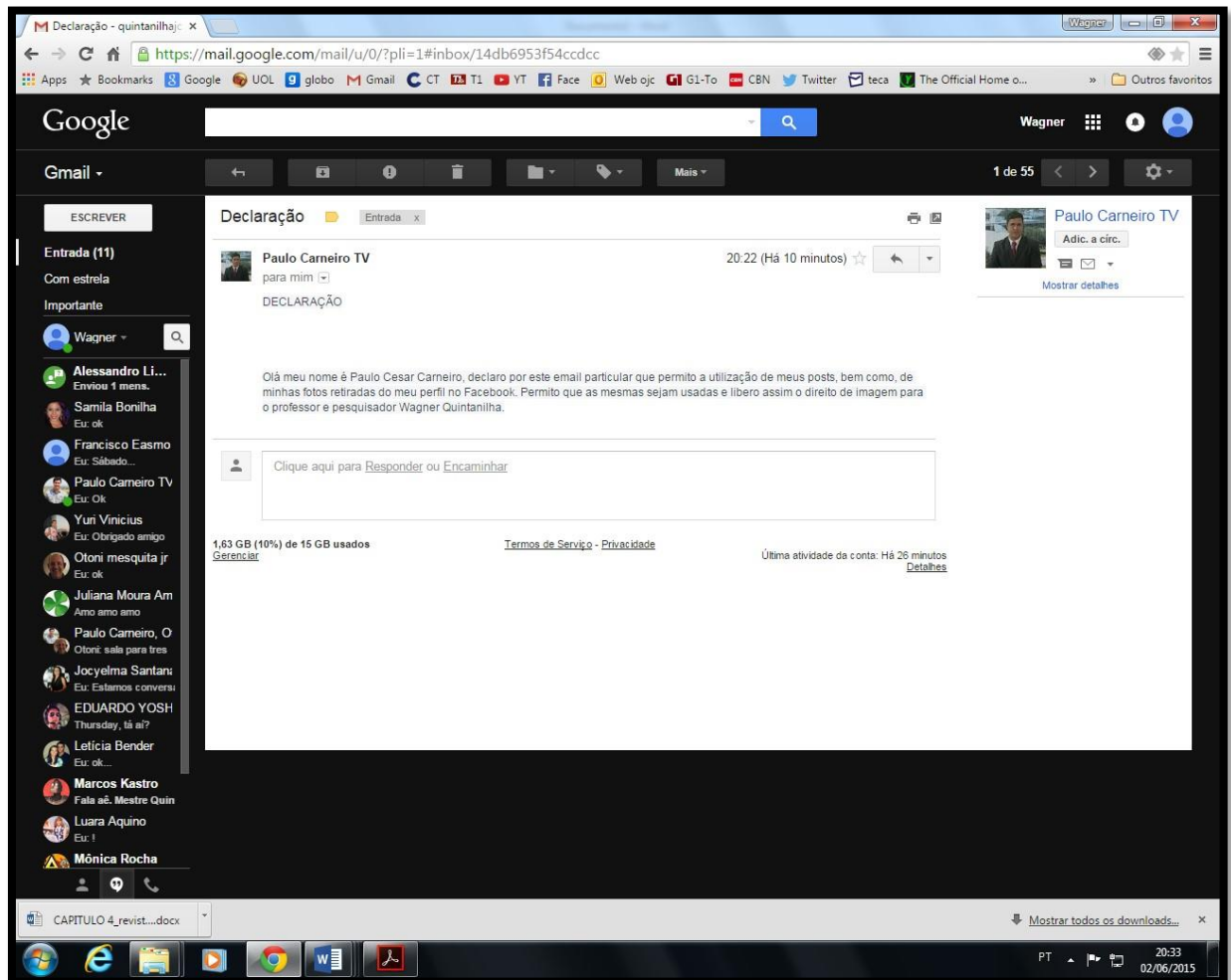
Tribunal Superior Eleitoral (n.d.). *Eleições*. Disponível em: <http://www.tse.jus.br>

Website

Instituto brasileiro de geografia estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/cidades>
Acesso em: 15 de março de 2015.

Anexos

Anexo 1: Autorização do acadêmico Paulo Cesar Carneiro.



Anexo 2: Autorização da acadêmica Hérica Rocha Borges Feitosa

The screenshot displays a Gmail inbox on a desktop browser. The email is titled "Declaração" and is from Hérica Rocha. The subject line is "DECLARAÇÃO". The email body contains a statement of authorization for the use of her photos on Facebook. The interface includes a search bar, a list of contacts on the left, and a taskbar at the bottom with various application icons and system information.

Declaração - quintanilha: x

https://mail.google.com/mail/u/0/?pli=1#inbox/14db6c90be5ebe31

Wagner

Gmail - 3 de 58

ESCREVER

Entrada (11)

Com estrela

Importante

Wagner

Alessandro Li...
Enviou 1 mens.

Samila Bonilha
Eu: ok

Francisco Easmo
Eu: Sábado...

Paulo Carneiro TV
Eu: OK

Yuri Vinicius
Eu: Obrigado amigo

Otoni mesquita jr
Eu: ok

Juliana Moura Am
Amo amo amo

Paulo Carneiro, O
Otoni: sala para tres

Jocelyma Santan
Eu: Estamos convers

EDUARDO YOSH
Thursday, tá aí?

Leticia Bender
Eu: ok...

Marcos Castro
Fala aí, Mestre Quin

Luara Aquino
Eu: !

Mônica Rocha

Declaração

Entrada x

Hérica Rocha
para mim

21:18 (Há 2 horas)

DECLARAÇÃO

Olá, meu nome é Hérica Rocha Borges Feitosa, declaro por este email particular que permito a utilização de meus posts, bem como, de minhas fotos retiradas do meu perfil no Facebook. Permito que as mesmas sejam usadas e libero assim o direito de imagem para o professor e pesquisador Wagner Quintanilha.

Hérica Rocha
+55 63 8145 1529

Clique aqui para Responder ou Encaminhar

1,63 GB (10%) de 15 GB usados
[Gerenciar](#)

[Termos de Serviço](#) - [Privacidade](#)

Última atividade da c conta: Há 56 minutos
[Detalhes](#)

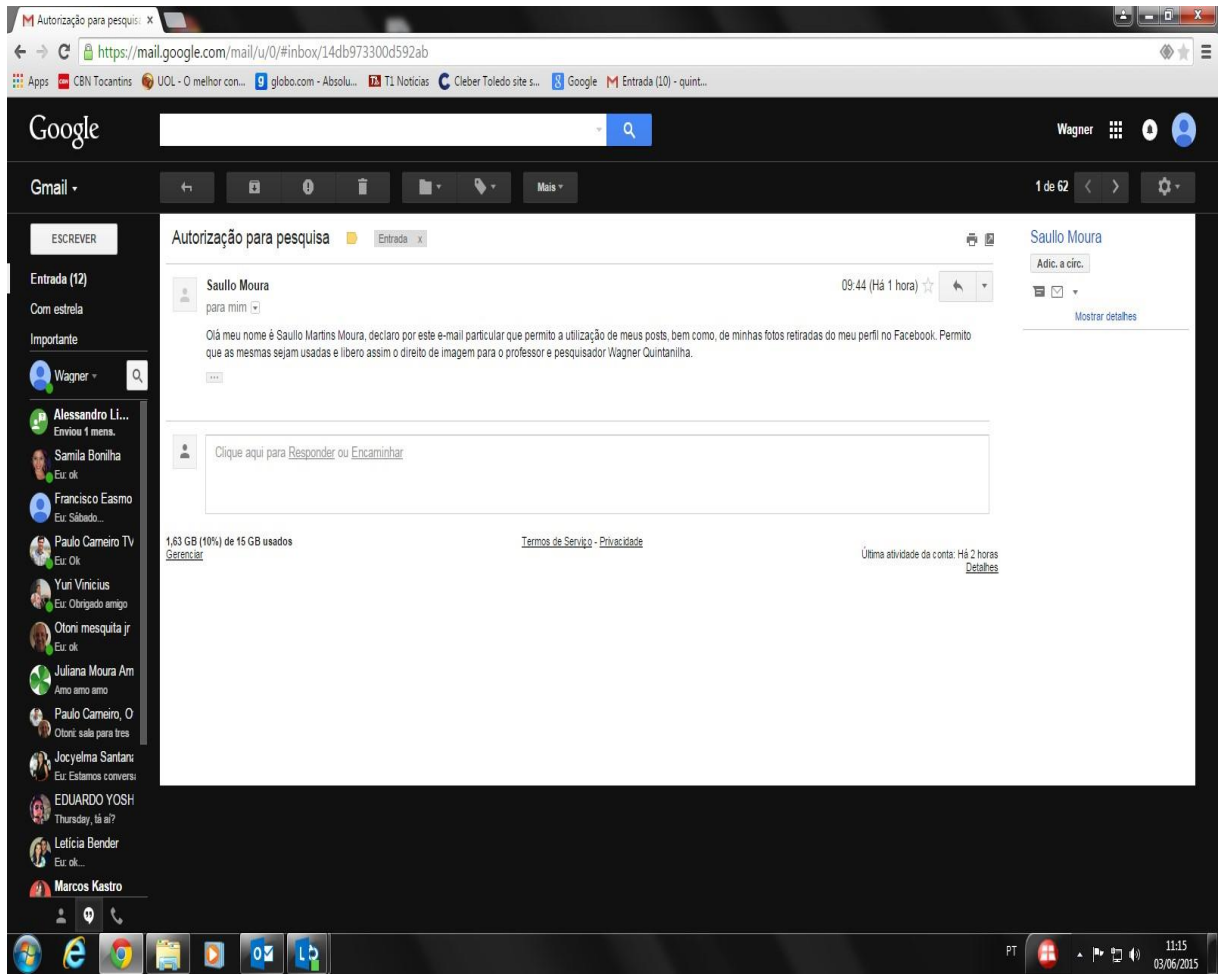
Onlinedating.jpg

CAPITULO 4_revist...docx

Mostrar todos os downloads...

PT 00:01
03/06/2015

Anexo 3: Autorização do acadêmico Saullo Martins Moura



Anexo 4: Autorização do acadêmico Rafael Felipe Ribeiro de Souza

The screenshot shows a Gmail interface with a dark theme. The main content is an email from Rafael Felipe, titled "Declaração - Facebook". The email text reads: "Olá meu nome é Rafael Felipe Ribeiro de Souza, portador do RG 421.333 SSP/TO declaro por este e-mail particular que permito a utilização de meus posts, bem como, de minhas fotos retiradas do meu perfil no Facebook. Permito que as mesmas sejam usadas e libero assim o direito de imagem para o professor e pesquisador Wagner Quintanilha." Below the text, there are social media links for Rafael Felipe on Facebook, Instagram, and Twitter, along with phone numbers (8403-2570 and 9236-4870). At the bottom of the email, it says "Econosco mudar. Desista do stand by. Poupe energia a 100%". The left sidebar shows a list of contacts, including Wagner, Alessandro Li..., Samia Bonilha, Francisco Easmo, Paulo Carneiro TV, Yuri Vinicius, Otoni mesquita jr, Juliana Moura Am, Paulo Carneiro, O, Jocyelma Santani, EDUARDO YOSH, Leticia Bender, and Marcos Castro. The top of the browser shows the URL "https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/14db9d098a6e6bda" and the time "11:26 (Há 20 minutos)". The system tray at the bottom shows the date "03/06/2015" and time "11:46".

Anexo 5: Autorização do acadêmico Walquerley Barros Ribeiro

